

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA**

Gilson Antônio Mathias

**SAMBA DO CORREDOR:**

**Uma forma de se educar coletivamente para relações sociais de tipo novo**

Belo Horizonte

2021

Gilson Antônio Mathias

**SAMBA DO CORREDOR:**

**Uma forma de se educar coletivamente para relações sociais de tipo novo**

Versão final

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional (PROMESTRE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação e Docência.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Conceição Clarete Xavier Travalha

Belo Horizonte

2021

M431s Mathias, Gilson Antônio, 1965-

τ

Samba do corredor [manuscrito] : uma forma de se educar coletivamente para relações sociais de tipo novo / Gilson Antônio Mathias. - Belo Horizonte, 2021.

121 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Conceição Clarete Xavier Travalha

1. Educação -- Teses. 2. Sociologia educacional -- Teses. 3. Música na educação -- Teses. 4. Música -- Aspectos educacionais -- Teses. 5. Música -- Aspectos sociológicos -- Teses. 6. Música -- Aspectos sociais -- Teses.

7. Samba -- Aspectos educacionais -- Teses. 8. Samba -- Aspectos sociológicos -- Teses.

I. Título. II. Travalha, Conceição Clarete Xavier. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG  
(Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP



## ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO GILSON ANTÔNIO MATHIAS

Realizou-se no dia 15 de dezembro de 2021, às 09:00 horas, por Videoconferência, a 312ª defesa de dissertação intitulada *SAMBA DO CORREDOR: UMA FORMA DE SE EDUCAR COLETIVAMENTE PARA RELAÇÕES SOCIAIS DE TIPO NOVO*, apresentada por GILSON ANTÔNIO MATHIAS, número de registro 2019654487, graduado no curso de ADMINISTRAÇÃO/DIURNO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Profa. Conceição Clarete Xavier Travalha - Orientadora (Faculdade de Educação - UFMG), Profa. Cláudia Starling Bosco (UFMG), Profa. Yone Maria Gonzaga (UFMG), Profa. Ana Paula Pedersoli Pereira (PBH).

A Comissão considerou a dissertação:

- Aprovada  
 Reprovada  
 Aprovada com indicações de correções

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para: \_\_\_\_\_

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.  
Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2021.

*CONCEIÇÃO CLARETE XAVIER TRAVALHA*  
Profa. Conceição Clarete Xavier Travalha ( Doutora )

*Cláudia Starling*  
Profa. Cláudia Starling Bosco ( Doutora )

*Yone Maria Gonzaga*  
Profa. Yone Maria Gonzaga ( Doutora )

*Ana Paula Pedersoli Pereira*  
Profa. Ana Paula Pedersoli Pereira ( Doutora )

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder saúde e sabedoria para seguir em frente nesta caminhada;

Aos meus pais, Geraldo e Hercília (Dona Fiota), in memoriam, pela minha criação, educação que fizeram de mim a pessoa que hoje sou, com todo amor do mundo e gratidão;

À minha família por todo apoio e incentivo em todos os momentos da minha vida;

À Andrea, minha esposa, ao Vitor Lucas, meu filho, por estarmos sempre juntos;

Agradeço à minha orientadora, TECA, com carinho, por sempre estar presente para indicar a direção correta que o trabalho deveria tomar, pela amizade;

Também agradeço a meu amigo “meu Guru”, Wellington Dias que sempre me ajudou com sua vasta experiência desde o início desta caminhada;

Agradeço todos que participaram e participam desta caminhada que não se encerra aqui: meus amigos de turma, todos os funcionários e professores do Promestre, muito obrigado;

E claro agradecimento mais que especial a todos que de uma forma ou de outra participa ou participou do nosso Samba do Corredor.

Agradecer a banca de qualificação Ana Paula, Yone, Cláudia, José Alfredo, Tiago Jorge pelas orientações e contribuições mais uma vez, muito obrigado.

*A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.*

Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 24).

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo fazer uma narração da roda de samba como forma de educar para o estabelecimento de relações sociais que sejam horizontais, coletivas e solidárias, as quais se caracterizam, segundo o sociólogo Oder José dos Santos (1993), como relações sociais de tipo novo. Assim, esta proposta se situa no espectro da resistência à perspectiva capitalista de sociedade, em contraposição a um modelo de projeto educacional que tem como um de seus parâmetros a meritocracia, na qual são privilegiadas a competitividade e o individualismo. Entende-se a roda de samba como espaço de acolhimento em que se pratica a experiência do encontro, da música e da arte, de forma coletiva e solidária, sem discriminação e hierarquia. Nela, os participantes atuam voluntariamente, de maneira espontânea, segundo sua intuição e suas construções pessoais, de acordo com suas sensações, percepções e sentimentos naquele momento. A temática central desta pesquisa é o Samba do Corredor, experiência que acontece nas dependências da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) há, aproximadamente, 10 anos, e que tem significativa participação da comunidade universitária de diferentes locais do *Campus* Pampulha da instituição. A partir de observações e reflexões sobre essa manifestação, busca-se apresentar a roda de samba como fator que contribui para a melhoria das relações interpessoais na universidade, com reflexos na qualidade de vida da comunidade acadêmica e diminuição e/ou prevenção das ocorrências de adoecimento. Nesta perspectiva, o referencial teórico compõe-se, principalmente, pela obra do pesquisador alemão Ferdinand Röhr (2013) e do sociólogo Oder José dos Santos (1992). Para a investigação, foi utilizada a pesquisa qualitativa, tendo como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e a observação participante. Os resultados advindos deste estudo poderão subsidiar a discussão sobre a implementação de espaços e produtos culturais alternativos, a exemplo da criação de núcleos culturais que poderiam utilizar os vários espaços que a universidade possui para a socialização da comunidade, nos quais pessoas e/ou grupos poderiam desenvolver projetos de arte articulados a objetivos de inclusão social e discutir diversos temas por meio de manifestações artísticas, promovendo a construção de saberes para além das salas de aulas, gabinetes e laboratórios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roda de samba. Relações sociais. Manifestações coletivas. Educação. Espiritualidade.

## ABSTRACT

This study aims to make the narration of the samba circle as a way of educating to establish social relations that are horizontal, collective, and solidary, characterized by, according to the sociologist Odeir José dos Santos (1993), as social relationships of a new type. This proposal is set in the context of the resistance to the capitalist perspective of society as opposed to the education Project model that has one of its parameters the meritocracy, in which preferred competitiveness and individualism. Here, the samba circle is understood as space for welcoming through which it is possible to exercise the experience of the encounter between music and art, in a collective, and solidary way, with no discrimination or hierarchy. In it, participants act voluntarily and completely spontaneously, according to their intuition and personal experiences, sensations, perceptions and feelings. The central theme of this study is the Samba do Corridor, an experience that has been carried out for approximately 10 years at the Faculty of Education of the Federal University of Minas Gerais (UFMG), and with the significant participation of the university community from different parts of the Pampulha Campus of this university. From observations and reflections on this cultural and artistic manifestation, the proposal is to present the samba circle as a factor that helps to improve the interpersonal skills at university, and it is reflected in the quality of life of academic community as well as prevention and reduction of illness. In this perspective, the theoretical frame of reference is mainly based on the work of the German researcher Ferdinand Röhr (2013) and the sociologist Odeir José dos Santos (1992). In the case of the present study, a qualitative approach was used, with bibliographical research and participant observation as methodological procedures. The results of this study could subsidize the discussions on implementing alternative spaces and products, as per setting up cultural centers which could use various spaces within the university for social interaction through which persons or groups of persons could develop artistic projects aiming at social inclusion and discuss various themes through artistic events, by promoting the production of knowledge beyond the classroom, offices and laboratories.

**KEYWORDS:** Samba circle. Social relationships. Collective manifestation. Education. Spirituality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Cavaquinho.....	13
Figura 02: Violão.....	19
Figura 03: Pandeiro.....	33
Figura 04: Roda de Samba do Corredor.....	38
Figura 05: Surdo.....	54
Figura 06: Tamborim.....	74
Figura 07: Dimensões básicas de acordo com seus graus de densidade material .....	75
Figura 08: Relação das dimensões transversais com as dimensões básicas.....	77
Figura 09: Participantes da pesquisa I.....	83
Figura 10: Participantes da pesquisa II.....	85
Figura 11: Participantes da pesquisa III.....	87
Figura 12: Participantes da pesquisa IV.....	89
Figura 13: Instrumentos utilizados em rodas de samba.....	90
Figura 14: Samba do Corredor I.....	92
Figura 15: Samba do Corredor II.....	93
Figura 16: Samba do Corredor III.....	94
Figura 17: Samba do Corredor IV.....	95
Figura 18: Pandeiro Samba do Corredor.....	100

## LISTA DE SIGLAS

ASSUFEMG	Associação dos Servidores da Universidade Federal de Minas Gerais
CEALE	Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita
CECIMIG	Centro de Ensino de Ciências e Matemática
CISME	Comissão Institucional de Saúde Mental
DAE	Departamento de Administração Escolar
DAST	Departamento de Atenção à Saúde do Trabalhador
DECAE	Departamento de Ciências Aplicadas à Educação
DMTE	Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino
FAE	Faculdade de Educação
FIEI	Formação Intercultural para Educadores Indígenas
LECAMPO	Licenciatura em Educação do Campo
PROMESTRE	Mestrado Profissional Educação e Docência
SINDIFES	Sindicato dos Trabalhadores nas Instituições Federais de Ensino
TAE	Técnico Administrativo em Educação
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFPe	Universidade Federal de Pernambuco
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. PENSANDO O PROBLEMA DA DISSERTAÇÃO.....	14
2 AS RELAÇÕES SOCIAIS NO CAPITALISMO E A UNIVERSIDADE .....	20
2.1 As relações sociais na universidade e o adoecimento da comunidade acadêmica,....	24
2.2 Pertencimento racial, graduação e pós-graduação.....	31
3 O SAMBA .....	35
3.1 Samba do Corredor .....	35
3.2 E o samba entra na academia! .....	39
3.3 Samba como elemento de denúncia social .....	41
3.4 Um breve relato da história do samba .....	43
4 O NEGRO RESISTE POR MEIO DO SAMBA.....	58
5 ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E SAMBA .....	80
6 DANDO VOZ AOS SAMBISTAS DA RODA DE SAMBA .....	89
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O SAMBA DA CONCLUSÃO NÃO CONCLUÍDA .....	94
PRODUTO EDUCATIVO.....	97
REFERÊNCIAS .....	101
APÊNDICE 1 - Roteiro de entrevista.....	107
APÊNDICE 2 – Letras das músicas empregadas nas epígrafes .....	108
ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	117
ANEXO 2 – Declaração de pesquisadores .....	119
ANEXO 3 - Termo de Compromisso de Utilização de Dados.....	120

## INTRODUÇÃO

### DA TRAJETÓRIA PESSOAL A QUESTÃO DA PESQUISA: APRESENTANDO O GILSON, UM POUCO DE MINHA HISTÓRIA E DE MINHA PRÁTICA SOCIAL

Se tem alguém aflito  
 Todo mundo chora,  
 Todo mundo sofre...  
 Mas se tem alguém cantando  
 Todo mundo canta  
 Todo mundo dança  
 Todo mundo samba  
 E ninguém se cansa  
 Pois minha casa  
 É casa de bamba

*Casa de bamba*, Martinho da Vila (1968).

Desde muito cedo, o samba faz parte da minha vida: morador da Vila Estrela, Bairro Santo Antônio, fui influenciado, ainda criança, pelo Bloco Caricato Invasores do Santo Antônio, pois sempre assistíamos aos ensaios do bloco. A minha família morava em um lote com mais três famílias, ou seja, três casas, onde residiam meus primos, tias e tios. Em casa, ouvia-se muito samba pelo rádio e, na época de carnaval, muito sambas enredos. Éramos muitas crianças, no dia seguinte aos ensaios, pegávamos latas de vários tamanhos e tocávamos como se fosse o bloco, tentávamos fazer igual, claro que não acontecia, mas fazíamos a nossa batucada. Posteriormente, tive a oportunidade de ensaiar e desfilar no bloco em plena Av. Afonso Pena, durante o carnaval, realizando assim meu sonho. Assim foi até os meus 15 anos.

Aos 16 anos, nos mudamos para o bairro Tupi, e o samba foi junto. Fizemos várias amizades no novo bairro, onde já morava outro primo. Juntos formamos um grupo para movimentar o bairro, a ideia era fazer atividades esportivas e culturais. Conseguimos montar um grupo de samba denominado Força Viva Samba Show, as atividades esportivas ficaram para segundo plano. Para a compra dos instrumentos, todos deveriam pagar, semanalmente, a quantia de 10 reais. Após a formação do grupo, fizemos apresentações no bairro e na região por mais de cinco anos.

Com a divulgação do grupo e do samba, fomos convidados a fazer parte do Bloco Caricato Terceira Dimensão, recém-criado para desfilar no carnaval de Belo Horizonte, primeiro bloco do bairro. Meu irmão foi convidado para comandar a bateria (composta por aproximadamente 50 pessoas) e eu fui junto. Meu outro irmão era o cantor (puxador de samba) e meu primo tocava cavaquinho no bloco. Como é possível perceber, tudo em família.

No primeiro ano, participamos do grupo de avaliação, isso para saber se bloco teria condições de desfilar no carnaval. Fomos bem avaliados e, no ano seguinte, já estávamos

disputando com os outros blocos tradicionais da cidade. Conseguimos nos classificarem sétimo lugar, entre 15 blocos, o que foi muito comemorado pela comunidade. Participamos do bloco durante quatro anos.

Paralelamente fazia apresentações com o grupo de samba Força Viva, normalmente tocava de quinta a domingo, em lugares diferentes (bares, festas em geral). Quando este grupo encerrou suas atividades, fazíamos reuniões abertas para tocar e contávamos com a participação de 15 a 20 pessoas. Assim, formamos outros dois grupos de samba. Nunca parei de tocar, fiz parte de vários grupos de samba, faço questão de citar: Força Viva, Sambambaia (o nome traz uma mistura do nome da planta samambaia e o samba), Divina Raça, ArtSamba, Grupo Argumento, Samba Caseiro. A valorização do profissional do samba é muito precária, os cachês são baixos, o que leva muitas pessoas a desistirem de tocar profissionalmente, preferindo se apresentar como *freelancer* (tocar sem fazer do grupo, profissional que atua sem vínculo) e, assim, participando individualmente de vários grupos diferentes, de acordo com a proposta financeira. É um fato, ocorre de forma diferente em outras cidades, como Rio de Janeiro ou São Paulo, onde os músicos são mais valorizados, o que força aquelas pessoas que querem investir na música como uma atividade profissional a se mudarem para essas cidades. Hoje as apresentações não são tão intensas como em outros tempos, mas não dá para ficar longe do samba e das apresentações, que muitas pessoas chamam de shows.

Sou oriundo de escolas públicas, onde cursei a Educação Básica/Ensino Fundamental e Ensino Médio, realidade comum às pessoas oriundas de camadas populares, tendo em vista que venho de uma família constituída por 10 filhos, educados de maneira simples, porém com muita perseverança devido à dedicação de meus pais. Minha mãe lavava roupas em casas de família, e meu pai era profissional da construção civil, armador, responsável por fazer estruturas de ferro utilizadas em construções. Meus irmãos mais velhos tiveram que trabalhar desde cedo para ajudar a criar os outros irmãos, fato comum em uma família de poucos recursos e tão numerosa.

Na casa da minha família, o samba tem cadeira cativa. Minha mãe contava que, quando era solteira, solicitava permissão a meu avô para ir à hora dançante. Coma negativa dele, ela pulava a janela para ir dançar, quando chegava, era repreendida, mas, no final de semana seguinte, fazia a mesma coisa. E essa vontade de dançar e sambar passou para os filhos, todos adoram o samba. Todas as reuniões familiares são regadas com muito samba, principalmente ao vivo. Além disto, somos frequentadores de casas de samba, shows etc. e o amor pelo samba vai passando de geração em geração.

No início de 1984, fiz concurso para trabalhar como técnico-administrativo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Aprovado no concurso fui chamado para

assumir o cargo em março de 1985, sendo lotado na Faculdade de Educação (FAE) da UFMG, onde trabalhei em vários setores administrativos. No primeiro momento, atuei na Seção de Serviços Gerais, em que foi possível ter uma visão geral de todo o funcionamento administrativo da instituição, no âmbito da faculdade e da universidade. Nesse espaço de trabalho, pude perceber uma importante característica da relação que se desenvolvia entre discentes, servidores administrativos e professores: uma divisão muito bem definida e delimitada entre as diferentes classes.

Posteriormente, trabalhei durante aproximadamente 15 anos na Seção de Apoio Administrativo da FAE, ocasião em que experimentei uma relação mais próxima com o público externo, cujo vínculo com a universidade configura-se, principalmente, na área comercial. Nessa mesma seção, funcionavam os setores de almoxarifado, patrimônio e compras e era realizada a mediação entre parte do público externo e a universidade, principalmente no setor de compras, do qual fui responsável direto por todas as aquisições da faculdade. O contato com empresas e vendedores era diário, e eu era responsável por todas as modalidades de compras, desde as chamadas compras diretas até as licitações e contratos.

Ao chegar à Universidade Federal de Minas Gerais, me senti muito confuso: ao mesmo tempo em que fui bem recebido por várias pessoas, sentia olhares diferentes, como se dissessem: o que você está fazendo aqui? Negros eram poucos nesse ambiente: poderia contar nos dedos de uma mão, poucos alunos negros; professores, um ou dois. Eu me perguntava que tipo de música será que essas pessoas ouvem? Samba? Muito difícil.

Uma coisa que me ajudou muito na adaptação é a forma como o samba nos ensina a viver com alegria, descontração. Nos momentos mais difíceis, procurava manter a calma e a descontração. Procurava atender as pessoas sempre com simpatia, o que faço até hoje, o que permitiu uma socialização mais tranquila. Como eram poucos negros na faculdade, percebia certa diferença no tratamento, não entendia o porquê. Como o passar do tempo, isso foi diminuindo. Parece que as pessoas pensavam que ali não era o nosso lugar.

As confraternizações eram constantes entre os técnicos. A cada três meses, comemorávamos os aniversariantes do período, escolhia-se a casa de alguém e ali se faziam as festas. A participação dos técnicos era muito boa e alguns professores apareciam nessas festas de vez em quando. Com certeza, os professores faziam suas reuniões festivas, mas eu nunca fui convidado. Os alunos dificilmente participavam de nossas festas. Nas nossas festas, rolavam todos os tipos de música e, para minha surpresa, samba e forró eram os ritmos mais tocados, como adoro dançar, minha participação era ativa.

Ao final do ano, acontecia a confraternização natalina, onde toda a comunidade da Faculdade de Educação era convidada. Normalmente, a festa acontecia nos corredores amplos do prédio, as pessoas tinham restrição de fazer festas natalinas fora do ambiente de trabalho, pois se entendia que festa de empresa tem que ser na empresa. Costumeiramente, era almoço de Natal. No primeiro momento, tocavam-se músicas mais tranquilas. Dispunham-se várias mesas espalhadas pelo corredor principal, e notava-se claramente que certas pessoas não se misturavam, enquanto alguns técnicos e professores passavam de mesa e mesa se cumprimentando, outros se isolavam.

Logo após o almoço, aí começava o que eu chamo de festa, mesas e cadeiras eram encostadas em algum lugar junto às paredes, abria-se espaço para o “baile”, tocavam-se diversos estilos de música, prevalecendo o samba e o forró, as pessoas dançavam da forma que sabiam fazê-lo, menos aquelas que continuavam isoladas. Em uma dessas festas, a minha primeira, como já estava ambientado e sempre sou extrovertido, ocorreu um fato marcante: combinei com outro técnico de convidarmos a diretora e a vice para dançar, ele concordou. Mas colocou uma condição, “como a ideia foi sua você chama a diretora eu chamo a vice”, concordei. Dirigi-me até a diretora da Faculdade e a convidei para dançar, muito gentilmente, aceitou. Enquanto estávamos dançando, percebi que todos haviam parado de dançar, só estávamos nós dois dançando samba. Até meu amigo estava assistindo. Depois questionei o porquê de ele não ter cumprido a sua parte do trato, ele me disse que não acreditaria que eu tivesse coragem de chamar a diretora para dançar. Algumas pessoas falaram que eu era muito atrevido dançando com diretora, mas ela gostou muito. Depois desse fato, em todas as festas de Natal, as pessoas passaram a incentivar que eu deveria dançar com a diretora ou com a vice, dependendo da gestão.

Com os discentes, sempre tive uma relação muito tranquila, sendo o funcionário homenageado por várias turmas, sempre participando da programação das formaturas. Claro que nem tudo são flores, em uma dessas formaturas, os alunos fariam a confraternização em um sítio e, como técnico homenageado, estava presente. Uma situação complicada foi quando a mãe de uma aluna veio até mim e perguntou se na faculdade não havia outros técnicos que se relacionavam com aquela turma. Percebi, na hora, “isso é, porque sou negro”, inclusive, nessa festa, eu era o único negro. Respondi a ela com toda naturalidade, são mais de 40 técnicos, mas cada turma elege os seus homenageados e eu fui eleito por 95% da turma.

Outro fato, numa demonstração de racismo na faculdade, foi quando eu era chefe da seção de compras. Tomou posse um professor novato, branco, que teria certa verba que deveria ser utilizada por intermédio da seção de compras. Ele foi orientado a ir até a seção e procurar o

Gilson, chefe da seção, de modo a obter as informações necessárias. Na época, trabalhávamos eu e outro técnico branco, e não havia identificação de quem era o chefe. O professor chegou, cumprimentou com um “bom dia”, sentou-se próximo à mesa do técnico e começou a falar sobre sua demanda: “tinha recebido certa verba e precisava gastar”. O técnico deu todas as informações necessárias, ele ficou muito satisfeito. Ao sair, ele se virou para técnico e falou: “as pessoas falaram que aqui eu seria bem atendido, muito obrigado, Gilson!” O técnico respondeu a ele: que bom que você ficou satisfeito, mas o Gilson é ele, apontando para mim. O professor ficou todo sem graça e disse que pensava que Gilson era o técnico. Eu só respondi: o importante é que você foi bem atendido.

Infelizmente, o preconceito está presente em nossas vidas e, quando você menos espera, é surpreendido com atitudes preconceituosas. Temos que estar preparados e não deixar que esse tipo de atitude se repita. Não achar que isso é normal, como muitos pensam, porque não é.

Figura 01: Cavaquinho - Composto quatro cordas (notas ré, si, sol e ré). Instrumento muito usado no Samba e no Choro



Fonte: acervo do autor

## 1. PENSANDO O PROBLEMA DA DISSERTAÇÃO: AS QUESTÕES VIVENCIADAS NO COLETIVO E A RODA DE SAMBA

É melhor ser alegre que ser triste  
Alegria é a melhor coisa que existe  
É assim como a luz no coração

*Samba da Benção*, Vinicius de Moraes e Toquinho (1967).

O elemento norteador deste estudo reside na experiência de 10 anos de um projeto informal que ocorre na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG), intitulado ‘Samba do Corredor’ e com isso relatar as relações sociais na universidade. Inicialmente, os trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação (TAE) da FaE se reuniam no intervalo do almoço, entre 13 e 14 horas, na sala de convivência da unidade, espaço criado para que pudessem ter momentos de relaxamento, em que se ‘jogava conversa fora’ para aliviar parte das tensões do trabalho e do estresse laboral do dia a dia. Posteriormente, surgiu a ideia de fazer, nesse recinto, uma roda de samba, às sextas-feiras, nesse mesmo horário. Entretanto, o grupo foi crescendo e atraindo atenções da comunidade universitária de tal forma que o espaço se tornou pequeno para tantas pessoas que lotavam o recinto.

Assim, os integrantes da roda de samba – servidores TAE, docentes e alunos - passaram a se reunir no corredor em frente à sala de convivência, também entre 13e 14 horas, horário que não interferiria nas atividades administrativas e acadêmicas desenvolvidas na faculdade, tais como o trabalho nos diversos setores, aulas, reuniões, congressos e outros eventos.

É importante ressaltar que tal atividade, não por coincidência, surgiu na Faculdade de Educação da UFMG, que tem por finalidade formar educadores voltados para a educação formal e não formal por meio de uma reflexão sistemática com foco na prática social.

A Faculdade de Educação tem aproximadamente 206 servidores, sendo 139 docentes, alocados em 03 departamentos - Departamento de Administração Escolar (DAE): 27; Departamento de Ciências Aplicadas à Educação (DECAE): 47; Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE): 65; e 67 TAE. Além disso, conta com dois Órgãos Complementares: o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) e o Centro de Ensino de Ciências e Matemática (Cecimig).

Os cursos da faculdade são: Pós-Graduação (*Strictu Sensu*): 02– Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (Mestrado: 108 alunos; Doutorado: 233, sendo 25 alunos do Doutorado Latino Americano e 12 do Dinter/UNB/UFMG); – Mestrado Profissional Educação e Docência (Promestre): 150 alunos; Cursos de Graduação: 04 - Pedagogia (323 estudantes no curso diurno e 259 no noturno); Pedagogia a Distância – UAB

(atualmente sem estudantes UAB); Licenciatura Intercultural para Educadores Indígenas – FIEI (140); – Licenciatura em Educação do Campo – Lecampo (130); Cursos de Licenciatura da UFMG, cujos estudantes fazem parte da formação pedagógica na FAE: 14 - Artes Visuais; Ciências Biológicas; Ciências Sociais; Dança; Educação Física; Filosofia; Física; Geografia; História; Letras (Português e Línguas Estrangeiras); Matemática; Música; Química; Teatro (FAE, 2021).

A FaE possui um serviço de relacionamento com a comunidade, o Fale com a FaE, que funciona como uma escuta acadêmica/administrativa. Como núcleo de escuta, o serviço atende estudantes da graduação e da pós-graduação, com demandas variadas que interferem na vida estudantil. É um órgão mediador, com o papel institucional de zelar pelo direito à manifestação e à informação do cidadão. Suas ações têm por objetivo oferecer à comunidade da FaE um meio institucional, humanizado e complementar de participação social e gerenciamento de conflitos, auxiliar no controle da qualidade dos serviços prestados, incentivar o exercício dos direitos dos cidadãos e contribuir para a formulação de políticas públicas.

O serviço permite dar voz a estudantes, docentes, técnicos administrativos e demais cidadãos dentro da FaE, transformando suas manifestações em elementos norteadores de melhorias na gestão local. A UFMG acredita que as manifestações apresentadas são importantes para a atuação dos dirigentes da universidade e favorecem a efetivação de mudanças.<sup>1</sup>

Diante do contexto apresentado, surgiu a presente proposta de estudo, cujo objetivo geral é narrar a experiência da roda de samba como forma de educar para o estabelecimento de relações sociais horizontais, coletivas e solidárias, como resistência à proposta de relações sociais individualistas e competitivas presentes na perspectiva capitalista.

Nossos objetivos específicos são: a) buscar caminhos que possam estimular a socialização e a integração dos diferentes segmentos, alunos, professores, técnicos administrativos em educação e profissionais terceirizados da Faculdade de Educação e de outras unidades da UFMG; b) reconhecer a cultura e o lazer como formas de integração da comunidade para o estabelecimento de relações sociais mais horizontais, coletivas e solidárias; c) pesquisar a roda de samba como fator de melhoria da qualidade de vida da comunidade acadêmica.

Ao longo dessa trajetória, fomos guiados por uma pergunta: a roda de samba que acontece no ambiente acadêmico poderia desenvolver um potencial formativo e educativo no sentido da construção de relações sociais de tipo novo?

---

<sup>1</sup>O serviço de escuta pode ser acessado por meio do link <https://www.fae.ufmg.br/servicos-de-atendimento-2/>. Acesso em: 14 nov. 2021.

Relações sociais de tipo novo se caracterizam, segundo o sociólogo Oder José Santos (1992), por relações que visam a uma maior integração, onde haja interação de todos, onde se criam vínculos de solidariedade entre aqueles que dela participam, onde se privilegiam as relações horizontais, favorecendo a coletividade em oposição às relações baseadas na tecnologia capitalista, que favorecem o individualismo e a concorrência. Para tanto, as relações irão demandar que seus membros estabeleçam novas formas de interação, visando aumentar as iniciativas e as motivações, bem como o trabalho em equipe.

A roda é composta por pessoas que gostam do samba, que tem o samba no seu cotidiano, pessoas que aprenderam a gostar por influência de familiares e relações sociais; há também pessoas que preferem outros estilos de música e percebem no samba uma extensão do circuito musical; pessoas que querem participar, relaxar, estar juntas com outras pessoas em ambiente diferenciado.

São TAEs que estão trabalhando em jornada de até 40 horas semanais. Eles, através dos cargos em que atuam, têm relação e interação com pessoas de todos os setores da universidade, onde são desenvolvidas atividades de ensino, pesquisa, extensão e de gestão. Alguns são investidos em cargos de direção ou funções de chefia, com a missão de gerenciar e administrar a instituição, visando prestar um bom serviço público à sociedade.

São professores da Instituição de Ensino Superior que se dividem em atividades didáticas, de pesquisa, extensão e administrativas. O professor tem um papel importantíssimo na formação do aluno.

São estudantes de graduação, especialização, mestrado e doutorado que, dentro das suas possibilidades, participam da roda de samba. O estudante é a razão da existência da universidade, por isso é fundamental que o estudante se envolva bastante com a própria universidade, indo além dos conteúdos da sala de aula. Ele deve exercer papel ativo, aprofundando seus conhecimentos sobre os conteúdos ministrados em sala de aula, sendo capaz de aplicar os conhecimentos aprendidos em outras áreas de seu interesse. Devem tentar superar problemas como falta de motivação e de comprometimento; individualismo; preocupação apenas com a nota e dificuldades de interpretação.

Participam também os funcionários das empresas terceirizadas, esses não têm a oportunidade de participar ativamente das atividades da universidade. Os serviços terceirizados referem-se às “atividades meio” das empresas. Ou seja, aquelas que não estão relacionadas, diretamente, com as atividades essenciais para as quais a instituição de ensino se constitui, mas são atividades de muita importância. Atividades meio são aquelas não relacionadas, diretamente, com as atividades-fim da empresa.

Outro grupo que se faz presente nas rodas de samba é composto, ainda, por aqueles que denominamos “visitantes”, são pessoas que vão à universidade para se informar das condições, vão buscar algum documento, conversar com um técnico ou professor. Muitos desses visitantes voltam várias vezes e reservam datas em suas agendas para participarem do Samba do Corredor, demonstrando que querem promover um ambiente diferente em suas unidades de trabalho.

Como as rodas de samba acontecem no horário de almoço, as pessoas conseguem alguns minutos neste intervalo de suas atividades acadêmicas. Alguns, vão em busca de um ambiente onde não exista preconceito social, todos são iguais e participam de forma horizontal e solidária.

A escolha dos participantes desta pesquisa obedeceu a dois critérios: antiguidade dos participantes e frequência na roda. Foram escolhidos para entrevistas cinco participantes entre servidores técnico-administrativos, professores e estudantes. Buscamos ter uma visão equitativa dos diferentes segmentos da faculdade, com o objetivo de identificar como se estabelecem as relações durante a roda de samba e analisar as percepções dos participantes sobre o evento como um todo.

Apresentamos os sujeitos com pseudônimos como forma de manter sua privacidade, A escolha de instrumentos de samba foi uma forma de trazer a relação das pessoas na roda de samba com a função de cada instrumento. Não são os instrumentos que as pessoas tocam na roda de samba, mas o simbolismo dos instrumentos na roda. Por exemplo, o violão é instrumento que pode ser tocado em vários estilos de músicas, sempre abrindo novas possibilidades de sua utilização; o tamborim utilizado para dar os efeitos em uma bateria de escola de samba e na roda de samba faz o seu teleco teco, o tamborim possui variações ricas, que dão personalidade ao som da bateria; o cavaquinho centraliza todo o samba junto com o violão; o pandeiro na roda de samba ajuda a conduzir o ritmo, instrumento que pode ser utilizado em vários outros estilos de música, assim como o reco reco responsável pela base sustentação do samba.

**Tamborim:** Estudante do 9º período de graduação em Pedagogia na UFMG, concluirá o curso em fevereiro de 2022. Gosta de participar sempre de forma diferente das rodas de samba, trazendo cada dia um instrumento ou convidado diferente.

**Violão:** Funcionário da UFMG, casado, residente em BH, atualmente trabalhando na Faculdade de Educação, participante assíduo com seu jeito sério, sempre procurando cada vez mais melhoria na qualidade do samba, buscando novos estilos de músicas

**Cavaquinho:** funcionário público, aposentado, tecnólogo em administração, 59 anos, participativo sempre procurando estar à frente, incentivando a participação de todos.

Dentre outros participantes, destaco Pandeiro, estudante de pedagogia, 23 anos, que adora curtir a vida; sempre trazendo novidades para roda de samba, sua alegria lembra as platinelas de um pandeiro, sempre se destacando.

Reco Reco, professor, estudante de doutorado da Faculdade de Educação. Pessoas que curtem o samba, e tem uma participação muito ativa durante as rodas de samba. Sempre preocupado, do seu jeito, com condução e continuidade das rodas de samba.

Para realizar este estudo utilizamos como metodologia a pesquisa qualitativa de caráter participativo, com a adoção de procedimentos metodológicos que, para além da pesquisa bibliográfica, permitem que a investigação se configure como uma pesquisa qualitativa, que buscou por meio da realização de entrevistas semiestruturadas, a coleta de impressões, opiniões e pontos de vista dos participantes da roda de samba. Essas narrativas se constituíram a partir da interpretação da realidade trazida pelos sujeitos, uma vez que buscamos considerar suas experiências e memórias como componentes que estão diretamente ligados às suas trajetórias de vida. Assim, não se buscará quantificar o fenômeno Roda de Samba do Corredor, mas descrevê-lo, o que caracteriza, portanto, a pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (2001),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21-22).

A escolha por entrevistas semiestruturadas justifica-se por se tratar de um método mais espontâneo, em que o entrevistado tem um espaço de maior liberdade de expressão para se colocar. Entrevistas presenciais, realizadas após as rodas de samba do corredor, colocaram-se como a nossa opção original, entretanto, em razão da pandemia resultante do novo corona vírus, foram realizadas de maneira virtual, pois as rodas de samba foram suspensas para que fosse possível evitar a disseminação do vírus. A forma ideal de realização das entrevistas seria em meio às atividades, o que permitiria colher as impressões dos envolvidos diretamente durante os eventos. Entretanto, atendendo a sugestão dos participantes, foram feitos alguns questionários e, posteriormente, as entrevistas, estas que se transformaram em entrevistas narrativas pela qualidade e potencialidade das respostas dos entrevistados.

As rodas de samba, assim como grande parte de nossas atividades, também foram interrompidas pela pandemia.

Assim como todo mundo, fomos pegos de surpresa com a pandemia, pensávamos em desenvolver nosso projeto de uma forma presencial e participativa nas rodas de samba; fomos obrigados a alterar o projeto sem perspectiva de tempo, sem saber por quanto tempo. As coisas foram acontecendo e tivemos que nos adaptar, muitas vezes aproveitando para dedicar mais ao referencial teórico.

No período da pandemia, sentimos falta do contato maior com a sociedade, com as rodas de samba, ficamos muito preocupados como desenvolver a pesquisa, devido principalmente, a impossibilidade deste contato.

Vivemos um cenário complicado que afetou todo mundo, a incerteza tomou conta, o que fazer? Em meio à pandemia, a grande expectativa por uma vacina contra a covid-19, preocupação com nossos familiares, amigos e com a humanidade, já que a pandemia é mundial, momentos de muita turbulência, não foi fácil. Trazemos mesmo com a pandemia e as dificuldades vividas os temas e autores que nos proporcionaram caminhar e definir o rumo da pesquisa.

Figura 02: Violão – Usado na MPB, no Samba, no Choro. Feito em madeira, ele pode ter seis ou sete cordas, as quais podem ser dedilhadas ou tocadas com palheta.



Fonte – acervo do autor

## 2. AS RELAÇÕES SOCIAIS NO CAPITALISMO E A UNIVERSIDADE

É mais-valia pra cá,  
Capitalismo é selvagem  
É global.  
É mais-valia pra cá,  
Tempo roubado do trabalho social.

*Samba da mais valia, Sérgio Silva (2005).*

Na sociedade contemporânea, o modo de produção vigente se insere no modelo capitalista, cujo principal objetivo é a obtenção de lucro. Para que isso ocorra, uma grande parcela de pessoas trabalha para garantir a satisfação de suas necessidades básicas, enquanto o lucro que é gerado pelo sistema só aumenta e fica concentrado num pequeno grupo. Assim, pode-se entender que existem dois cenários distintos na economia capitalista: o processo de produção da mercadoria e, no outro cenário, o produto acabado. Oder Jose dos Santos (2001) afirma que, sobre uma mesma realidade, existem duas práticas sociais que se expressam em dois campos distintos:

O campo da prática dos trabalhadores, o da produção de mais-valia; de outro, o dos capitalistas, o da apropriação/realização da mais-valia. Melhor dizendo: a vida econômica começa para o capitalista onde acaba para os trabalhadores. Isso ocorre porque os trabalhadores não participam dos processos de apropriação/realização e distribuição da mais-valia; nem sequer acompanham as fases da vida dos produtos (SANTOS, 2001, p.29).

O trabalhador não participa do processo de comercialização da mercadoria, pois sua presença vai somente até o final da produção, já que não participa dos processos de distribuição, circulação / comercialização do produto.

Assim, fica compreendida a distinção entre a prática social dos trabalhadores e a prática social dos que detém o poder. Antes da existência do sistema capitalista, cada pessoa produzia para suprir suas próprias necessidades, participava de todo o processo, desde a fabricação até a comercialização do produto final. Com o surgimento do sistema capitalista, a produção passa a ser voltada para a lógica do lucro, com a comercialização a um preço maior que os custos investidos. Nesses custos, estarão incluídos o tempo despendido pela mão de obra do trabalhador ao produzir a mercadoria.

Os capitalistas não adquirem apenas o produto do trabalho, mas, fundamentalmente, o direito ao uso da força de trabalho. A classe trabalhadora não tem controle do processo produtivo e essa impossibilidade de controlar o processo de trabalho configura-se como o ponto central do sistema. De acordo com Santos (2001):

A produção e a formação da força de trabalho no sistema capitalista devem ser consideradas no mesmo nível da produção de qualquer bem ou serviço. E sendo inseridas no âmbito da mais-valia, são regidas pela lei do valor. Essa formação assume, portanto, no capitalismo não só uma determinada direção ou certo sentido, mas também despende determinada quantidade de tempo e, por conseguinte, adquire uma determinada qualificação (SANTOS, 2001, p.31).

Com o passar do tempo e o desenvolvimento do capitalismo, exige-se uma formação da força de trabalho de formas diferenciadas. Se, na fase inicial do capitalismo, predominava a exploração do componente manual do trabalhador, agora a preponderância está na exploração do componente intelectual, uma vez que a produtividade repousa, cada vez mais, em trabalhos complexos. Segundo Santos (2001), no início, os trabalhadores aprendiam a trabalhar com a própria prática e não havia necessidade de educação especializada.

Já na época do taylorismo-fordismo, era suficiente saber ler, escrever e contar. Hoje, avulta-se a importância da formação genérica dos jovens trabalhadores para que ela sirva de base para as formações específicas e, além disso, facilitar-lhes mobilidade inter profissional. Acrescente-se, ainda, a necessidade de maior flexibilidade mental, maior capacidade de expressão e de tomar iniciativas, bem como trabalhar em equipe. Eis os requisitos necessários à organização do processo de trabalho em sistemas flexíveis. Com efeito, a educação básica, é o suficiente, devem-se acrescer, fundamentalmente, novas formas de relacionamento social exigidas pelos trabalhos em grupo ou em equipes que lhes proporcionem qualidades como responsabilidade e iniciativa (SANTOS, 2001, p.31).

Atualmente o mercado de trabalho, segundo uma perspectiva capitalista, busca trabalhadores com perfil diferente daquele exigido há alguns anos: profissionais criativos, que saibam se comunicar bem com pessoas dos mais variados níveis, profissionais que se preocupem com as relações sociais nas empresas, profissionais que saibam avaliar. A busca se dá com o objetivo de aumentar a produtividade e o lucro, pilares da exploração capitalista.

As escolas têm um papel primordial na formação dessa força de trabalho, e as universidades estão dentro desse contexto, não só para formar a mão de obra como, principalmente, para atender outros tipos de competências, de habilidades, de disposições e de relacionamento social próprios dos trabalhadores atuais e as exigências do mercado de trabalho. As universidades conseguem por formar profissionais com excelentes habilidades técnicas em sua área de especialização, mas com pouco conhecimento em outros campos, como as habilidades interpessoais e, principalmente, habilidades para construir boas relações sociais.

O governo é responsável pela manutenção da universidade pública, com parte significativa dos recursos destinados à manutenção da instituição (água, luz, mobiliário, telefone, pagamento de pessoal terceirizado, dentre outras) e outra parte da verba destinada à

pesquisa, sendo administrada pelas agências de fomento que distribuem os recursos por meio de financiamento de projetos. As agências de fomento publicam edital chamando as universidades, e seus pesquisadores a desenvolverem projetos para participar desses editais. Como nunca há verba suficiente para o atendimento de todos os projetos inscritos, são criados mecanismos quantitativos para medir produtividade e atender as exigências das agências.

Nessa perspectiva, vivencia-se, na universidade, um ambiente cada vez mais competitivo para atendimento das exigências e aprovação de projetos, afetando diretamente a qualidade de vida dos envolvidos. É preciso considerar que, em razão dessas disputas e busca por resultados, as pessoas estão adoecendo cada vez mais, com alto nível de estresse, depressão e isolamento social. Em função dessas condições, vive-se um ambiente, às vezes, perverso, em que as pessoas estão se sacrificando para alcançar seus objetivos.

Muito tem se discutido acerca do assunto e é preciso estar consciente de que a busca por uma carreira acadêmica não é fácil, sendo necessária muita dedicação para seguir nela. Há excesso de trabalho, o que, muitas vezes, impõe dedicação depois do horário do expediente, aos sábados, domingos e feriados, característica da categoria dos professores em qualquer nível. Com relação aos estudantes, às vezes, há grande incerteza quanto à expectativa de encontrar trabalho ao término dos estudos.

Outro tipo de mudança está acontecendo na sociedade, colocando em xeque as antigas estruturas. Segundo Hall (1997),

Um tipo distinto de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final deste século, fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnicidade, raça e nacionalidade que nos deram localizações sólidas como indivíduos sociais. Estas transformações estão também modificando nossas identidades pessoais, enfraquecendo nossa percepção de nós mesmos como sujeitos integrados (HALL, 1997, p.5).

O homem está buscando outros espaços, correndo atrás dos seus direitos, de suas aspirações, lutando contra todo tipo de preconceito. Os movimentos sociais se tornaram os maiores precursores de mudanças sociais nos últimos anos, de modo que a luta pelo fim da discriminação racial e pela diminuição das desigualdades sociais são responsáveis por grandes avanços. Os movimentos dos trabalhadores sem-terra, sem moradia, lutam por melhorias na vida dos trabalhadores em todos os países.

As mudanças também ocorrem no capitalismo, que passou a ser transnacional, com as empresas assumindo, inclusive, o espaço do Estado. Passamos de um período em que o papel principal de constituição das condições gerais de produção cabia ao Estado, observa-se hoje, o aparecimento de novos polos integrativos formados pelas grandes empresas (SANTOS 1997).

Assiste-se, cotidianamente, à importância que essas empresas têm assumido, ao estreito relacionamento entre elas e, acima de tudo, à manifestação cada vez mais clara deste novo aparelho de poder. É facilmente observável a intervenção cada vez maior das empresas não só na planificação geral da vida econômica, antes prerrogativa exclusiva dos governos, mas também em todas as esferas do social e do cultural (SANTOS, 1997, p.84).

As empresas exercem grande influência nas estruturas de poder: elas investem na eleição de políticos que possam defender seus interesses no cenário político nacional. No governo atual, por exemplo, é grande a influência da bancada do agronegócio, que defende os interesses dos grandes produtores rurais, e da bancada da bala, que defende os interesses dos produtores de armas, assim como a liberação do seu comércio, dentre tantas outras.

Pode-se afirmar que, com o novo papel de hegemonia das empresas diante do capitalismo, surgem novas formas de relações sociais, novas instituições sociais, novas formas de inserção dos indivíduos no mercado de trabalho, novos conceitos, novos princípios e parâmetros. Essa mudança ocorre proporcionada pela busca de maior produtividade. Santos (1997) observa que o papel das instituições encarregadas da formação do trabalhador é prepará-los, considerando-se as características fundamentais da produção, bem como o atendimento das exigências do mercado capitalista. Desse modo, pode-se dizer que o sistema educacional, no capitalismo, adquire uma forma organizacional capitalista.

A instituição escolar não pode ficar imune a alterações tão profundas. Ela é uma das instituições básicas para a produção e reprodução da força de trabalho. Ela se insere no interior do processo de produção de mercadorias processo complexo em que trabalhadores produzem e formam novas gerações de trabalhadores. Isto é força de trabalho sendo usada na produção de outra força de trabalho. É a força de trabalho vendida pelos trabalhadores do ensino, no interior de uma certa instituição de ensino - uma escola - que contribui para a formação de futuros trabalhadores (SANTOS, 1997, p.85).

Como pensar em mudanças no sistema educacional para atendimento dessa nova realidade do mercado? Deve-se pensar não só na alteração do conteúdo ensinado nas escolas, mas também nas relações sociais presentes nas instituições de ensino, traduzidas pela distribuição e produção de conhecimento (SANTOS, 1992). É necessário pensar em alternativas reais ao modo de produção capitalista, bem como promover alterações nas relações sociais vigentes no interior das escolas, de modo a redesenhar relações hierárquicas, individualistas, concorrenciais. Segundo Santos (1992):

Neste processo, ou nessa ação prática que se processa, os trabalhadores estabelecem relações do tipo novo, configurando uma nova totalidade que defronta com outra totalidade: as relações sociais capitalistas organizadas pelo Estado. No interior dessa nova totalidade, desse novo modelo social alternativo ao capitalismo, os trabalhadores, ao estabelecerem relações coletivas, igualitárias e solidária entre os

explorados, expressam princípios organizadores da nova sociedade, o que implica, necessariamente, em uma nova escola. (SANTOS, 1992, p.124).

Para Santos (1992), a questão escolar é mais complexa e mais ampla, ela se verifica, sobretudo, na reorganização das relações sociais vigentes em seu interior, pois os trabalhadores propõem relações sociais do tipo novo, baseadas no coletivismo, na igualdade, na solidariedade, na participação ativa de todos.

Nesse sentido, esta pedagogia terá como referência básica não a sala de aula composta de uma soma de alunos isolados entre si requeridos pelo individualismo das relações capitalistas, mas uma sala de aula integrada, onde haja interação de todos, onde se tecem teias de solidariedade sobre aqueles que dela participam dela. As relações hierárquicas e diretas dos alunos com seu professor, inspiradas na tecnologia capitalista, favorecem o individualismo, a concorrência, e impedem relação direta dos alunos entre si. Dessa forma, individualiza-se o processo pedagógico e transformam-se seus problemas em questões psicológicas. (SANTOS, 1992, p.125).

Nas universidades, há registros de muitos problemas de adoecimentos, como depressão, tanto de professores como de alunos, que podem ter sido influenciados por esse individualismo, pelo ambiente de disputa que existe nas instituições. As cobranças e as pressões fazem parte desse cotidiano e, algumas, são até naturais; o mais importante é evitar que elas tenham influência negativa sobre o ambiente e as pessoas. É necessário que se aprenda a lidar com elas. Na universidade, a busca pela produtividade, pela competição, pode contribuir para acarretar o fim da solidariedade, do companheirismo e, assim, prejudicar as relações sociais.

Observando e vivenciando, no cotidiano, o adoecimento dos integrantes da comunidade universitária, muitas vezes em razão do estresse do dia a dia, advindo de uma grande carga de trabalho e ou de estudo excessiva, que pode comprometer a qualidade de vida das pessoas, propôs-se, neste estudo, a partir da experiência do Samba do Corredor na FaE, compreender o samba como meio de socialização, integração e contribuição para a melhoria da saúde mental e da qualidade de vida da comunidade acadêmica.

## **2.1. As relações sociais na universidade e o adoecimento da comunidade acadêmica**

Eu vou ao samba  
Porque longe dele eu não posso viver  
Com ele eu tenho de fato uma velha intimidade  
Se fico sozinho ele vem me socorrer

*Eu canto samba*, Paulinho da Viola (1987)

Historicamente, servidores vêm lutando pela jornada de trabalho de 30 horas. No Brasil, existem algumas Universidades que já adotaram o novo regime, como a Universidade de Brasília (UNB), com resultados positivos. Na UFMG, essa conquista veio com muita luta uma

conquista que hoje é parcial, pois nem todos os técnicos foram contemplados, além de várias condições terem sido impostas, como: atendimento no horário noturno, atendimento ininterrupto, número de funcionários suficiente no setor para atendimento da demanda etc.

O Decreto 1590/95 seu art.1 estabelece que a jornada de trabalho dos servidores públicos da administração direta, autarquias e as fundações públicas federais sejam de oito horas diárias ou 40 horas semanais. Em 2008, aconteceu o Dia Nacional de Luta e Mobilizações pela Redução da Jornada de Trabalho, sem redução de salários, “a medida é, inclusive, recomendação da ONU, que entende que a jornada de 30 horas é melhor para os (as) Trabalhadores (as) e usuários. ” (FASUBRA, 2018, p.68) e pela Ratificação das Convenções 151 e 158 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Ações promovidas pela FASUBRA Sindical. (SABINO, 2021, p. 48)

A luta pela jornada de trabalho de 30 horas semanais sem redução salarial é uma batalha histórica, com aspectos de conquistas e regressões. As conquistas refletem a redução gradativa da jornada como uma vitória dos trabalhadores no confronto capital *versus* trabalho. Em contrapartida, o capital encontra mecanismos para burlar a redução da jornada, com medidas que camuflam o caráter de exploração implícita, como a intensificação do ritmo do trabalho, por exemplo.

Os argumentos a favor da jornada de 30h defendida pelo sindicato eram que o acúmulo de jornadas ou a jornada muito extensa de trabalho, provoca nos trabalhadores, em médio prazo, doenças graves, como: estresse, depressão, doenças ocupacionais, abuso de álcool e a dependência química. As 30 horas possibilitariam melhoria nas condições de trabalho, qualidade de vida e atendimento à população. (SABINO, 2021, p. 48)

Para muitos técnicos, essa conquista trouxe muitos benefícios, pois ganham em qualidade de vida, com mais tempo para lazer, família, estudos e descanso. Para a universidade, foi evidente o aumento da produtividade, com ampliação dos horários de atendimento ao público. Para alguns técnicos, nos quais me incluo, foi um incentivo ao retorno aos estudos. Muitos já tinham a graduação e almejavam a possibilidade de entrar ou tentar uma pós-graduação (mestrado ou doutorado), o que se tornou mais factível com a redução da carga horária de trabalho.

Recentemente, em minha prática como servidor técnico-administrativo na secretaria do Programa de Pós-Graduação, em que atuo desde 2011, especialmente no setor de Auxílio ao Estudante, na convivência mais próxima com esse segmento, tenho presenciado alguns episódios e dificuldades relatadas pelos discentes, ficando diante de uma realidade da qual acreditava estar distante. Escuto alunos do mestrado e do doutorado falando em desistir do curso; outros comentando que o colega de turma estava tomando medicação indicada para ansiedade ou estresse; alguns reclamando de solidão e outros lamentando por não compreenderem o que estava lhes acontecendo, pois não conseguiam escrever. Também existem os que nem querem ouvir falar de tese ou dissertação, por sentir em que essas falas

remetem a uma cobrança. Presencio, ainda, alunos se afastando dos estudos por motivo de depressão e outros que não conseguem passar para o papel suas ideias e, por isso, sofrem com a sua condição.

Uma situação recorrente é a reclamação de alguns alunos a respeito dos programas de pós-graduação que exigem a sua participação em eventos, sem, entretanto, oferecerem formas de custeio financeiro para cobrir as despesas com essas participações, uma vez que os eventos, normalmente, ocorrem em outras cidades, estados e até mesmo em outros países. E, muitos deles, quando finalmente concluem o curso, após a defesa das dissertações ou teses, em vez da alegria pela etapa concluída, afirmam: “Graças a Deus, terminei! ”, como se esse momento fosse o fim de um martírio. Por outro lado, há alunos que fazem do momento da defesa um ato festivo, convidando familiares e amigos para desfrutar dessa ocasião especial, considerando o final do curso como mais uma etapa de suas vidas, como um estímulo para a busca de novos desafios.

Uma grande parte dos estudantes precisa de bolsas de estudo, habitação, transporte adequado, políticas de assistência social e respeito à sua identidade racial, de gênero e orientação sexual para continuarem estudando, pois, o sofrimento é cada vez maior na universidade.

Assim, no início de meu trabalho no setor de pós-graduação, acreditava que as dificuldades físicas e emocionais relatadas por alguns alunos eram fatos isolados, entretanto, cada vez mais, as tenho presenciado. Em uma revisão de literatura inicial e em diálogo com diversos alunos e ex-alunos, pude perceber que essa é uma discussão ampla, que vem crescendo em diferentes locais e países. Além disso, em contato com outros setores de pós-graduação e de graduação da UFMG, tomei conhecimento de que casos de estresse e depressão, infelizmente têm sido comuns nas instituições.

Com relação aos TAEs, é possível afirmar que esse segmento da comunidade universitária vivencia uma situação bastante séria: não se promove a substituição dos aposentados, os concursos tornam-se cada vez mais raros e a instituição busca, na terceirização,<sup>2</sup> a solução para os problemas mais imediatos. Essa solução se torna apenas uma forma de escamotear o problema, pois os trabalhadores terceirizados não têm estabilidade, podem ser trocados facilmente de local de trabalho, de setor ou até mesmo ser demitidos. Esse quadro é justificado, de acordo com a gestão, como consequência da falta de recursos ou por algumas

---

<sup>2</sup>Terceirização é a contratação de serviços por meio de empresa, intermediária (interposta) entre o tomador de serviços e a mão de obra, mediante contrato de prestação de serviços. A Terceirização tem sido uma constante no serviço público para substituir a mão-de-obra efetiva, pela não realização de concursos públicos.

decisões tomadas no âmbito da política econômica do Governo Federal, que se refletem diretamente na universidade. Assim, o excesso e a sobrecarga de trabalho, bem como a pressão do dia a dia, podem trazer transtornos aos trabalhadores, que nem sempre têm a quem recorrer em busca de ajuda especializada.

Os TAE, no desempenho de suas funções, são pressionados por diversas ações como, por exemplo, a instalação de ponto eletrônico, implantado com o objetivo de ‘garantir meios mais eficientes’ para o controle de jornada de trabalho. Entretanto, não há, na universidade, registro de estudos e pesquisas anteriores para verificar a adequação desse instrumento de controle às peculiaridades do trabalho. Como consequência de sua implantação, feita de modo acelerado e sem planejamento, aconteceram vários problemas tanto para a administração quanto para a saúde dos técnico-administrativos, que vivenciam mais uma forma de controle de seu trabalho.

De maneira semelhante, a categoria dos docentes da instituição é constantemente pressionada em razão de diversos fatores, tais como a imposição das agências de fomento para desenvolverem pesquisas ou fazerem publicações, visando à elevação dos padrões quantitativos de concorrência por verbas, além dos encargos administrativos que devem assumir e os desafios do dia a dia no espaço acadêmico e na sala de aula. Nesse sentido, Gasparini, Barreto e Assunção afirmam que:

Na atualidade, o papel do professor extrapolou a mediação do processo de conhecimento do aluno, o que era comumente esperado. Ampliou-se a missão do profissional para além da sala de aula, a fim de garantir uma articulação entre a escola e a comunidade. O professor além de ensinar, deve participar da gestão e do planejamento escolares, o que significa uma dedicação mais ampla, a qual se estende à família e à comunidade. (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005, p.189).

Além disto, um dos grandes desafios vividos pelos professores é buscar a ampliação dos conhecimentos das diferentes áreas de formação, de maneira a integrá-los à prática social, fazendo com que os alunos vejam a conexão entre aquilo que estão estudando e a prática, trazendo o ensino para mais próximo da vida.

A pós-graduação é um desafio: não importa em qual universidade se estude ou a área de pesquisa escolhida, o estudante terá de gerir um significativo volume de trabalho e equilibrar seus compromissos acadêmicos com outras responsabilidades. Para os estudantes de pós-graduação com família constituída, manter esse equilíbrio pode ser realmente difícil. E outros, embora estejam em uma faculdade, sofrem tratamento preconceituoso em relação à classe social, à raça e, principalmente, ao gênero. Assim, o comportamento e o estilo de vida dos indivíduos podem ter um impacto significativo no desenvolvimento ou na exacerbação das doenças.

São muitas as dificuldades emocionais e sofrimentos pelos quais passam alguns alunos, principalmente nos cursos de mestrado e doutorado, embora não apenas neles. Esse é um dos motivos que levaram à presente investigação, que pretende compreender como a arte, particularmente a música, pode auxiliar na melhoria da qualidade de vida das pessoas. É possível questionar como um servidor da área administrativa de uma universidade pública, sem formação específica em saúde, pode contribuir, ainda que minimamente, para propor formas de redução dessas dificuldades, bem como para a melhoria da qualidade de vida das pessoas; entretanto, a convergência das questões e a transversalidade das áreas de estudo, da ação e da prática, levam este autor a ousar sair da sua zona de conforto em busca de ampliar conhecimentos.

Os aspectos preliminarmente apontados são alguns dos elementos que justificam uma reflexão relativa às condições de trabalho na universidade e à saúde da comunidade acadêmica, bem como a presente proposta de trabalho.

Recentemente, a revista *Nature Biotechnology* publicou pesquisa assinada por Evans *et al.* (2018), onde se sugere que, apesar de os estudos demonstrarem a preocupação com a saúde mental dos pós-graduandos, mais pesquisas são necessárias para definir melhor a prevalência de questões relativas à saúde e o equilíbrio entre o trabalho, a vida estudantil e familiar.

Os casos de adoecimentos mentais na Universidade Federal de Minas Gerais, são agravados por questões interna, como reconhece a professora do Departamento de Psicologia da UFMG, Maria Stella Goulart, que foi presidente da Comissão Institucional de Saúde Mental (CISME) da instituição, em entrevista publicada no Boletim da UFMG, No. 1944. A professora declara que, “Há uma série de questões que são próprias da Universidade e que colaboram para os transtornos, como a busca incessante por aumento de produtividade”, lembra Stella. A afirmativa é respaldada pelo último Relatório Anual de Atividades do Dast, de 2014, que informa que, entre os diagnósticos de transtornos realizados pelo órgão, prevalece o F43, Reações ao stress grave e transtornos de adaptação, seguido dos diagnósticos de Episódios depressivos (F32) e Transtorno depressivo recorrente (F33).

Segundo Lopes (2017), em entrevista ao jornal Estado de Minas,

Questões relativas a sofrimento mental nos estudantes é uma realidade internacional e temos trabalhado com esse tema na UFMG aonde ele, até pouco tempo, não vinha à tona. Não temos estudos para dizer se piorou ou se já era assim. Mas, desde que casos passaram a ser relatados, temos desenvolvido novas políticas de inclusão, encaminhamento para a rede pública de atenção psicossocial e acompanhamento dos alunos na universidade. As ações são voltadas para alunos da graduação e também para os estudantes da pós-graduação (LOPES, 2017, n.p.).

Na universidade, segundo Regina Monteiro Campolina Barbosa, diretora do Departamento de Atenção à Saúde do Trabalhador (DAST), Boletim da UFMG, No. 1944 há indícios de que haja uma discrepância negativa no registro estatístico do problema de saúde mental: afinal, o servidor não precisa procurar o DAST para se tratar do problema, podendo recorrer a atendimentos externos. "Temos um cenário em que a subnotificação é grande", afirma a professora Maria Stella Goulart, "Há uma série de questões que são próprias da Universidade e que colaboram para os transtornos, como a busca incessante por aumento de produtividade". Também Ribeiro (2016) alerta para os números altos de transtornos psicológicos na universidade:

Conforme o estudo, 1.781 servidores receberam diagnóstico de transtornos psicológicos no período, quando foram feitos 2.357 afastamentos por problemas psíquicos — um funcionário pode ter sido licenciado mais de uma vez, e o total de servidores afastados não foi informado (RIBEIRO, 2016, p. 4).

Já existe comprovação, por meio de diferentes estudos, que o excesso de trabalho e a pressão do dia a dia podem provocar transtornos aos trabalhadores, situação que ganha destaque principalmente no atual momento pandêmico. Os trabalhadores nem sempre procuram os órgãos especializados de sua instituição de trabalho em busca de apoio. Atualmente as instituições estão sendo forçadas, cada vez mais, a preocupar com a questão da saúde mental e da qualidade de vida. Talvez o fato de os transtornos mentais serem de difícil identificação impedisse que fosse dado ao assunto a devida atenção, mas o aumento de ocorrências como suicídios, depressão e abandono de curso pelos estudantes vem chamando atenção para a questão da qualidade de vida nas universidades.

Apenas na UFSCar, foram 22 tentativas de suicídio nos últimos cinco anos. Em São Paulo, na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e do ABC (UFABC), cinco estudantes concretizaram o ato no mesmo período. Mapeamento feito pela UFABC mostrou que 11% de seus alunos que trancaram a matrícula em 2016 o fizeram por problemas psicológicos (FIOCRUZ, 2017, n.p).

Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foram criados neste ano dois núcleos de saúde mental, após dois suicídios entre alunos. Até então, só a Medicina tinha atendimento desse tipo. "Se um fato já aconteceu, é sinal de que falhamos no processo", diz a vice-reitora, Sandra Almeida (FIOCRUZ, 2017, n.p).

Alunos do Curso de Veterinária da USP também criaram uma página no Facebook para desabafar. "Com o tempo, começaram a aparecer relatos de problemas de saúde e, este ano, o que mais tem é depressão e ansiedade", diz a aluna Bianca Cestaro, de 30 anos (CAMBRICOLI; TOLEDO, 2017, n.p).

Observa-se que, atualmente, a pressão vivida pela comunidade universitária, decorrente da situação política e econômica do país, marca também os servidores TAE, que se sentem instáveis profissional e pessoalmente. As novas políticas que se instauraram de forma

desfavorável ao processo educativo, a falta de verbas, as incertezas de professores, alunos e técnicos quanto ao futuro da instituição, criam expectativas não muito animadoras para a comunidade universitária. Há um óbvio processo de sucateamento da universidade pública no país, não apenas no que se refere aos salários, mas também no que diz respeito à capacidade de manutenção de sua infraestrutura.

Assim, as universidades públicas sentem, nesse momento, reflexos das políticas econômicas de um governo liberal, voltadas para o estabelecimento de um estado mínimo, com uma política de sucateamento das instituições. Nessa perspectiva, as universidades estão passando por enormes dificuldades e insegurança, com diminuição e/ou cortes de recursos pelo governo, o que afeta todos, sem distinção. São graves os cortes de bolsas na pós-graduação, a terceirização dos serviços nas instituições e a redução de verbas destinadas às pesquisas.

## 2.2. Pertencimento racial, graduação e pós-graduação

Sorriso negro, um abraço negro  
Traz felicidade  
Negro sem emprego  
Fica sem sossego  
E negro é a raiz da liberdade

*Sorriso Negro*, D. Ivone Lara (1981).

Mendonça (2019) afirma que, segundo reportagem publicada no jornal El País, em 13 de novembro de 2019, o número de matrículas de estudantes negros e pardos nas universidades e faculdades públicas no Brasil ultrapassou, pela primeira vez, o de brancos. Em 2018, esse grupo passou a representar 50,3% dos estudantes do ensino superior da rede pública, segundo a pesquisa “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil” publicada nesta quarta-feira pelo IBGE. Embora representem hoje mais da metade dos estudantes nas universidades federais, esse grupo ainda permanece sub representado, já que corresponde a 55,8% da população brasileira.

Nesta mesma matéria, o levantamento revela, ainda, que a população negra e parda está melhorando seus índices educacionais, tanto de acesso quanto de permanência nas instituições escolares. O abandono diminuiu de 30,8%, em 2016, para 28,8% em 2018. Entre a população preta ou parda de 18 a 24 anos que estudava, o percentual cursando ensino superior aumentou de 50,5%, em 2016, para 55,6%, em 2018. Apesar do avanço, o percentual ficou bem abaixo do alcançado pelos brancos na mesma faixa etária, que é de 78,8%.

A melhoria dos índices educacionais dessa parcela da população na rede de ensino é reflexo das lutas dos negros por melhores condições de vida. Em parte, reflexo de políticas

públicas, como o sistema de cotas, que proporcionaram o acesso e a permanência da população preta e parda, segundo o IBGE. A Lei nº 12.711/2012 – conhecida como Lei de Cotas, determina que todas as 69 universidades federais e os 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia reservem, no mínimo, 50% das vagas de cada curso para estudantes que concluíram o ensino médio em escolas públicas.

De acordo com a autora, segundo o IBGE, também houve aumento de matrículas de estudantes negros nas universidades privadas, reflexo de programas como o Programa Universidade para Todos (Prouni), que concede bolsas de estudos parciais e integrais a estudantes de baixa renda. O percentual de vagas ocupadas por essa parcela da população nas instituições privadas avançou de 43,2%, em 2016, para 46,6%, em 2018.

Esses são dados estatísticos que não espelham a realidade do dia a dia nas universidades para a população negra. O preconceito continua cada vez maior, o aumento do número de alunos não corresponde ao aumento de professores negros nas universidades e ainda é comum que pessoas não negras ou pardas se assustem com a presença de negros nas universidades, seja como alunos ou como técnicos administrativos.

Como a maioria dos alunos pardos e negros são oriundos de escolas públicas, no início da implantação da lei de cotas, encontravam mais dificuldades para permanecer nas universidades. Hoje os coletivos negros têm um papel primordial, pois, através deles, os negros podem ter mais apoio, de modo que a participação nos coletivos deve ser incentivada e cada vez mais apoiada. Assim como o Movimento Negro teve papel primordial na implementação da Lei de Cotas, os coletivos negros são importantíssimos nas universidades.

Muitos negros gostariam de ter uma formação superior, mas, infelizmente, a necessidade de sustentar a família e se manter em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo não permitiram. Estudar é, sem dúvidas, um excelente investimento, mas nem sempre é a prioridade para pessoas que também precisam trabalhar. Por outro lado, situação vem mudando na sociedade, que começa a colocar em xeque as antigas estruturas.

A ideia de pais, professores e colegas, portanto, é que o aluno que deseja ingressar em uma faculdade pública deve se esforçar mais do que os outros, pois o processo seletivo é muito concorrido. Aqueles alunos cujos pais têm uma condição financeira melhor (a partir da classe média) conseguem ter um tempo maior de estudo e dedicação, inclusive com a possibilidade de fazer cursinho preparatório para o processo seletivo, tendo, assim, maior possibilidade de alcançar as cadeiras da universidade.

Enquanto isso os outros estudantes, principalmente os negros, não tendo as mesmas condições, precisam se esforçar cada vez mais. Além do que, em muitos casos, precisam dividir

o estudo com o trabalho, pois as condições familiares não permitem que eles se dediquem exclusivamente aos estudos. Normalmente, esses sujeitos se organizam trabalhando durante o dia e estudando à noite, de modo que chegam já cansados à sala de aula.

Outro problema é que a maioria dos alunos não sabe qual carreira escolher. Os estudantes do ensino médio ficam literalmente perdidos na escolha de qual curso fazer na universidade. Alguns escolhem a profissão dos pais, mas é quanto aqueles cujos pais nunca entraram em uma universidade? E que, muitas vezes, são os primeiros da família a tentar entrar na universidade? Essa fase na vida do jovem, com a transição da escola de ensino médio para a faculdade é muito complicada.

No momento em que o jovem consegue entrar na universidade, ele se depara com um novo mundo, com tudo diferente do que ele já viveu. Administrar isso não é fácil, tanto pelo rigor dos estudos, quanto pelo novo mundo e a liberdade oferecida. Além das exigências das faculdades, o estresse, a alta competitividade entre eles, o elevado volume de estudos e a cobrança excessiva acabam levando a problemas psicológicos, fazendo surgir outro índice preocupante: a taxa de suicídio entre os estudantes.

Segundo uma pesquisa do Ministério da Saúde, entre os anos de 2012 e 2016, o risco de um jovem negro até 29 anos se suicidar aumentou 12%, enquanto que de pessoas brancas manteve-se estável. A pesquisa ainda revela que, em 2016, a cada 10 suicídios cometidos por adolescentes e jovens brasileiros, seis foram realizados por negros. O ato de tirar a própria a vida, na maioria dos casos, é praticado por pessoas que têm transtornos mentais, como depressão. De acordo com Organização Mundial da Saúde (OMS), a depressão atinge 322 milhões de pessoas no mundo, sendo 11,5 milhões só no Brasil. Os fatores que levam ao aparecimento da doença são múltiplos. Eles podem ir de características biológicas – como a baixa da serotonina, hormônio responsável pela alegria e prazer – até questões sociais, econômicas e ambientais (PINHEIRO, 2019, n.p.).

As universidades do país deveriam investir em programas voltados para a qualidade de vida dos estudantes, com setores de acompanhamento psicológico e de escuta; além de incentivar a prática de esportes e a prática cultural, como música, exposições, teatro, cinema etc. Assim, quem sabe, a comunidade universitária, não só os estudantes, poderiam ter melhores condições de diminuir o estresse que a vida acadêmica pode acarretar.

Sabemos que é difícil, mas se as universidades conseguissem mapear, nos primeiros anos de curso, aqueles alunos com maior dificuldade, que estão deslocados, que às vezes, que não se entrosam com os outros; bem como combatessem o racismo, assim como vem sendo feito com os casos de trotes violentos, com certeza, os índices de suicídio e o abandono dos alunos em curso superior seriam menores. É preciso lembrar, ainda, que os problemas nas universidades afetam estudantes, técnicos administrativos e professores.

Trabalhando e estudando na universidade, tive a oportunidade de conhecer a estrutura de muitos eventos ali realizados, organizados pela própria instituição, por meio de seus diversos órgãos e setores ou por outros grupos. Trata-se de eventos tanto acadêmicos quanto culturais e esportivos, como o Festival de Inverno, o Festival de Verão, a Quarta Doze e Trinta, o Rosas de Abril, dentre outros. É possível perceber a importância desse tipo de atividade para a vida social e emocional das pessoas, como espaços de interações, construções de relacionamentos e oportunidades de lazer e relaxamento. Foi também nessa perspectiva que se iniciou o Samba do Corredor, atividade que ocorre a 10 anos na Faculdade de Educação e que veio a se constituir como objeto deste estudo.

Figura 03: Pandeiro - Considerado um instrumento de percussão completo. Feito de madeira, com platinelas, afinadores e coberto com a pele de nylon, característico do samba. Coberto com a pele de animal, usado no choro.



Fonte: acervo do autor

### 3. O SAMBA

Eu canto samba  
Porque só assim eu me sinto contente  
Eu vou ao samba  
Porque longe dele eu não posso viver

*Eu canto samba*, Paulinho da Viola (1987).

Nesse capítulo, pretendo desenvolver um histórico do Samba do Corredor. Por isso, busquei em seus participantes algumas impressões sobre o evento semanal: sentimentos, construções de conhecimentos durante a roda etc. Também abordaremos a história do samba e sua constituição como elemento de denúncia social.

#### 3.1. Samba do Corredor

Eu só existo porque nós existimos: a ética Ubuntu do filósofo e teólogo congolês **Bas'ileMalomalo** “sou porque nós somos”. Esse é o lema do Samba do Corredor (Gilson).

O Samba do Corredor acontece na Faculdade de Educação da UFMG há 10 anos, sempre às sextas-feiras, no horário de 13 às 14 horas, no intervalo das aulas manhã/tarde, no horário do almoço, com a participação de qualquer membro da comunidade universitária: trabalhadores técnico-administrativos em educação, discentes, docentes e trabalhadores terceirizados. É uma atividade sem restrição, em que todos têm os mesmos objetivos: “fazer música” de forma descontraída, tocando todo tipo de repertório, como samba, forró, rock e sertanejo, com a premissa de que quaisquer dos ritmos executados devem utilizar instrumentos característicos do samba: tantan, cuíca, pandeiro, acompanhados ou não de cavaquinho e violão. Porém, a roda de samba está sempre aberta para a chegada de novos instrumentos.

Reco Reco, em depoimento, afirma que:<sup>3</sup>

Sempre levava alguns instrumentos a mais e oferecia para as pessoas que, às vezes, falavam que não sabiam tocar, mas insistíamos com elas e meio sem jeito começavam a tocar. Quando chega à roda de samba, é um momento de acolhimento, às vezes, começa com dois ou três... E, de repente, tem 10, 20 pessoas, proporciona momentos de descontração gerando a oportunidade de fazer novas amizades. Pessoas, no intervalo do almoço, tinham a possibilidade de participar, inclusive pessoas de outras unidades (Reco Reco – Trecho de entrevista, 2021).

Eu, juntamente com Gilson e Violão iniciamos esta ideia de fazer uma roda de samba para descontrair as sextas feiras. Ia todo dia quando conseguíamos reunir, salvo em alguns momentos de paralisação feriado etc., mesmo aposentado, mesmo assim não perdia uma. (Cavaquinho – Trecho de entrevista, 2021).

---

<sup>3</sup> No intuito de preservar a identidade dos participantes do estudo, eles receberam nomes de instrumentos musicais característicos do samba, a saber: reco reco, cavaquinho, violão, pandeiro, tamborim.

As rodas de samba da FaE são formadas de maneira espontânea, quando a comunidade da escola, durante o intervalo de seu trabalho ou estudo, se reúne para extravasar, para vivenciar um momento diferente. As pessoas, às vezes, chegam tensas, preocupadas, receosas. À medida que passam pelo corredor, alguém, gentilmente, pega uma cadeira e oferece a quem se aproxima. Algumas ficam sem jeito quando é a primeira vez que chegam à faculdade, mas, na segunda vez, elas mesmas se encarregam de buscar a cadeira na sala de convivência e devolver ao final da roda. A integração se faz presente quando alguém leva mais de um instrumento apenas para emprestar a quem não tem.

O repertório é diverso e improvisado, não há uma seleção musical pré-definida, pois a participação é democrática e, a cada momento, alguém canta algo diferente. Acredita-se que a diversidade de repertório, buscando atender todos, faz a atividade crescer. A proposta da roda de samba tem a perspectiva de reconhecimento da integralidade do ser humano, estabelecendo relações solidárias e coletivas. Ela não está pronta, com instrumentos e sequência musical determinados, como um show. A sua construção é um movimento contínuo de ação e reflexão sobre as condições vividas, principalmente naquele momento em que o importante é que cada um contribua à sua maneira e participe da forma que quiser e se sentir bem.

Fiquei sabendo, na época, que o Gilson e Cavaquinho estavam fazendo uma roda de samba na FaE, que tinha começado como protesto ao ponto eletrônico, que tinha chegado de forma truculenta na UFMG e, em especial, na FaE. Como eu gosto muito de samba e sempre tive vontade de aprender algum instrumento de percussão, como pandeiro e tantan, percebi, nessa roda, a oportunidade de participar e também de aprender com a turma que começou Gilson, Cavaquinho, Cacá, dentre outros. A minha esposa ficou sabendo e me deu de presente de aniversário um tantan, que eu participo com ele até hoje. (Violão – Trecho de entrevista, 2021).

O nome Samba de Corredor foi dado pelos próprios participantes, para caracterizar o que está sendo feito (samba) e o local onde é realizado (corredor). Nessa parte da faculdade estão localizados os departamentos, algumas seções administrativas, auditório e biblioteca. Ressalte-se que o Samba do Corredor alcançou um nível de “institucionalização”, sendo convidado a participar de várias atividades na Faculdade de Educação e também fora dela. Entretanto, há pessoas que não concordam com a realização do samba naquele espaço, talvez por não conseguirem perceber a importância (ou a utilidade) dessa atividade, questão que também será objeto das reflexões aqui propostas.

Recente depoimento de Pandeiro, uma aluna de graduação da FAE, vem reforçar a percepção que considera o potencial de melhoria da qualidade de vida de algumas pessoas em função da sensação de bem-estar proporcionada pela roda de samba:

No começo, eu sentia um alívio surpreendente. Durante as primeiras rodas, em algum lugar de mim, eu tentava entender: o que está mesmo acontecendo aqui? Tem algo de diferente acontecendo dentro de mim, e eu gosto muito disso! À medida que fui me integrando ao grupo, fui percebendo aquele lugar como parte da minha vida. É indescritível o quão significativo foi o que vivi nas rodas, o quão importante foi na minha jornada. A cada roda, além de me sentir mais confortável comigo mesma, mais leve, alegre, energizada, eu me sentia amada e profundamente atravessada. Era muito gratificante! Aqueles momentos eram sagrados, como em processos meditativos, eu me conectava com meus desejos, com a vontade de ser eu verdadeiramente, de me expressar no mundo a partir do meu coração. Saía das rodas sempre com algum tipo de movimento transformador interior, motivada a construir meu caminho. [...] quero viver mais e mais a música, e as rodas fomentaram esse meu desejo, me encorajaram a me abrir e sentir que ela está dentro de mim. Estive ali vivendo-a e percebendo-a como esse poderoso e real caminho de encontros e potencializações. Me sinto honrada e eternamente grata por ter sido parte disso, e por tudo isso ser parte de mim agora. Aspiro do fundo do coração, que nos vejamos novamente, o mais breve possível, no grande abraço das rodas do samba no corredor (Pandeiro – Trecho de entrevista, 2021).

Assim, a cada roda, era possível perceber o interesse cada vez maior das pessoas da comunidade, e até mesmo de visitantes, em participar desse movimento. Notou-se a vinda, por várias vezes, de algumas pessoas que, em algumas oportunidades, traziam outros convidados. Ao final das rodas, percebia-se a mudança de comportamento dos participantes: alguns demonstravam no rosto uma expressão de tranquilidade e relaxamento, e outros aproveitavam a convivência para estabelecer diálogos de forma descontraída, algo que chamou a minha atenção. Comecei, assim, a perceber a importância daquele momento: ali não acontecia apenas uma simples roda de samba, mas também um momento para as pessoas experimentarem uma nova forma de se relacionar.

Às vezes, ficávamos observando as pessoas (estudantes, técnicos, professores) que passavam pelo corredor, era possível perceber, claramente, que elas queriam parar e participar, mas, infelizmente, outros compromissos não permitiam: como reuniões, preparação para as aulas, a correria do dia a dia. O indivíduo é um ser social e é natural do ser humano se relacionar em todos os ambientes que frequenta, interagindo com as pessoas, mas nem sempre é possível fazê-lo naquele momento

Mas há aqueles que param, participam apenas de uma música ou, então, ficam até terminar, alguns comentam que, após a roda de samba, ficam mais tranquilos para continuar desempenhando suas atividades acadêmicas ou administrativas na universidade.

As relações interpessoais são aprendizados que se obtém sobre os próprios sentimentos e conflitos internos, que interferem diretamente no mundo exterior e também se deixam interferir por ele. Quem sabe a participação nas rodas pode modificar o ambiente em que se vive e ajudar a resolver problemas e conflitos enfrentados no dia a dia? Algumas pessoas apenas olham a roda de samba, algumas podem não gostar do que estão vendo, outras podem ficar

surpresas, pois, em um ambiente tão concorrido, tão formal, encontrar uma roda de samba pode ser não usual. Mas a intenção é exatamente essa: surpreender, mostrar o ambiente universitário a partir de uma visão diferente, mostrar que há espaço, para além dos objetivos da universidade, para uma convivência social de qualidade, conforme se pode observar no depoimento de Tamborim:

Desde pequena tenho muito interesse por música, já fiz aula de violino, flauta, teclado, violão, ukulelê e sempre quero aprender um novo instrumento, a música sempre esteve presente na minha família e na minha vida e minha mãe é apaixonada por samba, o que me influenciou a amar também. Quando comecei a participar do samba, logo convidei minha mãe para ir lá conhecer, minha mãe é professora, ela sempre gostou de estar na FAE, por achar um ambiente diferente, rico em diversidade e juntou o amor dela pela UFMG e pelo samba. Além dela, já levei meu pai e minha prima, que nunca tinham entrado na UFMG, fizemos um tour pela FAE, conhecemos o Jardim Mandala, batemos papo com o Sr. Wellington, almoçamos e fomos para o samba. (Tamborim – Trecho de entrevista, 2021).

Ao escutar um samba, todos se lembram de algum fato de suas vidas, querem bater na palma da mão, não conseguem ficar parados, mexem com os pés, com a cabeça — o corpo fala. O samba está no DNA das pessoas, mesmo que elas não percebam. Quando se ouve um samba, algumas pessoas se identificam com a letra, lembram-se de alguma passagem de suas vidas, de terem ouvido determinada música tocar no rádio ou ser cantada pelos pais, pelos avós, por um amigo. Isso mostra a ‘familiaridade’ do samba com a vida de todos nós, pois suas letras contam a realidade. São relatos de fatos do cotidiano que, na maioria das vezes, são transformados em letras de samba.

Assim, acredita-se que, através desse projeto, seja possível pesquisar, refletir e também propor alguns caminhos que contribuam para a melhoria da qualidade de vida da comunidade acadêmica, assim como auxiliar na diminuição e/ou prevenção das ocorrências de diversos transtornos psicoemocionais que prejudicam o desempenho de pessoas dos diferentes segmentos na instituição. A roda de samba, de forma especial, atua como fator de socialização e de integração da comunidade.

### **3.2. E o samba entra na academia!**

Felicidade passei no vestibular  
 Mas a faculdade é particular  
 Livros tão caros tanta taxa pra pagar  
 Morei no subúrbio, andei de trem atrasado  
 Do trabalho ia pra aula, sem  
 Jantar e bem cansado  
 Mas felizmente eu consegui me formar  
 Mas da minha formatura, não cheguei participar

*O Pequeno Burguês, Martinho da Vila (1969).*

Figura 04: Roda de Samba do Corredor



Fonte: acervo do autor

A contribuição do samba para a construção de uma prática educativa coletiva, mediadora de relações de solidariedade e ferramenta de melhoria da qualidade de vida, pode ser estudada sob a perspectiva de autores de diversas áreas, no campo da educação, da sociologia, da música, da antropologia, da psicologia, dentre outros.

Vivencia-se, nas universidades, um modelo que privilegia a meritocracia, gerando a competitividade e exacerbando certo individualismo. Contudo, outro modelo torna-se possível, onde se elegeriam as relações sociais de tipo novo, em que o coletivo teria papel preponderante nas relações estabelecidas nos processos de trabalho. Santos (1992) afirma:

As relações coletivas e igualitárias, ao se constituírem como negação de toda forma de individualismo e de personalismo, favorecem a participação ativa e interessada de todos, bem como acresce a responsabilidade disciplinar de cada um em benefício de todos. Nesses processos, onde todos participam, onde cada um pensa e decide por si mesmo e onde cada um compartilha entre iguais as responsabilidades assumidas coletivamente, geram-se a desalienação e a emancipação e aumenta-se a coesão grupal (SANTOS, 1992, p. 126).

Tais processos implicam, também, a construção de novos saberes, principalmente aqueles voltados para uma sistematização de conhecimentos relativos a novas formas de

resistência aos processos de exploração do capital. As transformações no mundo atual acontecem com uma velocidade espantosa, obrigando a adequação da sociedade a essa nova realidade de maneira proporcional. A comunidade universitária deve seguir o mesmo caminho. Segundo Santos (1997), a postura dos professores deve ser diferente, incluindo a visão em relação à formação dos alunos.

E também, "novo" professor. Não mais aquele professor que simplesmente "dá aulas", que adota uma prática pedagógica impositiva, vertical. Mas um professor que leve em consideração a realidade do educando. O aluno deve ser visto, agora, como sujeito, ele é ator reflexivo. Por isso é permitido que ele fale, dê opiniões, pois é fundamental que ele participe, crie, tenha iniciativas, aprenda a trabalhar em equipe, saiba enfrentar problemas e, ao mesmo tempo seja capaz de sugerir formas alternativas para solucioná-las (SANTOS, 1997, p. 91).

Lima (2001), em pesquisa para sua dissertação de mestrado, relata que o sentido do seu trabalho era discutir as relações entre escola e cultura, especificamente a cultura do samba, considerando-a "uma das culturas antropológicas de origem de parcela significativa dos estudantes cariocas, buscando verificar como ela se dá, ou mesmo se esta relação existe a partir das histórias de vida dos compositores" (LIMA, 2001, p.13). Segundo o autor, seu estudo procurou observar a relação dos compositores de samba com o mundo, identificando o papel da escolarização em suas vidas, o que atesta a pertinência de pesquisas que abordam a interface no samba como objeto de estudos em diferentes áreas acadêmicas.

Lima (2001) afirma, ainda, que "[...] o samba compreende a identidade nacional devido às suas tradições e, visto isso, incluí-lo no espaço educacional se torna uma maneira de destacar o nosso Brasil." (LIMA, 2001, p.3). Para ele, o samba e suas manifestações têm um caráter inclusivo e libertário, aspectos essenciais e indispensáveis à educação e, por isso, é importante pensá-lo como ensinamento para a construção de espaços que desprezam discriminações e preconceitos, conseguindo fazer da cultura popular uma aliada em busca de uma aprendizagem que, de fato, possa ensejar cidadania (LIMA, 2001). Para Lima, é preciso "Pensar educação também no sentido mais amplo que escolarização, como forma de socialização de saberes, e cultura em seu sentido antropológico, é uma ideia que ganha corpo na pedagogia, inclusive em termos oficiais" (LIMA, 2001, p.2).

Lima (2001, p.3) afirma ainda que "para entender a cultura do samba é necessário conhecer um pouco da história do samba, sem o que só a perceberemos como expressão musical". Para esse autor, há uma "construção de redes de significados, costumes, solidariedade, afirmação de valores, afirmação de um grupo social, de resistência cultural, política e étnica, ao mesmo tempo em que há um processo de trocas", ressaltando que as ambiguidades apresentadas nesse processo acabam por revelar sua riqueza e complexidade

(LIMA, 2001, p. 3). Na perspectiva apontada por Lima, o próximo tópico abordará este recorte histórico, necessário para a contextualização desta pesquisa.

### 3.3. Samba como elemento de denúncia social

Se vocês estão a fim de prender o ladrão  
Podem voltar pelo mesmo caminho  
O ladrão está escondido lá embaixo  
Atrás da gravata e do colarinho (...)  
Somos vítimas de uma sociedade  
Famigerada e cheia de malícias

*Vítima da sociedade*, Bezerra da Silva (1985)

A música tem o potencial de despertar sentimentos, representar positivamente um grupo social, fazer críticas a situações sociais, transmitir as mais diversas mensagens. O samba também pode ser visto como elemento de denúncia social, desenvolvendo um papel muito importante na luta contra o racismo, historicamente vivenciado pela população negra no Brasil, e também como forma de valorização da população negra.

O samba, como um gênero musical que é herança de uma população negra sofrida, que luta diariamente contra a discriminação, apresenta letras que exaltam as qualidades dessa população e, conseqüentemente, fortalece o pertencimento do negro e a construção da identidade negra positiva. Como o samba tem acesso a todas as camadas sociais, ele é instrumento essencial na luta para valorização da população negra, diante de uma sociedade racista e preconceituosa. Nesse sentido, principalmente se usarmos letras que valorizam a qualidade da população negra, que denunciem o racismo, e elevem a autoestima de negros e negras, tomaremos o samba como instrumento de transformação social.

Uma das características do samba são letras que funcionam como forma de protesto contra as mazelas sociais que a população negra sofre em virtude da discriminação racial. O samba, assim como o funk e o rap, torna-se veículo por meio do qual são expostas criticamente as injustiças das quais essa população é vítima.

Muitos compositores denunciam, em seus sambas, a discriminação racial a que os negros são frequentemente expostos. Assim, apontar as conseqüências do racismo funciona como uma forma combatê-lo, não só na música como em todos os lugares.

A letra composta por Jorge Aragão, intitulada *Identidade*, por exemplo, aborda o tratamento desigual que as pessoas negras recebem no seu dia a dia. Esse tratamento é simbolizado pela utilização do elevador de serviço, comum em muitos prédios se destinado às pessoas que prestam algum tipo de atividade nos apartamentos, diferenciando-as dos residentes, que usam, habitualmente, o elevador social.

**Identidade** - Composição Jorge Aragão

Elevador é quase um templo  
 Exemplo para minar teu sono  
 Sai desse compromisso, não vai ao de serviço  
 Se o social tem dono, não vai  
 Quem cede a vez não quer vitória  
 Somos herança da memória  
 Temos a cor da noite  
 Filhos de todo açoite  
 Fato real de nossa história  
 Se o preto de alma branca para você, é o exemplo da dignidade  
 Não nos ajuda, só nos faz sofrer nem resgata nossa identidade.  
 ARAGÃO (1992).

Outro aspecto abordado pela letra em questão refere-se aos ditados, piadas, bem como outras formas de “brincadeiras”, que podem parecer natural ou sem importância, mas que acabam por propagar o racismo. Esse é o caso da expressão “preto de alma branca”. Alguém conhece a cor da alma? Onde está a pesquisa que descobriu a cor da alma? Porque alma tem que ser branca e não de outra cor?

Assim, questionando essa atitude, mostrando suas consequências, tanto para a população negra quanto para a população não negra, na construção de uma sociedade plural, o samba segue tentando diminuir, cada vez mais, o distanciamento em função do preconceito.

A letra da música traz um tema importante, que é o descontentamento do negro diante das situações de exclusão social, herança do processo de escravização, que impôs sofrimento durante séculos, sem que a população negra tivesse a garantia de direitos básicos, vivendo às margens da sociedade.

A música mostra, assim, a relevância da resistência negra contra a escravidão e a importância da luta no processo de abolição. Nesse sentido, atua como auxílio na luta contra o fim das desigualdades. Dessa maneira, podemos dizer que a música, o samba, pode ser ao mesmo tempo, diversão e um instrumento para conscientizar a população em geral diante da situação que vivemos diariamente. Ademais, pode revelar situações que, embora apresentadas com sutileza, para manter o preconceito, encaram o racismo como se fossem algo normal.

Outras letras trazem a mensagem de enfrentamento da vida, de como encarar os problemas e não desistir nunca. A seguir, trazemos trechos de samba que mostram o potencial das letras para melhorar o nosso dia.

Às vezes, passamos por momentos difíceis na vida e, através do samba, consegui inspiração para superar esses percalços. Primeiro passo: “Deixe de lado esse baixo astral, erga

a cabeça enfrente o mal, que agindo assim será vital para o seu coração, é que em cada experiência se aprende uma lição” (Conselho, Almir Guineto, 1986). Nunca deveremos abaixar a cabeça para as coisas da vida, devemos “viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz” (O que é o que é, GONZAGUINHA, 1982). Estamos sempre aprendendo, não somos aquela obra de arte pronta e acabada, mas sim aquela que para o autor sempre pode melhorar alguma coisa. “O importante é manter a cabeça erguida, para cicatrizar a ferida e levantar a moral” (Levanta a cabeça, Bezerra da Silva, 1985), mesmo quando caímos, tropeçamos, temos que manter as nossas inspirações, o nosso animo e resistir sempre.

O samba exalta a persistência e a perseverança dessa população que não desiste nunca e continua lutando por melhores condições de vida. O samba torna-se fonte de inspiração e de explicitação do orgulho das origens, orgulho do pertencimento determinado grupo étnico-racial. Essa perseverança, mesmo com as já conhecidas desigualdades das quais é vítima, faz com que a população negra não perca as esperanças com relação à melhora das condições de vida.

### **3.4. Um breve relato da história do samba**

O nome samba, de início, designava uma das danças populares brasileiras derivadas do batuque africano. Hoje o nome é mais aplicado ao gênero de música, canção e dança (compasso binário, andamento de moderado a acelerado e acompanhamento sincopado) que se tornou um dos grandes símbolos da nacionalidade brasileira (LOPES, 2003, p. 15).

Mas, o que é o samba? Qual é a sua origem? De acordo com Lima (2001), tais perguntas recebem respostas aparentemente simples e óbvias, tais como ‘é música negra brasileira’, ‘o samba veio da África’, ‘o samba é música afro’, dentre outras. Segundo o autor, essa é uma compreensão que, ainda que seja baseada na realidade, pertence ao senso comum e simplifica “um processo rico, dinâmico e que não deve ser separado de determinados processos sociais de nossa história” (LIMA, 2001, p. 3). Para ele, a cultura do samba é formada na tensão entre o social, o econômico, o político e a herança cultural, ressaltando-se, nesse aspecto, a religião e suas práticas sincréticas (LIMA, 2001).

Com a abolição da escravidão, em 1888, e a implantação da nova capital do Brasil no Rio de Janeiro, inúmeros negros livres mudaram-se para a capital. Foi quando o samba entrou no gosto popular e obteve mais reconhecimento. Entretanto, ainda havia enorme preconceito contra toda manifestação cultural vinda dos africanos.

Já em meados do século XIX, a maioria da população do Rio de Janeiro era formada por escravos negros, sendo este um traço marcante e particular desta cidade. Este fato, inclusive, funcionava como uma espécie de atrativo de mais negros, já que a capital passara a representar uma referência de valores e costumes familiares. Deste modo, foi a partir do início do século XX que o samba começou a se desenvolver como estilo musical ligado às camadas populares urbanas cariocas, principalmente ex-escravos, negros e mestiços (MEIRELLES, 2013, p.112).

Para o Rio de Janeiro também foi a mão de obra escrava da Bahia, onde se cultivava a cana, o algodão e o fumo, e do Vale do Paraíba, onde se plantava o café. A abolição da escravidão e o posterior declínio do café acabaram liberando grande leva de trabalhadores braçais em direção à Corte. Além disso, a volta dos soldados em campanha na Guerra de Canudos também elevou o número de trabalhadores na capital federal, para onde levaram suas esposas. De acordo com José Ramos Tinhorão,

[...] mais importante do que os homens, foram essas mulheres — quituteiras em sua maioria e versadas no ritual do candomblé — as grandes responsáveis pela manutenção dos festejos africanos cultivados naquela redondeza, onde predominavam lundus, chulas, improvisos e estribilhos (TINHORÃO, 1982, p. 3).

Segundo Tinhorão (1982), entre essas doceiras estavam tia Amélia (mãe de Donga), tia Prisciliana (mãe de João de Baiana), tia Veridiana (mãe de Chico da Baiana), tia Mônica (mãe de Pendengo e Carmen do Xibuca) e a mais famosa de todas, Tia Ciata, pois, justamente de sua casa, na Rua Visconde de Itaúna, 117, bairro Cidade Nova, é que “viria a ganhar forma o samba destinado a tornar-se, quase simultaneamente, um gênero de música popular do morro e da cidade” (TINHORÃO, 1982, p. 4).

No início, o samba era feito na casa das “tias”, no fundo de quintal ou no fundo da casa, enquanto, na sala ou parte da frente da casa, tocavam-se as músicas que eram permitidas pela sociedade, ou seja, músicas europeias. As tias eram conhecidas como as matriarcas afrodescendentes que abraçavam o estilo musical. A casa da Tia Ciata, mãe de santo carioca, ficou conhecida como o mais memorável desses lugares. Como conta Muniz Sodré (1998):

Como toda história do negro do Brasil, as reuniões e os batuques eram objetos de frequentes perseguições policiais ou antipatias por parte das autoridades brancas, mas a resistência era hábil e solidamente implantada em lugares estratégicos, pouco vulneráveis. Um destes era a residência na Praça Onze, da mulata Hilária Batista de Almeida — a Tia Ciata (ou Aceata) — casada com o médico negro João Batista da Silva, que se tornaria chefe de gabinete do chefe de polícia do governo Wenceslau Brás (SODRÉ, 1998, p. 14-15).

Segundo Sodré (1998), a casa da Tia Ciata, babalaô-mirim respeitada, simboliza toda a estratégia de resistência musical à cortina de marginalização erguida contra o negro em seguida à Abolição. A habitação, segundo depoimentos de seus velhos frequentadores, tinha seis cômodos, um corredor e um terreiro (quintal). Na sala de visitas, na frente da casa, realizavam-

se bailes com músicas e danças mais conhecidas, mais “respeitáveis”, como polcas e lundus; na parte dos fundos, samba de partido alto ou samba variado, onde atuava a elite negra da ginga e do sapateado; no terreiro, a batucada, onde se destacava o bamba de perna veloz e corpo sutil — terreno próprio dos negros mais velhos, onde se fazia presente o elemento religioso — bem protegido por seus “biombos” culturais na sala de visitas (em outras casas, poderiam deixar de haver). Tais “biombos” eram o alvará policial puro e simples.

Segundo Diniz (2012), o compositor Ernesto Joaquim Maria dos Santos, mais conhecido como Donga, foi quem registrou, no final de 1916, e gravou, em 1917, o primeiro samba de sucesso, *Pelo Telefone*, feito em parceria com Mauro de Almeida, jornalista conhecido como “Peru dos Pés Frios”. Sobre a letra do samba *Pelo Telefone*, ele escreve:

É uma sátira, na versão popular, ao chefe da polícia do Rio de Janeiro, Aurelino Leal, que determinou por escrito aos seus subordinados que informassem antes aos infratores, pelo telefone, a apreensão do material usado no jogo de azar que corria solto pelas ruas do Centro do Rio. “O chefe da polícia/ pelo telefone /mandou avisar/ que na Carioca/ tem uma roleta para se jogar...” A versão que Donga registrou em 1916, apresentada abaixo, é a que aparece nas gravações até hoje. Sua letra contém duas homenagens: ao jornalista Mauro de Almeida, “O Peru dos Pés Frios”, coautor da obra, e a Norberto do Amaral Júnior, o “Morcego”, figura conhecida no Clube dos Democráticos (DINIZ, 2012, p. 35).

Além do samba *Pelo Telefone*, de Donga e Mauro de Almeida (1917), outros sambas fizeram sucesso na época, sambas representativos, como *Gosto que me enrosco* (Sinhô, composto nos anos 1910, mas gravado em 1930) e *Jura* (Sinhô, dos anos 1910, mas gravado só em 1929), regravados atualmente por Zeca Pagodinho.

*Pelo telefone*

O chefe da polícia pelo telefone manda me avisar  
Que com alegria não se questione para se brincar  
Ai, ai, ai,  
Deixa as mágoas para trás, ó rapaz  
Ai, ai, ai,  
Fica triste se és capaz, e verás.  
Ai, ai, ai,  
Deixa as mágoas para trás, ó rapaz  
Ai, ai, ai,  
Fica triste se és capaz, e verás

Tomara que tu apanhes  
Não tornes a fazer isso  
Tirar amores dos outros depois fazer teu feitiço.

Olha a rolinha sinhô, sinhô  
Se embarçou, sinhô, sinhô  
Caiu no laço, sinhô, sinhô  
Do nosso amor  
Porque esse samba, sinhô, sinhô  
É de arrepiar sinhô, sinhô

Põe perna bamba sinhô, sinhô  
Me faz gozar sinhô, sinhô

O “Peru” me disse  
Se o “Morcego” visse eu fazer tolice,  
Que eu então saísse dessa esquisitice  
De disse que não disse

Ai, ai, ai  
Aí está o canto ideal triunfal  
Viva o nosso carnaval sem rival

Se quem tirar amor dos outros  
Por Deus fosse castigado  
O mundo estava vazio, e o inferno só habitado

Queres ou não, sinhô, sinhô  
Vir para o cordão, sinhô, sinhô  
Do coração, sinhô, sinhô  
Por este samba”  
(DONGA; 1916).

No bairro apelidado de Nova África, ponto marcante do samba no Rio de Janeiro, região onde a maioria dos moradores eram negros, o samba acontecia quase diariamente, assim como hoje em que as boas rodas de samba se prolongam por um grande período, às vezes, durante toda a noite, até que a polícia chegue pedindo para parar ou o sol avise que está na hora, quando o dia já está clareando. Naquele tempo, mesmo com toda a perseguição, o samba era realizado em grupos e rodas de samba, com participação ativa de danças, cantos e instrumentos como violão, cavaquinho, pandeiro, surdo, tamborim, entre outros.

De acordo com Lopes (2003), na Cidade Nova, parte da Nova África, foi que ocorreu a mistura entre o samba rural e outras formas musicais – com tapas e safanões da repressão policial entre medos e afagos de políticos de sempre – o que veio a dar origem ao samba urbano carioca. Ainda, segundo Muniz (2006), como o samba estava à procura de espaço na sociedade, era comum os músicos serem presos pelo simples fato de portarem um instrumento.

Certo dia João da Baiana foi convidado para ir a uma festa no palácio do senador Pinheiro Machado, um dos manda chuva da política da época. Acabou não comparecendo por ter sido preso pela polícia na Festa da Penha. Acusação: levava um pandeiro a tiracolo. Dias depois o todo-poderoso senador quis saber o porquê que João não comparecera na sua festa. Sabendo da história, Pinheiro Machado mandou fazer um pandeiro na loja Cavaquinho de Ouro, do seu Oscar, com a dedicatória “A minha admiração, João da Baiana – senador Pinheiro Machado. Coincidência ou não, nunca mais João da Baiana foi importunado (DINIZ, 2006, p. 29).

Posteriormente, por motivos diversos, os negros foram forçados a sair do bairro onde moravam e se mudarem para aglomerados intitulados ‘favelas’, de modo que, com o passar do tempo, assim como o samba, foram obrigados a subir o morro. Segundo Lopes (2003, p.41), o samba só começou a adquirir os contornos da forma atual ao chegar ao Estácio, ao Oswaldo

Cruz, aos morros para onde foi empurrada a população de baixa renda quando o Rio começou a “civilizar-se”. Devido ao crescimento da cidade, o samba foi obrigado a subir o morro, como relata Tinhorão (1982):

Ao contrário do que se imagina, o samba nasceu no asfalto; foi galgando os morros à medida que as classes pobres do Rio de Janeiro foram empurradas do centro em direção às favelas, vítimas do processo de reurbanização provocado pela invasão da classe média em seus antigos redutos (TINHORÃO, 1982, p. 4).

As colocações de Gomes (2019) confirmam a “obrigatoriedade” de o negro subir o morro, no século XIX, com a chegada dos europeus, quando se tornou implícito e explícito que a intenção da elite do país era o branqueamento da população da cidade.

Os programas de imigração europeia tinham exatamente este objetivo: eram a única forma de contrabalançar o número e a influência dos africanos no Brasil, que na visão das autoridades da época, seria excessivo e comprometeria o desenvolvimento do futuro do país (GOMES, 2019, p. 29).

O samba é, sem dúvida, uma forma de resistência e persistência. Antes discriminado pela sociedade, perseguido pela polícia, hoje é uma realidade e se tornou a maior expressão musical representativa do Brasil no exterior.

O samba é considerado por muitos críticos de música popular, artistas, historiadores e cientistas sociais como o mais original dos gêneros musicais brasileiros ou o gênero musical tipicamente brasileiro. A despeito da centralidade ou não do samba como gênero musical nacional, sua origem (ou a história de sua origem) nos traz o registro de uma imensa mistura de ritmos e tradições que atravessam a história do país (FERNANDES, 2021, n.p.).

Nos versos "Negro, forte, destemido / Foi duramente perseguido", da canção *Agoniza, mas não morre*, gravada em de 1978, o sambista Nelson Sargento, recentemente falecido, aos 96 anos de idade, quis fazer uma crítica à perseguição da polícia ao samba e à invasão de ritmos estrangeiros nas rádios e na televisão. O músico só não imaginava que, nos dias atuais, a letra permaneceria tão atual. Explicou o sambista, então com 92 anos, em entrevista concedida a Bárbara Forte, em 2016:

Era para os compositores da época não se entregarem. Sempre fizeram samba. Correndo ou não da polícia, eles faziam samba. E quando houve uma invasão de música estrangeira, o 'leieie', bolero, tango, o samba ficou naquela balança. Investem muito nos ritmos que estão em volta do samba. O samba reggae, o samba pop, samba não sei mais o quê. Mas isso não perturba, porque eu chamo de movimentos. Movimentos passam, já o samba não, porque o samba é uma instituição. Não vai passar nunca. (SARGENTO apud FORTE, 2016, n.p.).

De acordo com Lopes (2003), perseguindo o seu ideal de embranquecimento, a sociedade brasileira rechaçava a cultura dos negros: seus santuários eram invadidos e depredados: suas manifestações artísticas subestimadas e reprimidas e seus pandeiros eram quebrados pela polícia. “Mas esses negros, já tendo o samba como seu mais forte meio de

expressão musical, resolveram adequá-lo aos padrões socialmente aceitos. Assim criaram suas ‘embaixadas’, depois escolas de samba” (LOPES, 2003, p.57).

Necessariamente falando sobre escolas de samba, é preciso lembrar-se do carnaval, festa em que essas agremiações têm um papel primordial. Segundo Silva (2021),

Carnaval, período de festivais festas profanas de origem religiosa registradas em diversas culturas arcaicas, inclusive africanas. No Brasil originário do calendário católico, manifesta-se em duplo aspecto: dionísio (folia) apolíneo (espetáculo). O samba está presente no carnaval carioca desde antes da criação da primeira escola de samba, instituição que, nascida dos segmentos mais desfavorecidos, acabou-se por tornar-se, no contexto sócio histórico da sociedade de consumo, ponto mais artístico espetacular da festa carnavalesca do Rio de Janeiro. (LOPES e SIMAS, 2015, p. 54)

Segundo Diniz (1975), o Carnaval é uma festa conhecida desde a antiguidade, e seu espírito sempre foi o de inversão de papéis, onde a hierarquia das rígidas sociedades desaparecia desse espaço comunitário diante das brincadeiras. Assim, os foliões tinham maior liberdade para se divertir, ao mesmo tempo em que podiam adquirir características ou funções diferentes do que eram verdadeiramente: pobres podiam ser ricos, homens podiam ser mulheres, entre outros. O carnaval é uma tradicional festa popular realizada em diferentes locais do mundo, sendo que a mais celebrada é a do Brasil.

No nosso país, o Carnaval surgiu com o entrudo, trazido pelos portugueses ainda no período colonial, sendo encerrado na segunda metade do século XIX, após pressão das classes sociais mais elevadas da sociedade.

O entrudo foi durante muito tempo sinônimo de carnaval. Era um conjunto de brincadeiras e folguedos realizados 40 dias antes da Páscoa. Uma dessas brincadeiras era jogar limões-de-cheiro ou laranjinhas com todos os tipos de líquidos possíveis nas pessoas que passavam pela rua. Ovos e farinhas no rosto faziam aparte do cardápio. Brincavam todos. Jovens adultos, escravos e senhores, povo e elite (DINIZ, 1975, p. 87).

Segundo Diniz (1975, p.88), “a sociedade culta – políticos, jornalistas e literatos – condenavam o entrudo e valorizavam os préstitos (desfile de grandes sociedades, organizações carnavalescas) bailes e batalhas de confetes, entre outras práticas do verdadeiro carnaval”. As escolas de samba de hoje também se inspiraram nessas sociedades, com seus carros alegóricos, personagens históricos e organização em alas.

Depois, surgiram os cordões e ranchos, as festas de salão, os corsos e as escolas de samba. Marchinhas, sambas e outros gêneros musicais foram incorporados à maior manifestação cultural do Brasil, uma grande festa que começa no sábado de carnaval e termina na Quarta-Feira de Cinzas.

A primeira escola de samba criada no Brasil recebeu o nome de Deixa Falar, no bairro do Estácio, no Rio de Janeiro, situado na região onde morava a maioria dos negros na cidade,

um bairro tradicional onde o índice de vadiagem era muito grande, devido à escassez de oferta de trabalho e ao excesso de mão de obra. O bairro ficava perto do Morro de São Carlos e também da Praça Onze, local dos desfiles, o que facilitava a troca cultural.

Os fundadores da primeira escola de samba eram conhecidos como os bambas, na época, negros e mulatos líderes de uma massa de desempregados ou trabalhadores precários, sendo, portanto, os mais visados no caso de qualquer ação policial. A ideia de criar uma agremiação carnavalesca capaz de gozar da mesma proteção policial conferida aos ranchos e às chamadas grandes sociedades no desfile pela avenida foi um grande artifício para driblar as perseguições policiais. Foi uma maneira de buscar solução para a constante repressão que sofriam para manter a existência cultural diante da repressão policial, tendo que buscar soluções viáveis para a sua sobrevivência. Assim, a Deixa falar do Estácio entrou na avenida naquele ano de 1929 como um “bloco de corda”, totalmente legitimada e protegida pela polícia.

Um ano mais tarde, cinco outras escolas apareceram para o desfile da Praça Onze, são elas: Cada Ano Sai Melhor (do Morro do São Carlos); Estação Primeira de Mangueira; Vai Como Pode (mais tarde, Portela), Para o Ano Sai Melhor (também do Estácio) e Vizinha Faladeira (das imediações da Praça Onze). Segundo Diniz (1975), Mário filho promoveu, em 1932, através do jornal Mundo Esportivo, o que se convencionou chamar de o primeiro desfile das escolas. O desfile ocorreu na Praça Onze, espaço ocupado, em grande parte, pela população afrodescendente. Esse desfile teve a participação de 19 escolas de samba.

A divulgação do samba pelo país foi, assim, resultado da criação e da popularização das escolas de samba na década de 1930 e também da reprodução das canções desse gênero musical pelo rádio. O samba foi sendo popularmente conhecido pelo Brasil inteiro e sendo usado politicamente.

Os governos em suas diversas esferas públicas, logo perceberam que o carnaval era um caminho de interlocução direta com o povo. Passaram então a incentivá-lo, construindo com as escolas e seus representantes uma modalidade midiática de expressão popular. (DINIZ, 2016, p. 92).

Na década de 1930, durante o governo Getúlio Vargas, o samba conquistou espaço na indústria fonográfica e passou a ser tocado no rádio, sendo visto, cada vez mais, como opção de lazer pela população. Segundo Sodré (1998), nessa época, os artistas negros e mestiços começaram a atuar profissionalmente e a penetrar gradativamente em orquestras, emissoras de rádio, gravações, aulas de violão para grã-finos, dentre outros. O samba era uma referência permanente, que se podia exhibir de acordo com a conveniência.

Nesse momento, através do disco e do rádio o samba fez ingresso no sistema de produção capitalista. O poder econômico e político emergente de um modelo escravagista multissecular, que reprimia culturalmente a população negra, começava

a criar papéis sociais (como o de músico profissional) capaz de acomodar uma certa margem de competição entre negros e brancos (SODRÉ, 1998, p.39).

A popularização do samba e o espaço que esse gênero conquistou junto às rádios foram explorados por Vargas para promover a construção de uma identidade nacional. Os sambas enredos das escolas de samba só podiam abordar assuntos nacionais, um país vindo do federalismo da República Velha, sem muito o que realmente o unisse em tantas disparidades regionais. Nesse sentido, uma das formas escolhidas para promover certa unidade foi o samba.

Em 1935, Vargas fez um acordo com as recém-criadas escolas de samba (que já desfilavam pelo centro do Rio de Janeiro, então capital federal, desde 1929). Em troca de verba pública, as agremiações retratariam temas nacionais (e construtivos). Três anos depois, isso virou regulamento oficial da União das Escolas de Samba, responsável pelo julgamento dos desfiles na época. (Pátria amada, salve, salve! Como Getúlio Vargas enquadrou o samba (ANTÔNIO NETO, 2020, n.p).

Por quase três décadas, os sambas enredos das escolas de samba se dividiram entre exaltação da República e de seus presidentes e passagens da história do Brasil Império. De acordo com Sodré (1998), ao mesmo tempo, a música negra, que tinha preservado as suas matrizes rítmicas através de um longo processo de continuidade e resistências culturais, passou a ser considerada fonte geradora de significações nacionalistas. O samba tomou as ruas e espalhou-se pelos carnavais do Brasil. Uma série de sambistas marcaram a história do samba, cantando ou compondo sambas que fizeram sucesso.

Neste período, os principais sambistas são: Sinhô Ismael Silva e Heitor dos Prazeres. Na década de 1930, as estações de rádio, em plena difusão pelo Brasil, passam a tocar os sambas para os lares. Os grandes sambistas e compositores desta época são: Noel Rosa, autor de *Conversa de Botequim*; Cartola, de *As Rosas Não Falam*; Dorival Caymmi, de *O Que É Que a Baiana Tem?*; Ary Barroso, de *Aquarela do Brasil*; e Adoniran Barbosa, de *Trem das Onze*. Na década de 1970 e 1980, começa a surgir uma nova geração de sambistas. Podemos destacar: Paulinho da Viola, Jorge Aragão, João Nogueira, Beth Carvalho, Elza Soares, Dona Ivone Lara, Clementina de Jesus, Chico Buarque, João Bosco e Aldir Blanc. Outros importantes sambistas de todos os tempos: Pixinguinha, Ataulfo Alves, Carmen Miranda (sucesso no Brasil e nos EUA), Elton Medeiros, Nelson Cavaquinho, Lupicínio Rodrigues, Aracy de Almeida, Demônios da Garoa, Isaura Garcia, Candeia, Elis Regina, Nelson Sargento, Clara Nunes, Wilson Moreira, Elizeth Cardoso, Jacob do Bandolim e Lamartine Babo (HISTÓRIA, 2021, n.p.).

Os políticos, em suas diversas épocas, constataram a importância do Carnaval para ficar mais perto do povo, o que levou à valorização do carnaval e à popularização das atividades relacionadas ao evento. Diniz (1975) afirma que:

Os governos passaram a incentivar o carnaval, construindo em conjunto com as escolas de samba e seus representantes uma modalidade midiática de expressão popular. Em apenas algumas décadas, o carnaval das escolas que nasceu na Praça Onze e passou pelas avenidas Rio Branco e presidente Vargas – chegaria, nos anos 1980, a ter sua própria casa para o espetáculo: o sambódromo, imagem do carnaval contemporâneo, projetada pela genialidade de Oscar Niemeyer (DINIZ, 1975, p.92).

Com a construção, no Rio de Janeiro, do Sambódromo,<sup>4</sup> que confinava os desfiles a este espaço, as classes mais populares, que, em sua maioria, faziam o carnaval de rua, sofreram um grande impacto quando a festa passou a ser transmitida pela TV e os ingressos ficaram cada vez mais caros. Assim, o carnaval de rua sobrevivia nos subúrbios por meio dos blocos carnavalescos.

O samba se espalhou por todo o Brasil, nas mais diversas regiões. Seus principais tipos são: samba-enredo, samba de partido alto, samba de roda, samba-canção, samba carnavalesco, samba-exaltação, samba de breque, samba de gafieira, sambalanço, pagode, entre outros. Entre os diversos sambas, um dos mais populares é o *Trem das Onze*, canção gravada pelo grupo Demônios da Garoa, em 1964, e tocada até hoje em todo país.

#### *Trem das Onze*

Não posso ficar nem mais um minuto com você  
Sinto muito amor, mas não pode ser  
Moro em Jaçanã, se eu perder esse trem  
Que sai agora às onze horas, só amanhã de manhã.  
Além disso mulher, tem outra coisa,  
Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar,  
Sou filho único, tenho minha casa para olhar.  
(BARBOSA, 1964).

Entre tantas influências do samba na música brasileira surge, no final dos anos 1950, a Bossa Nova, um importante movimento da música popular brasileira, caracterizado por forte influência do samba carioca e do jazz norte-americano. Lançado por João Gilberto, o estilo viria a caracterizar uma nova forma de tocar e cantar o samba. Segundo Lopes e Simas (2015), a bossa começou na zona sul do Rio.

Bossa Nova – Nome pelo qual se tornou conhecido o movimento de renovação do samba difundido a partir da zona sul do Rio de Janeiro, no fim da década de 1950, e estendido ao estilo de interpretação e acompanhamento dele emergido. O marco fundador está em duas gravações do samba “Chega de saudade”, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes. A primeira, por Elizeth Cardoso, em janeiro; a segunda, por João Gilberto, cujo violão está presente nas duas gravações (LOPES; SIMAS, 2015, p.46).

Diniz (1975) afirma que a bossa nova foi influenciada pela música popular norte-americana, pelo impressionismo europeu e pelas tradições musicais brasileiras, de acordes

---

<sup>4</sup>O Sambódromo da Marquês de Sapucaí, também conhecido como Sambódromo do Rio de Janeiro e oficialmente denominado como Passarela Professor Darcy Ribeiro, é localizado na Avenida Marquês de Sapucaí, na zona central da cidade do Rio de Janeiro. Inaugurado no ano de 1984, o local é o palco da festa popular mais famosa do Brasil, o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, realizado anualmente durante o feriado de Carnaval. A maior parte do complexo situa-se no Centro do Rio de Janeiro, porém a sua porção final, após a Avenida Salvador de Sá, pertence ao bairro Cidade Nova.

dissonantes, notas alteradas e interpretações intimistas no canto. Segundo Lopes (2003), João Gilberto alterou as harmonias com a introdução de acordes não convencionais. Radicalizando a sincopatização do samba com uma divisão única, João tornou-se o papa de uma nova religião.

O curioso é que toda essa revolução joão-gilbertiana foi feita basicamente em cima de sambas absolutamente tradicionais, como, entre outros, de conversa em conversa (Ary Barroso), Isaura (Herivelto Martins e Roberto Roberti), Falsa baiana (Geraldo Pereira) e O pato (Jaime Silva e Neusa Teixeira), escolhidos por ele em geral por serem balançados, sincopados, permitindo o exercício de toda sua criatividade rítmica (LOPES, 2003, p.101).

A bossa nova desponta em meio ao processo de urbanização e industrialização Do Brasil, no governo de Juscelino Kubitschek, que foi apelidado de presidente bossa nova. Além de João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Moraes foram figuras essenciais para o desenvolvimento desse estilo musical. Outros músicos e compositores também aderiram ao estilo, dentre eles Dorival Caymmi, Edu Lobo, Francis Hime, Marcus Valle, Paulo Valle, Carlos Lyra, Ronaldo Bôscoli, Nara Leão, Bebel Gilberto, Baden Powell, Nelson Motta, Wilson Simonal.

Segundo Diniz (1975), os festivais de música tiveram importante influência estética da bossa nova, com seu início na segunda metade da década de 60. Até então, os concursos de música (festivais) eram realizados nos teatros e universidades; com o desenvolvimento da televisão, foram se adequando, sendo transferidos para a TV e passando a ser organizados pelas emissoras Record, Excelsior e Globo. Os festivais foram marcados por músicas de protestos e resistência em resposta ao regime militar instalado na época, onde se impunha pressão psicológica e ou física aos opositores do regime.

Para grande parte dos universitários, a ideia mais tarde cristalizada no *slogan* dos militares “Brasil: ame-o ou deixe-o”, deveria ser combatida nas ruas, como na passeata do Cem Mil, no Rio de Janeiro, em 1968. E seria também combatida nos festivais, fosse pela rebeldia e o engajamento político dos artistas fosse pela possibilidade de o público defender, muitas vezes de forma enérgica e pouco amistosa, suas preferências musicais (que não era raro diferiam bastante das escolhas do júri oficial). Realmente, “amar” o país da maneira que queriam os militares, sem liberdade, democracia e cidadania, não fazia parte dos interesses do público dos festivais (DINIZ, 1975, p.161).

Entre tantos cantores e compositores que se destacaram nos festivais, alguns nomes fizeram grande sucesso. Esses festivais foram importantes movimentos musicais da música popular brasileira, além de revelar e consolidar muitos compositores e intérpretes, como Elis Regina, Chico Buarque, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Tom Jobim, Gilberto Gil, Jair Rodrigues, Nara Leão, Gal Costa, Edu Lobo.

O samba também se fez presente nos festivais de música popular e nomes como Paulinho da Viola, Martinho da Vila, Chico Buarque, Jair Rodrigues, Clara Nunes, Elis Regina,

Beth Carvalho, entre outros tiveram grande participação nesses eventos da música popular brasileira.

Nos anos 1970 e 1980, surgiu outro estilo de samba ou uma forma de fazer e tocar samba, o pagode, que abriu espaço para a incorporação de novos instrumentos musicais, como o tantan, o repique de anel e o banjo com braço de cavaquinho, instrumentos tocados por Sereno, Ubirani e Almir Guineto, integrantes de um dos primeiros grupos de pagode, o Fundo de Quintal.

Samba e pagode eram uma coisa só, uma festa onde as pessoas se reuniam para comer, beber, dançar, cantar e quem sabe paquerar. Não se sabe o que veio primeiro, mas o fato é que, com o tempo, o gênero foi mudando e o termo também adquiriu novas acepções. Na década de 1980, o que ficou conhecido como pagode, também chamado de fundo de quintal ou de pagode de mesa, era somente a festa do samba, mas um novo jeito de se fazer samba cujas mais profundas raízes saíram do bloco carnavalesco Cacique de Ramos (DINIZ, 1975, p.189).

Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, Sombrinha, Almir Guineto, Beto sem Braço, Jorge Aragão, Luiz Carlos da Vila, Neoci, Jovelina Pérola Negra, dentre outros são alguns dos nomes que se destacaram no pagode. O pagode continua presente em qualquer festa dos subúrbios, na zona sul do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e em outros locais pelo país.

Um ponto importante para o samba é a participação das mulheres. Elas trouxeram grande contribuição, ultrapassando barreiras, aumentando a resistência e a força do samba. Mas o espaço devido às mulheres dentro desse gênero musical está, até os tempos atuais, sendo conquistado por meio de muita luta.

O samba, apesar de estar presente nas casas de muitos brasileiros, sempre teve uma tradição machista. Enquanto aos homens cabia tocar nas rodas de samba e compor as letras, o local destinado à mulher foi o da dança, de forma sexualizada ou então fazendo as comidas. Nesse sentido, as tias baianas que migravam para o Rio de Janeiro foram eternizadas até os tempos atuais no cenário do samba, embora o lugar que cabia a elas fosse bastante definido. Entretanto, como o samba era perseguido pelas autoridades, era na casa delas que aconteciam as reuniões e os sambas da época, de modo que elas construíram verdadeiros “quilombos” de resistência nas suas moradias. Entre elas, conforme já apontamos, se destaca Tia Ciata:

Ciata não só era uma grande anfitriã e cozinheira como importante “articuladora política”, além de seu marido ter sido chefe da polícia, o que facilitava o diálogo com a instituição. Quando o samba era proibido em alguns espaços ou os sambistas perseguidos por ações da Polícia Militar, a mesma utilizava de seu prestígio social e credibilidade entre as autoridades da cidade para impedir qualquer tipo de criminalização. Tia Ciata desembarcou no Rio de Janeiro aos 22 anos, durante a diáspora baiana na cidade no século XIX com vestimentas de baiana, e sobrevivia vendendo quitutes. Tornou-se assim, matriarca do samba no país e hoje também símbolo do feminismo negro (REIS, 2019, n.p).

Nas escolas de sambas, uma das alas mais importantes é a Ala das Baianas, uma das formas de homenagear não apenas Tia Ciata, mas a memória de todas as tias baianas do samba, que fizeram de suas casas um forte reduto de resistência do samba. Outras mulheres também tiveram muita importância para o samba. Reis (2019) aponta que foi Clementina de Jesus quem abriu caminho para as cantoras no mundo do samba:

As fontes históricas até hoje apontam que Clementina de Jesus foi a primeira cantora feminina pública a ocupar o espaço do samba. Com sua voz rouca e grave, “Quelé” (apelido destinado por colegas) possuía uma grande herança africana embora tivesse tido formação cristã. Nascida em Valença em 1901 e neta de escravas, Clementina revolucionou o samba após ter sido escolhida pelo produtor Hermínio Bello de Carvalho. Só foi revelada aos 63 anos e a partir daí, fez ecoar nos palcos a ancestralidade africana. Trabalhou como empregada doméstica a maior parte da vida. Expressou em suas músicas, a luta contra o preconceito racial e machismo. Morreu em 1987 com 86 anos de idade por problemas cardíacos (REIS, 2019, n.p.)

Dona Ivone Lara foi a primeira mulher a participar da ala de compositores de uma escola de samba, a Império Serrano, no Rio de Janeiro, ao final de 1960. Sua importância extrapola os ‘locais de samba’, e ela alcança respeito como compositora e instrumentista na chamada MPB.

Yvonne Lara da Costa (Rio de Janeiro, Brasil, 1922 - Rio de Janeiro, Brasil, 2018). Compositora, cantora e instrumentista. Uma das pioneiras no samba como compositora e intérprete, é a primeira mulher a integrar a Ala dos Compositores da Império Serrano, escola para a qual produz, na década de 1960, o samba-enredo “Os Cinco Bailes da História do Rio”. Com Délcio Carvalho (1939-2013), seu parceiro mais constante, compõe *Samba Minha Raiz* (1976), *Acreditar* (1976) e *Sonho meu* (1978). Recebe, por essa última composição, o prêmio Sharp de melhor música do ano. Em 1978, lança seu primeiro LP, *Samba, Minha Verdade, Samba Minha Raiz* (ITAÚ CULTURAL, 2021, n.p.).

Outros nomes de grande importância para a difusão e a popularização do samba são: Elza Soares, Elis Regina, Clara Nunes Alcione, Leci Brandão e Beth Carvalho, que amadrinhou muitos sambistas, sendo também essencial para a cultura musical brasileira, principalmente os artistas que deram origem ao pagode, a exemplo do grupo Fundo de Quintal, Zeca Pagodinho, dentre outros.

Ainda hoje o preconceito é muito grande, mas as mulheres estão conquistando seu espaço no samba. Diante da evolução dos papéis femininos na sociedade e da propagação dos debates relativos ao feminismo e trocas coletivas entre mulheres, algumas cantoras vêm se tornando referências nas rodas de samba frequentadas por mulheres, fazendo história nesses espaços.

O samba é tão importante para a cultura brasileira que tem um dia especialmente dedicado para celebrá-lo. Comemora-se, em 2 de dezembro, o Dia Nacional do Samba. Segundo Lopes (2003).

O Dia Nacional do Samba é uma efeméride comemorada principalmente no Rio de Janeiro e em Salvador no dia 02 de dezembro. A data evoca o dia em que o etnólogo

Édison Carneiro, ao final do 1º. Congresso Nacional do samba, realizado no Rio de Janeiro em 1962, foi incumbido de redigir a *Carta do Samba*, documento (publicado pelo então Ministro da Educação e Cultura por meio da Campanha de defesa do Folclore) que propunha a preservação das características do samba dentro de uma perspectiva de progresso. No Rio, a efeméride foi oficializada pela Lei No. 554 de 28.07.1964. (LOPES, 2003, p. 76).

No ano de 2007, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) registrou como bem cultural *As Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-Enredo*. No site do IPHAN, há uma definição da UNESCO sobre patrimônio cultural imaterial.

A UNESCO define como Patrimônio Cultural Imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas — junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados — que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural". O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (IPHAN, 2014, n.p.).

Na perspectiva apontada, a expansão de um ritmo oriundo das camadas populares, dos ex-escravizados, das franjas da cidade e dos morros, leva à reflexão sobre a formação miscigenada do samba e, como tal, à questão central que permeia tais relações: o racismo. Assim, o próximo tópico apresentará os autores e ideias que subsidiarão a discussão da temática.

Figura 05: Surdo - em madeira e ou alumínio, o surdo pode ser coberto metade com nylon e metade com couro. É tocado com as duas mãos, a mão com baqueta bate do couro e outra mão vem abafando as batidas e toques



Fonte – acervo do autor

#### 4. O NEGRO RESISTE POR MEIO DO SAMBA

Será que já raiou a liberdade  
 Ou se foi tudo ilusão  
 Será, que a lei Áurea tão sonhada  
 Há tanto tempo assinada  
 Não foi o fim da escravidão?

*Cem anos de liberdade, realidade e ilusão*  
 Hélio Turco, Jurandir e Alvinho (1988).

A cultura africana chegou ao Brasil com os povos escravizados, trazidos da África durante o longo período em que durou o tráfico negreiro transatlântico. Os “colonizadores” invadiram países, principalmente no continente africano, em busca de mão de obra para as novas colônias. Essas invasões, com a intenção de conquistar riquezas e descobrir novas terras, escravizaram, torturaram e comercializaram os negros africanos, que foram arrancados da África para viverem longe de parentes, de suas raízes, em um novo país, como mercadoria de um dono desconhecido.

Depois da longa travessia atlântica e do desembarque em algum porto das grandes cidades do Brasil, ou em alguma praia deserta após a proibição, os africanos logo percebiam que sobreviver era o grande desafio que tinham pela frente. Dali em diante teriam que conviver com o trauma do desenraizamento das terras dos ancestrais e com a falta de amigos e parentes que deixaram do outro lado do Atlântico. Logo percebiam que viver sob a escravidão significava submeter-se à condição de propriedade e, portanto, passíveis de serem leiloados, vendidos, comprados, permutados por outras mercadorias, doados e legados. Significava, sobretudo, ser submetido ao domínio de seus senhores e trabalhar de sol a sol nas mais diversas ocupações (ALBUQUERQUE, 2006, p. 65).

A história da escravidão africana no Brasil é repleta de dor e de sofrimento: os negros foram embarcados à força nos navios, após serem comprados em leilões do outro lado do oceano e, em média, 10% morriam durante a viagem. Os corpos eram jogados sobre as ondas sem qualquer cerimônia, às vezes, sem ao menos a proteção de um pano ou lençol, para serem imediatamente devorados por tubarões e outros predadores marinhos.

Segundo inúmeras testemunhas da época, mortes tão frequentes e em cifras tão grandes fizeram com que estes grandes peixes mudassem suas rotas migratórias, passando a acompanhar os navios negreiros na travessia do oceano, à espera de corpos que seriam lançados as ondas e lhes serviriam de alimento. Estes rituais eram parte da rotina a bordo (GOMES, 2019, p. 49).

A resistência, a persistência dos negros foi de vital importância para sua sobrevivência, pois sofriam dentro dos porões sujos dos navios, em condições subumanas, onde muitos não conseguiram completar a viagem. Segundo Gomes (2019), os negros também morriam de disenteria, febre amarela, varíola, suicídio, pois muitos, tomados pelo desespero, se jogavam ao mar. Morria-se também de banzo, nome dados pelos africanos para o surto de depressão,

quando a pessoa parava de se alimentar, perdia o brilho do olhar e assumia uma postura inerte enquanto suas forças vitais se esvaíam no prazo de poucos dias (GOMES, 2019). O Brasil foi o maior país escravista do ocidente em mais de três séculos e hoje possui uma das maiores populações de afro descendentes do mundo.

O País recebeu quase 5 milhões de africanos cativos, 40% do total de 12,5 milhões embarcados para a América em cerca de 35 mil navios negreiros. Por conta disso, é atualmente o segundo país de maior população negra ou de origem africana do mundo. Os afrodescendentes brasileiros, classificados nos censos o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como pretos e pardos somam hoje cerca de 115 milhões de pessoas, número inferior a penas a população da Nigéria, de 190 milhões de habitantes, superior à da Etiópia, segundo país africano mais populoso com 105 milhões (GOMES, 2019, p.24).

A diversidade cultural da África refletiu-se na diversidade dos escravos, pertencentes às diversas etnias, que falavam idiomas diferentes e trouxeram tradições distintas. Segundo Klein (2018), os negros africanos vieram de áreas bem definidas.

Nos séculos XVI e XVII, partiram sobretudo do Senegal e da zona do Golfo do Benim, e posteriormente da região Congo-Angola. Foi apenas no início do XIX que passaram a ser trazidos também escravos de Moçambique. Assim, 70% dos escravos que chegaram durante os quatro séculos do tráfico saíram da África Centro Ocidental, 18% do golfo do Benim e 6% de Moçambique. (KLEIN, 2018 p. 193).

Quando os negros chegaram ao Brasil, foram separados de seus povos e misturados com negros de outras regiões da África que falavam línguas diferentes, para dificultar a comunicação entre eles e destruir seus costumes, crenças e cultura, entre outras características que os particularizavam. A intenção era clara, de apagar da memória da população negra, a história vivida antes de chegar ao Brasil. A ideia era fazer transparecer que a população negra não tinha passado. Essa proposta, inclusive, se fez presente na educação brasileira.

Não é novidade encontrar livros didáticos, principalmente anteriores a 2003, que tratam a população negra apenas como escravos ou descendentes de escravos. Negras (os) são sujeitos históricos apenas durante o período colonial e imperial da nossa história; após a abolição parece que foram diluídos na história do próprio país, foram “emancipados” e deixaram de ser negras (os). Sempre se apresenta o negro como escravo (aquele que aceita a sua condição de submissão), não como escravizado (aquele que foi obrigado a estar na condição de submissão), como responsável pelo trabalho e não como construtor de riqueza, como obediente e não contestador da sua condição de escravizado (PEREIRA, 2015, p.8).

Os negros viviam como mão de obra escrava, fundamental nas plantações de cana-de-açúcar, de tabaco e de algodão, nos engenhos e, mais tarde, nas vilas e cidades, nas minas e nas fazendas de gado. Para os senhores de engenho, era muito vantajoso, uma vez que se tratava de uma mão-de-obra barata cujo ônus consistia apenas na oferta de alimento.

O trabalho realizado pelos negros escravizados nas fazendas de café era árduo, pois eles se levantavam antes do sol nascer, se dirigiam aos cafezais a pé ou em carros de boi e lá passavam 15 horas por dia trabalhando. Quando retornavam à sede da fazenda, ao cair da noite, eram obrigados a cortar lenha, preparar comida e torrar o café. Por volta

das 10 horas da noite, eram colocados nas senzalas feitas de pau a pique e sapé (MATTOS, 2012, p. 109).

A classe social dominante - branca, europeia, apoiada pela Igreja — justificava essa condição pelas ideias religiosas e racistas que afirmavam sua superioridade e seus privilégios.

Desta forma, baseados em argumento bíblico, os homens se apropriaram dessas ideias e passaram a justificar a escravidão dos diversos povos da África. Sendo assim "A Igreja Católica e o Estado sempre defenderam a posição superior dos brancos, valendo-se de leis e convenções que lhes garantiam os melhores cargos, títulos e privilégios". (CARNEIRO, 2003, p.10).

No Brasil, os escravos aprendiam o português, eram batizados com nomes portugueses e obrigados a se converter ao catolicismo. Dessa maneira, o negro foi desumanizado, perdeu sua essência e era tratado como objeto. Assim, com o aval da Igreja Católica, sua subjetividade todos os seus sentimentos, suas emoções eram desrespeitadas.

Desde as suas primitivas origens, a Igreja Católica aceitou e promulgou a escravidão como uma prática institucional que se considerava justa, necessária e inevitável. As escrituras não condenavam e esse fato facilitou aos cristãos fazerem uso dela sem problemas de consciência (BADILLO, 1994, p. 59-60).

Daí também vai se originar uma “suposta superioridade” dos povos europeus sobre os negros:

Ao ver o negro como coisa e tratá-lo assim, o europeu assume uma suposta superioridade sobre o africano, impondo a ele, europeu, o papel de salvador do mundo, justificando que sua presença nos continentes, africano, asiático, americano e oceânico, é na verdade, uma dádiva divina, uma missão, uma predestinação (PEREIRA, 2015, p.17).

Outro fato importante se refere às mulheres negras. Elas foram grandes vítimas da violência durante a escravidão, utilizadas como mão de obra, principalmente para trabalhos domésticos, como cozinheiras e amas de leite, além de se tornarem objeto de uso sexual dos seus senhores e vítimas de violência. Historiadores relatam situações em que se a beleza dos dentes da escrava incomodava a sinhá, ela mandava arrancá-los. Como nada podiam fazer contra seus maridos, as esposas descontavam seus ciúmes nas escravas.

Não são dois nem três, porém muitos os casos de crueldade de senhoras de engenho contra escravos inermes. Sinhás-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que, por ciúme ou despeito, mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma série de judiaria. O motivo, quase sempre, o ciúme do marido. O rancor sexual. A rivalidade de mulher com mulher (FREYRE, 1977, p. 337).

Para se livrarem dos constantes castigos, os negros fugiam das fazendas e, quando eram recapturados, eram castigados por vários dias (amarrados, acorrentados, chicoteados, além de

sofrerem outras punições severas, para servirem de exemplo para os outros. Essas fugas eram constantes, e ocorriam para lugares cada vez mais distantes e de difícil acesso, onde se encontravam com outros negros fugitivos, formando os quilombos, um lugar em que conseguiam viver a sua liberdade até que fossem novamente capturados.

Os negros nunca demonstraram ser passivos. Em resposta à violência e à dominação, os escravos negros sempre resistiram. Foram várias as atitudes que marcaram o protesto dos negros contra a sua situação. Muitos utilizaram o suicídio para mostrar que a vida lhes pertencia – e tiravam de seus donos esse “privilégio”. Muitos deixaram-se morrer de tristeza. Outros fugiram... (VALENTE, p. 25, 1994).

Mesmo com toda a estrutura de desmonte da cultura e memória africana que negros e negras enfrentaram no processo de escravização, os negros que se estabeleceram no Brasil começaram a se organizar em grupos de fugitivos. Além dos negros, nos quilombos se agregavam brancos pobres ou fugitivos da Coroa Portuguesa e indígenas, sendo uma localidade que não segregava seus habitantes.

Os quilombos podem ser considerados uma das primeiras experiências de luta popular no Brasil, pois todos os seus membros eram pessoas que estavam em conflito com o sistema de governo colonial e passaram a enfrentar a opressão do sistema criando uma nova referência de vida, de sociedade, de economia. Os quilombos representavam a resistência contra a opressão do Estado e, hoje, esse mesmo Estado continua oprimindo os descendentes quilombolas, não resolvendo as questões de propriedades de suas terras.

Vários quilombos foram formados e, muitas vezes, eram descobertos pelos ‘capitães do mato’, pessoas responsáveis pela procura e captura de negros fugitivos. O mais famoso, importante e duradouro dos quilombos, o Quilombo do Palmares, teve como líder maior, Zumbi dos Palmares, que acolheu e liderou milhares de negros.

Palmares foi uma comunidade quilombola que, no século XVII, ocupava a Serra da Barriga. Essa região se estendia do rio São Francisco, em Alagoas, até as vizinhanças do cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco. Tratava-se de um terreno acidentado e de difícil acesso, coberto de espessa mata tropical que incluía a pindoba, um tipo de palmeira, daí o nome Palmares. Se a vegetação dificultava o deslocamento dos caçadores de escravos fugidos, chamados capitães do mato ou capitães de assalto, e a abundância de árvores frutíferas, caça, pesca e água potável facilitava a sobrevivência dos quilombolas, também exigia dos moradores habilidade para enfrentar os perigos e as dificuldades da vida na floresta. O mesmo ecossistema que os protegia também os ameaçava. Derrubada a mata, o solo era fértil e úmido, próprio para o plantio de milho, mandioca, feijão, batata-doce e banana. A cana-de-açúcar também era ali cultivada para o fabrico de rapadura e aguardente. Experientes no trabalho agrícola, os negros mantinham plantações que lhes garantiam a subsistência a ponto de o próprio rei de Portugal, ao autorizar uma das expedições contra Palmares, recomendar que a data coincidissem com a época de colheita dos quilombolas, para permitir o abastecimento da tropa (ALBUQUERQUE, 2006, p. 122).

Palmares ficou famoso pela longa história de resistência contra a opressão portuguesa, com variadas guerras entre tropas de quilombolas e tropas portuguesas. A experiência do Quilombo dos Palmares mostra como os negros, desde o início da colonização brasileira, buscaram meios de enfrentar a exploração e a opressão da escravização e não ficaram inertes diante da situação em que se encontravam.

Segundo Gomes (2019), após várias tentativas ao longo dos anos, no dia 20 de novembro de 1695, o herói e último defensor de Palmares foi finalmente encurralado e morto por uma emboscada organizada pelo capitão André Furtado de Mendonça. Zumbi teve a cabeça decepada, salgada e levada em triunfo para Recife, onde ficou exposta em um poste para servir de exemplo a outros escravos rebeldes e potenciais fugitivos.

É importante lembrar que Palmares permaneceu como quilombo por mais um século após a morte de Zumbi. O líder maior foi morto, entretanto a sua luta por liberdade permaneceu viva e muitos negros e negras continuaram fugindo para Palmares e outros quilombos que foram formados ao longo do período colonial brasileiro. A data da morte de Zumbi dos Palmares se tornou muito importante para a história do Brasil, conforme relata Gomes (2019).

Por força da Lei 12.519, de 2011, a data se transformou no Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, embora a legislação não determinasse a obrigação de feriado, decisão que ficaria a critério de estados e municípios. Em 2018, apenas 1.047 município, de um total de 5.561, optaram pelo feriado. (GOMES, 2019, p.422).

Além de ser homenagem e reconhecimento pela luta de Zumbi dos Palmares, o Dia da Consciência Negra deve ser visto não como mais um feriado, como acontece em algumas cidades, mas como um dia de reflexão sobre o racismo e as suas implicações na atualidade e a luta contra as desigualdades e violências que ainda hoje afetam a população negra. Para além de um momento festivo, a data proporciona a reflexão sobre o racismo e as suas implicações na atualidade.

Nunca foi fácil viver no Brasil. A luta dos negros durante a história sempre foi política, estabelecendo uma relação de enfrentamento, e os percursos dessa luta se apresentam, constantemente, com inúmeras dificuldades, principalmente devido às relações inter-raciais no país, que não se constituíram de maneira harmoniosa e, ao contrário, sempre conflituosa, principalmente com relação às autoridades policiais. Nesse sentido, o 20 de novembro representa uma história de luta contra o racismo que ainda impera no país, uma trajetória histórica que acompanha a própria história do Brasil.

Embora tenha nascido livre, Zumbi foi capturado com sete anos de idade e entregue a um padre católico, do qual recebeu batismo e foi nomeado Francisco. Aprendeu a língua portuguesa e religião católica, chegando a ajudar o padre, nas celebrações de missas. Aos quinze anos voltou a viver no quilombo, pelo qual lutou até a morte, em

1695. Símbolo da luta contra escravidão, lutou também pela liberdade de culto religioso e pela prática da cultura africana no país. (GOMES, 2019, p. 429)

O samba enredo apresentado a seguir exalta a resistência do negro, a luta contra o racismo, contra o preconceito e expressa a valorização da cultura negra, ressaltando marcos simbólicos ricos para a cultura negra, como a luta pelo fim do racismo e a afirmação da identidade afrodescendente, levando à reflexão sobre a importância da resistência, da cultura, do carnaval e da música para a sociedade brasileira.

*Kizomba, festa da raça*<sup>5</sup>

Valeu Zumbi  
 O grito forte dos Palmares  
 Que correu terras céus e mares  
 Influenciando a Abolição  
 Zumbi valeu  
 Hoje a Vila é Kizomba  
 É batuque, canto e dança  
 Jongo e Maracatu  
 Vem menininha pra dançar o Caxambu  
 Vem menininha pra dançar o Caxambu  
 Ooh Oh-oh Ô nega mina  
 Anastácia não se deixou escravizar  
 Oh-oh Ô Clementina  
 O pagode é o partido popular  
 Sacerdote ergue a taça  
 Convocando toda a massa  
 Nesse evento que com graça  
 Gente de todas as raças  
 Numa mesma emoção  
 Esta Kizomba é nossa constituição  
 Esta Kizomba é nossa constituição  
 Que magia  
 Reza ageum e Orixá  
 Tem a força da Cultura  
 Tem a arte e a bravura  
 E um bom jogo de cintura  
 Faz valer seus ideais  
 E a beleza pura dos seus rituais

Vem a Lua de Luanda  
 Para iluminar a rua  
 Nossa sede é nossa sede  
 De que o Apartheid se destrua  
 Vem a Lua de Luanda  
 Para iluminar a rua  
 Nossa sede é nossa sede  
 De que o Apartheid se destrua  
 Valeu  
 Valeu Zumbi  
 O grito forte dos Palmares

---

<sup>5</sup>Compositores: Rodolpho De Souza / Luiz Carlos Baptista / Jonas Rodrigues. Letra de Kizomba, Festa da Raça © Ed. Musical Escola De Samba Ltda. (1988). Fonte: Musixmatch, Álbum: Festa da Raça, Data de lançamento: 1988, Gênero: Samba

Que correu terras céus e mares  
 Influenciando a Abolição  
 Zumbi valeu  
 Hoje a Vila é Kizomba  
 É batuque, canto e dança  
 Jogo e Maracatu  
 Vem menininha pra dançar o Caxambu  
 Vem menininha pra dançar o Caxambu  
 Ooh  
 Oh-oh  
 Ô nega mina  
 Anastácia não se deixou escravizar  
 Oh-oh  
 Ô Clementina  
 O pagode é o partido popular  
 Sacerdote ergue a taça  
 Convocando toda a massa  
 Nesse evento que com graça  
 Gente de todas as raças  
 Numa mesma emoção  
 Esta Kizomba é nossa constituição  
 Esta Kizomba é nossa constituição  
 Que magia  
 Reza ageum e Orixá  
 Tem a força da Cultura  
 Tem a arte e a bravura  
 E um bom jogo de cintura  
 Faz valer seus ideais  
 E a beleza pura dos seus rituais  
 Vem a Lua de Luanda  
 Para iluminar a rua  
 Nossa sede é nossa sede  
 De que o Apartheid se destrua  
 Vem a Lua de Luanda  
 Para iluminar a rua  
 Nossa sede é nossa sede  
 De que o Apartheid se destrua  
 Valeu  
 Valeu Zumbi  
 Valeu Zumbi  
 Valeu Zumbi  
 Valeu Zumbi  
 (SOUZA; BATISTA; RODRIGUES, 1988)

O fim da escravidão ocorreu com muita luta dos negros e dos abolicionistas. O Brasil foi um dos últimos países a acabar definitivamente com a escravidão, ainda que, oficialmente, porque, na prática, a luta continua. É necessário lembrar que o interesse em acabar com a escravidão no Brasil não tinha cunho humanitário. A condição humana do negro não era de grande valia e, mesmo com a abolição, a discriminação contra a pessoa negra continua presente no cotidiano brasileiro.

O processo da abolição do trabalho escravo foi mediado por um movimento social de repúdio, muito forte na Europa, conhecido como Abolicionismo. O Abolicionismo adquiriu força quando suas premissas humanitárias, contrárias ao trabalho escravo, passaram a coincidir com os interesses do capital industrial, cuja crescente divisão do trabalho concebia já novas tarefas para a produção colonial. A partir deste momento,

o movimento abolicionista revelou sua força irreprimível, penetrando mesmo nas colônias e semicolônias. (BARBOSA, 2006, p. 13).

No Brasil, as leis que antecederam a abolição, a lei do fim do tráfico negreiro, a Lei do Ventre Livre, a Lei do Sexagenário, foram feitas para responder aos interesses ingleses de acabar com a escravidão, país pioneiro na industrialização mundial e maior interessado em transformar os escravos em trabalhadores assalariados e, portanto, consumidores de produtos vindos da Europa, diga-se, da Inglaterra.

A Lei n. 581, de 4 de setembro de 1850, conhecida como Lei Eusébio de Queirós, estabeleceu medidas para a repressão do tráfico de africanos no Império. Sua promulgação é relacionada, sobretudo, às pressões britânicas sobre o governo brasileiro para a extinção da escravidão no país. 21 anos mais tarde, foi aprovada, em 28 de setembro de 1871, a Lei do Ventre Livre, que permitia a liberdade para filhos de escravos nascidos no ano de 1871; porém, só o dono desses escravos poderia decidir o momento em que eles seriam libertos.

A Lei do Ventre Livre fixou que todos os filhos de mulher escrava partir daquela data eram considerados livres. Porém como entender a liberdade dessas crianças se suas mães continuavam escravas? Que tipo de proteção era assegurada a essas crianças? Quando crescessem, a que tipo de trabalho seriam destinados? O que fariam depois? (ANTUNES, 1994, p. 30).

Quatorze anos, depois, em 28 de setembro de 1885 criou-se a Lei dos Sexagenários. O escravo que conseguisse a libertação era obrigado a se instalar na cidade na qual foi alforriado por mais cinco anos.

A Lei dos Sexagenários estabeleceu que os escravos com mais de 60 anos de idade ficavam livres. Enquanto isso, aos senhores não ficava nenhuma obrigação com relação aos libertos. Mas, como uma pessoa com mais de 60 anos, tendo trabalhado pesado até essa idade, em regime de escravidão, poderia se tornar “livre” de repente? Não tendo, pela sua possa contar para o seu sustento, como poderia sobreviver? (ANTUNES, 1994, p. 30).

Quase três anos depois foi sancionada, pela Princesa Dona Isabel, a filha de Dom Pedro II, a lei que concedeu liberdade total aos escravos que ainda existiam no Brasil, a de nº 3.353, de 13 de maio de 1888, que declarava extinta a escravidão no Brasil. A Lei Áurea deu liberdade aos negros, porém não estabeleceu nenhuma garantia social e econômica. Os negros não tiveram acesso à terra, à escola e à igualdade política. Apesar de deixarem de ser escravos, não foram inseridos na sociedade ou absorvidos pelo mercado de trabalho, de modo que somente conseguiam trabalhar em funções não desejadas pelas pessoas brancas, além de receber menor remuneração.

Para Gomes (2019), oficialmente, a escravidão acabou em 1888, mas o Brasil jamais se empenhou, de fato, na liberdade dos negros, pois esses nunca foram tratados como cidadãos.

Os resultados aparecem nas estatísticas a respeito da profunda e perigosa desigualdade social do país, conforme relatado a seguir:

- Negros e pardos – classificação que inclui mulatos e uma ampla gama de mestiços – representam 54% da população brasileira, mas sua participação entre os 10% mais pobres é muito maior 78%. Na faixa dos 1% mais ricos da população, a proporção inverte-se. Nesse restrito e privilegiado, situado no topo da pirâmide de renda, somente 17,8% são descendentes de africanos;
- Na educação, enquanto 22,2% da população branca têm 12 anos de estudos ou mais, a taxa é de 9,4% para a população negra. O índice de alfabetização dos negros em 2016 era de 9,9% mais que o dobro do índice entre os brancos. A brutal diferença se repete na taxa de desemprego, de 13,6% e 9,5%, respectivamente. Os negros no Brasil ganham em média R\$1.570,00 por mês, enquanto a renda média entre os brancos é de R\$2.814,00;
- Nos cursos superiores, em 2010, os negros representavam apenas 29% dos estudantes de mestrado e doutorado, 0,03% do total de aproximadamente 200 mil doutores nas mais diversas áreas de conhecimento e só 1,8% entre todos os professores da Universidade de São Paulo (USP);
- Um homem negro tem oito vezes mais chances de ser vítima de homicídio no Brasil são mais expostas à criminalidade. São também a maioria entre os habitantes de bairros sem infraestrutura básica, como luz, saneamento, segurança, saúde e educação;
- Entre os 1626 deputados distritais, estaduais, federais e senadores brasileiros, eleitos em 2018, apenas 65- menos de 4% do total são negros. Incluindo os pardos, o número chega a 27%, ainda sim, proporcionalmente a metade da câmara legislativa do país, proporção é ainda menor. Só três dos 81 senadores (3,7%) se declaram negros. Entre os governadores dos estados e do Distrito Federal, não há nenhum negro. E também nenhum entre os ministros do Supremo Tribunal Federal desde que Joaquim Barbosa se aposentou, em 2014;
- Nas quinhentas maiores empresas que operam no Brasil, apenas 4,7% dos postos de direção e 6,3% dos cargos de gerência são ocupados por negros;
- Os brancos são também a esmagadora maioria em profissões de alta qualificação, como engenheiros (90%), pilotos de aeronaves (88%), professores de medicina (89%), veterinários (83%) e advogados (79%);
- Só 10% dos livros publicados no Brasil entre 1965 e 2014 são de autores negros entre os diretores de filmes nacionais produzidos de 2002 a 2012, apenas 2% (GOMES, 2019, p. 31- 33).

De acordo com Gomes (2019), essas cifras são o alto preço que o Brasil paga ainda hoje pelo abandono de sua população negra à própria sorte na época da Lei Áurea. Após a abolição, os negros passam por um processo de busca da sua igualdade na sociedade brasileira, pois já conquistaram a liberdade. As ideias do Iluminismo e de liberdade e igualdade pautavam os discursos dos políticos brasileiros, porém aos negros esse discurso não chegava. A elite política brasileira afirmava o compromisso pela igualdade, mas não deixava e não queria que os negros usufruíssem desse direito. A música intitulada *Povo Guerreiro*, gravada pelo cantor Criolo –

Kleber Cavalcanti Gomes – retrata esse momento da vida dos negros, retratando um povo que lutou e conseguiu a liberdade com a abolição da escravatura e ainda luta pelo seu reconhecimento e igualdade.

*Povo guerreiro*<sup>6</sup>

Povo guerreiro  
 Bate tambor  
 Comemora a liberdade  
 Mas a igualdade não chegou  
 Nossos ancestrais lutaram pela liberdade  
 Contra tudo e contra todos  
 O negro nunca foi covarde  
 Fugiu das senzalas  
 Refugiou-se nos quilombos  
 Conquistou a liberdade  
 Mas em busca da igualdade  
 Ainda sofre alguns tombos  
 Povo guerreiro  
 Bate tambor  
 Comemora a liberdade  
 Mas a igualdade não chegou  
 No pós liberdade  
 O negro foi marginalizado  
 Teve a alma aprisionada  
 Com as algemas da desigualdade  
 Hoje refugiado em favelas  
 Onde a vida tem suas mazelas  
 Combate à miséria, o preconceito e a adversidade  
 A igualdade e o respeito  
 Mais do que anseios  
 Também são necessidades  
 Povo guerreiro  
 Bate tambor  
 Comemora a liberdade  
 Mas a igualdade não chegou  
 No pós liberdade  
 O negro foi marginalizado  
 Teve a alma aprisionada  
 Com as algemas da desigualdade  
 Hoje refugiado em favelas  
 Onde a vida tem suas mazelas  
 Combate à miséria, o preconceito e a adversidade  
 A igualdade e o respeito  
 Mais do que anseios  
 Também são necessidades  
 Povo guerreiro  
 Bate tambor  
 Comemora a liberdade  
 Mas a igualdade não chegou oh ohohoh  
 ohohohoh, oh ohohoh  
 (CRIOLO, 1975).

---

<sup>6</sup>Criolo - Kleber Cavalcante Gomes (São Paulo, 1975). **Cantor** e compositor. Fonte: [LyricFind](#). Compositores: Ricardo Rabelo / Willian Borges **Artista:** Criolo; **Álbum:** Povo Guerreiro; **Data de lançamento:** 2018

O período de escravidão no Brasil foi uma tragédia de proporções gigantescas. Arrancados do seu continente, da sua cultura os africanos e seus descendentes construíram o Brasil com trabalho árduo, sofreram humilhações, violências, foram explorados e discriminados. Mas também muito contribuíram para formação do povo e da cultura brasileira. Segundo Gomes (2019),

São da África a capacidade de resistência e adaptação, a resiliência, a criatividade, o vigor, o sorriso fácil, a hospitalidade, a alegria, a música, a dança, a culinária as crenças religiosas e outros aspectos que transformaram o Brasil em uma sociedade plural multifacetada, marcada por cores e ritmos que hoje nos diferencia do mundo (GOMES, 2019, p. 34).

Dentre as várias contribuições dos negros escravizados para a formação da cultura brasileira, podemos destacar a culinária trazida pelos africanos e que hoje é parte essencial da vida de muitos brasileiros, espalhados por esse imenso país. Segundo Freire (1977),

No regime alimentar brasileiro, a contribuição africana afirmou-se principalmente pela introdução do azeite-de-dendê e da pimenta malagueta, tão característico da comida baiana; pela introdução do quiabo; pelo maior uso da banana; pela grande variedade na maneira de preparar galinha e peixe. Várias comidas portuguesas e indígenas foram no Brasil modificadas pela condimentação ou pela técnica culinária do negro, alguns dos pratos mais caracteristicamente brasileiros são de técnica africana: a farofa, o quibebe, o vatapá (FREIRE, 1977, p. 453).

A história “oficial” do Brasil traz uma análise muito superficial sobre a participação efetiva do negro e sua trajetória histórica no país, relatando apenas os períodos ligados à questão da escravidão até o processo de abolição.

Isso torna o negro invisível historicamente, como se ele não tivesse uma presença marcante dentro da história do país e mesmo se confundisse com ela. Estabelece-se uma relação de abandono histórico do personagem negro, é uma História do Brasil pensada a partir da ótica do elemento dominador, daquele que estabelece as regras do jogo, sempre favoráveis a ele, ou seja, o branco europeu (PEREIRA, 2015, p.11).

Ainda assim, o branco, dominador, europeu, tinha uma visão muito peculiar relacionada a uma pseudo-alegria e descontração do negro, no período da escravidão.

Foi o negro que levou alegria à vida doméstica do brasileiro, contrastando com a melancolia do português e com a desconfiança do caboclo calado. A risada do negro é que quebrou toda essa apagada e vil tristeza na vida das gentes nas casas-grandes. Os negros trabalharam sempre cantando. Seus cantos de trabalho, tanto quanto os de Xangô, os de festa, os de ninar menino pequeno, encheram de alegria africana a vida brasileira. (FREIRE, 1977, p. 462-463).

O historiador, sociólogo e escritor pernambucano, oriundo de família rica e tradicional, que produziu essa grandiosa obra, uma etnografia sobre o nascimento da cultura brasileira, construiu uma narrativa baseada em sua vida particular, não levando em conta a situação realmente vivida no país. Como se pode pensar que pessoas que foram escravizadas e sofrendo as mais diversas formas de crueldade possam levar alegria à vida doméstica? Chamar o senhor

de engenho de melancólico, o dono de tudo? Parece que Freire não “percebeu” que essas atitudes dos negros escravizados eram formas de protesto, de resiliência e resistência diante das relações vividas entre os senhores e seus escravizados no período colonial e imperial do Brasil. Ou será que Freire simplesmente tentava camuflar as atrocidades que os donos de escravos fizeram com os negros de sua propriedade?

Apesar do grande destaque de ‘Casa Grande e Senzala’ corresponderem ao documentário do Brasil do século XIX, em que se apresenta a “democracia racial”, supostamente existente nas relações entre negros e brancos, algumas críticas de importantes questões são dignas de reflexão:

No prefácio de Darcy Ribeiro [Edição da Record, 2000] mostra a sensação dualidade que a obra de Freyre desperta. Ribeiro se via perplexo diante do desajuste entre o reacionarismo do autor e o livro que produzira, que, segundo o próprio Ribeiro, seria o livro mais importante já escrito na cultura brasileira. Natural seria questionar o porquê desse desajuste. O que teria permitido a Freyre, o conservador, escrever *Casa grande & senzala*, esse livro que para Ribeiro (1979, p. 26) parecia ser tão libertador? A resposta de Ribeiro é elucidativa:

A razão preponderante é ser ele um ambíguo. Por um lado, o senhorito fidalgo evocativo de um mundo seu. Por outro lado, o moço formado no estrangeiro, que trazia de lá um olhar perquiri dor, um olho de estranho, de estrangeiro, de inglês. [...] combinando as duas perspectivas nele interiorizadas, sem fundi-las jamais, GF viveu sempre o drama, a comédia - a novela, na verdade - de ser dois: o pernambucano e o inglês (RIBEIRO, 1979, p. 26)

Em sua obra procurou analisar a maneira como negros, índios e brancos contribuíram para a formação da sociedade brasileira multirracial. Com esse autor passou a ser veiculada a ideia de “amenidade” da situação racial no país. No entanto, Freyre não abandonou a concepção evolucionista de hierarquização das raças e reforçou o ideal de branqueamento. (VALENTE, p. 34, 1994).

É preciso ler Freyre criticamente, indo na contramão daqueles que, estimulados pela naturalização da miscigenação forçada durante o período colonial, perpetuam o mito da democracia racial. Essa visão para lisa a prática antirracista, pois romantiza as violências sofridas pela população negra ao escamotear a hierarquia com uma falsa ideia de harmonia. (RIBEIRO, 2019, p.20).

Infelizmente nos livros didáticos não são destacadas a importância da cultura africana na formação do povo brasileiro, conforme ressalta Araújo:

Penso, por fim, na ambiguidade desta nossa história de que são vítimas os negros, numa sociedade que os exclui dos benefícios da vida social, mas que, no entanto, consome os deuses do candomblé, a música, a dança, a comida, a festa, todas as festas de negros, esquecida de suas origens. E penso também em como, em vez de registrar simplesmente o fracasso dos negros frente às tantas e inumeráveis injustiças sofridas, esta história termina por registrar a sua vitória e a sua vingança, em tudo o que eles foram capazes de fazer para incorporar-se à cultura brasileira. Uma cultura que guarda, através de sua história, um rastro profundo de negros africano se brasileiros, mulatos e cafuzos, construtores silenciosos de nossa identidade. E não se pode dizer que não houve afetividade ou cumplicidade nessa relação. A mestiçagem é a maior prova dessa história de pura sedução, da sedução suscitada pela diferença, que ameaça e atrai, mas acaba sendo incorporada como convívio tenso e sedutor, em todos os momentos da nossa vida. Tudo isso é memória. Tudo isso faz parte da nossa história.

Uma história escamoteada que já não poderá mais ficar esquecida pela história oficial. (ARAUJO, 2007, p.5).

Constata-se ainda outro grande equívoco na cultura brasileira da época: a ideia de mistura de raças, que sempre foi defendida politicamente, preconceituosamente, como algo importante para a população negra. Segundo essa lógica, se os negros se casassem com brancos, isso levaria ao clareamento da população e à possibilidade de sucesso maior das novas gerações. Essa suposição deixa exposto o lado racista e preconceituoso da sociedade. Em um país onde se proclama não haver racismo, nem preconceito, questões como essa contrariam totalmente o que é propagado.

O preconceito racial é uma mancha na história do Brasil até os dias atuais e, embora muitas vezes camuflado, continua corroendo as estruturas da sociedade. Infelizmente, os negros são hoje o grupo étnico-racial mais pobre e com menor nível de escolaridade. Também são os que mais morrem assassinados, além de serem as maiores vítimas da violência policial no país. O negro é sempre o mais visado, não importa quais qualificações, talentos, habilidades e opiniões ele tenha. Nada importa se é negro. O corpo do negro carrega a marca da desumanização da época da escravidão.

Algumas definições são importantes com relação aos conceitos de preconceito racial, discriminação racial e racismo. De acordo com Almeida (2019),

O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avaros ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos [...] A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça [...] O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2019, p.32).

Para Munanga (2004), o racismo seria, teoricamente,

Uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas, suporte das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (MUNANGA, 2004, p. 24).

O racismo é o principal problema social enfrentado pelos negros e pela sociedade. O racismo, entre outras coisas, pode ser definido como um ato contra indivíduos ou grupos em virtude de sua etnia ou cor, por grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores

e inferiores. O racismo também é resultante da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira. Almeida (2019) admite três concepções de racismo: individual, institucional e estrutural:

O racismo individual é concebido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou, ainda, seria o racismo uma “irracionalidade” a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis – indenizações, por exemplo – ou penais. (ALMEIDA, 2019, p.22).

Segundo Almeida (2019), por se tratar de algo ligado ao comportamento, as principais formas de enfrentamento do problema são através da educação e a conscientização, divulgação sobre os males do racismo, assim como estímulo a mudanças culturais, sociais.

A concepção institucional significou um importante avanço teórico no que concerne ao estudo das relações raciais. Sob esta perspectiva, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça (ALMEIDA, 2019, p.31).

Almeida (2019) continua se referindo à concepção institucional do racismo,

A desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos (ALMEIDA, 2019, p.31).

Um exemplo bastante atual é a forma como é feita a abordagem policial contra negros no Brasil, sempre mais agressivas e, muitas vezes, culminando em assassinatos de negros, principalmente jovens, desarmados e inocentes, por parte de policiais brancos, que alegam o estrito cumprimento do dever. As instituições reproduzem as condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social.

O racismo estrutural é uma forma perigosa de racismo, por ser supostamente mais branda e mais imperceptível. Racismo estrutural é o termo usado para reforçar o fato de que existem sociedades estruturadas com base na discriminação que privilegia algumas raças em detrimento das outras. No Brasil, nos outros países americanos e nos europeus, essa distinção favorece os brancos e desfavorece negros e indígenas.

Trata-se de um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas embutidas em nossos costumes e que promove, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial. Para Almeida (2019),

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos.

Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista (ALMEIDA, 2019, p.31).

A cor da pele, a forma do nariz, o tipo do cabelo, a espessura dos lábios não é suficiente para estabelecer classificações, não servem para fazer com que uns sejam superiores ou inferiores aos outros. O preconceito acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais, em lugares em que se prefere ‘jogar debaixo do tapete’ questões que mereciam debate, conforme Almeida (2019) afirma:

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas (ALMEIDA, 2019, p.52).

No trabalho, a presença do racismo é cada vez mais institucionalizada; a questão não é um posicionamento moral ou individual, mas um problema estrutural, o que fazer ativamente do para combater o racismo? Disfarçadamente as instituições adotam-se políticas que contribuem para sua preservação. Se as condições educacionais, as oportunidades de estudo são diferentes para negros e brancos, como é possível haver uma verdadeira democracia? Obviamente, os negros são os mais prejudicados, principalmente quando se fala em meritocracia, conforme explica Almeida (2019):

No Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance. Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal. No contexto brasileiro, o discurso da meritocracia é altamente racista, uma vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial (ALMEIDA, 2019, p.82).

Como falar de meritocracia para os negros, se o sistema durante toda a nossa história vem beneficiando economicamente a população branca, enquanto a população negra não teve a acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas? Porque as terras, segundo conta a história puderam ser distribuídas a imigrantes europeus e não aos negros?

Segundo Munanga (2004), o racismo brasileiro tem as suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, o que confunde todos os brasileiros e brasileiras vítimas e não vítimas do racismo. Assim, não adianta haver, no país, leis que criminalizam o racismo. Enquanto não houver uma real orientação para mudanças na estrutura da sociedade, as leis nunca bastarão. O racismo é considerado crime inafiançável ou imprescritível, situação em que

os acusados não têm direito a pagar fiança e não há prazo para o crime ser investigado e julgado. O artigo 5º da Constituição Federal determina que o racismo se enquadra nos dois casos: é crime inafiançável e imprescritível.

Há, ainda, a injúria racial, que é ofender alguém com base em sua raça, cor, etnia, religião, idade ou deficiência. O Código Penal, em seu artigo 140, descreve o delito de injúria, que consiste na conduta de ofender a dignidade de alguém, e prevê como pena 1 a 6 meses de prisão ou multa. Há, também, a Lei n. 9.459, de 13 de maio de 1997 que, no seu Art. 1º, define que:

Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. "...praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa (BRASIL, 1997, n.p.).

Apesar das leis, a nossa realidade mostra o aumento dos números da violência contra pessoas que têm pele negra. Segundo Ribeiro (2019), em seu livro *Pequeno Manual Antirracista*,

O Atlas da violência 2018, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança pública, revelou que a população negra está mais exposta à violência no Brasil. Os negros representam 55,8% da população brasileira e são 71,5% das pessoas assinadas. Entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de indivíduos não negros (brancos, amarelos, indígenas) diminuiu 6,8%, enquanto no mesmo período a taxa de homicídios da população negra aumentou 23,1%. Segundo dados da Anistia Internacional, a cada 23 minutos um jovem negro, é assinado no Brasil, o que evidencia que está em curso o genocídio da população negra, sobretudo os jovens. (RIBEIRO, 2019, p.93).

Um país em que o negro é o maior número dentro das penitenciárias e nas páginas policiais, o mais visado nas ruas, o mais preterido nas seleções de emprego e, ainda hoje, ocupa um menor percentual nas universidades é, sem dúvida, um país de estruturas racistas. Essa realidade vem se modificando no decorrer dos anos, graças a atitudes e ações de movimentos e entidades que lutam contra o preconceito e pela igualdade e que têm conseguido mudar a postura da sociedade no cotidiano, inclusive através das leis, como a lei contra o racismo, a lei das cotas e a de obrigatoriedade do ensino da cultura africana nas escolas.

A lei busca valorizar todas as etnias que formam esse país, sem privilegiar uma em detrimento de outra, mas possibilitando que aquelas que historicamente foram apagadas possam ser ressignificadas e valorizadas:

A Lei 10.639/03 é outro elemento que merece destaque nas políticas de promoção da igualdade racial, por buscar reverter as representações negativas da população negra e da população africana. Esta lei muda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, determinando ser obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, assim como "o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro

nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil”, como estabelece a lei. Ela tende a mudar o caráter civilizatório do Brasil, daí a sua importância. Para equipararmos o nível educacional entre negros e brancos no país é preciso também que haja uma reforma curricular na educação para que se faça justiça à participação do contingente negro e suas heranças culturais na formação do Brasil, na cultura brasileira, e na subjetividade da população brasileira como um todo (SEPPIR, 2016, p.31).

Entretanto, no Brasil, um país de dimensões continentais, apenas a lei não consegue alcançar resultados na totalidade das escolas. Como para todas as leis, é preciso fiscalização, algo muito complexo, uma vez que os setores responsáveis pela educação nos estados e municípios em todo o país não conseguem acompanhar todas as escolas. De toda maneira, é preciso mostrar para a população brasileira a verdadeira história do negro, suas contribuições e seu papel na formação do povo brasileiro

Será que as escolas de alunos das classes privilegiadas estão cumprindo a Lei 10.639/03? Enquanto existir, nas escolas e em outros setores da sociedade, uma resistência com relação à obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afrodescendente, não fazendo valer, na prática, o que está documentado, não se cumprirá o objetivo de combater o racismo, o preconceito e a discriminação. É preciso implementar ensino que valorize as várias referências positivas da população negra e a sua ancestralidade, que valoriza a sabedoria dos idosos e que tem parte de sua cultura transmitida através da oralidade. Dessa maneira, resgatar a história da população negra é dar um norte às futuras gerações negras e não negras do Brasil e o necessário reconhecimento de seu papel na construção da identidade do povo brasileiro.

A história do negro no Brasil, contada nas escolas, geralmente, vale-se de descrever o período da escravidão e os horrores do caminho percorrido, mencionando superficialmente a cultura afro-brasileira e a tradição negra, conforme define Araújo (2007):

Penso, por fim, na ambiguidade desta nossa história de que são vítimas os negros, numa sociedade que os exclui dos benefícios da vida social, mas que, no entanto, consome os deuses do candomblé, a música, a dança, a comida, a festa, todas as festas de negros, esquecida de suas origens. E penso também em como, em vez de registrar simplesmente o fracasso dos negros frente às tantas e inumeráveis injustiças sofridas, esta história termina por registrar a sua vitória e a sua vingança, em tudo o que eles foram capazes de fazer para incorporar-se à cultura brasileira. Uma cultura que guarda, através de sua história, um rastro profundo de negros africano se brasileiros, mulatos e cafuzos, construtores silenciosos de nossa identidade. **E não se pode dizer que não houve afetividade ou cumplicidade nessa relação. A mestiçagem é a maior prova dessa história de pura sedução, da sedução suscitada pela diferença, que ameaça e atrai, mas acaba sendo incorporada como convívio tenso e sedutor, em todos os momentos da nossa vida.** Tudo isso é memória. Tudo isso faz parte da nossa história. Uma história escamoteada que já não poderá mais ficar esquecida pela história oficial. (ARAÚJO, 2007, p.5, Grifos nossos).

São muitos os registros de nossa história que foram mascarados, de modo a oferecer uma visão distorcida da situação dos negros. Como a mulher negra escravizada poderia

desenvolver qualquer tipo relação baseada em afetividade e cumplicidade com seu senhor? Como se pode falar em sedução, quando a relação era de poder, de submissão? As mulheres negras escravizadas eram violentadas, estupradas pelos senhores de escravos, muitas vezes apoiados pela igreja. Eram forçadas às mais variadas formas de violências, inclusive aplicadas pelas esposas dos senhores de engenho. Da forma citada por Araújo (2007) a mestiçagem parece ser um fenômeno natural e é dessa forma que o tema tem sido tratado na história.

A cultura negra foi obrigada a se fundir com vários elementos da cultura europeia em uma posição de inferioridade que marginaliza socialmente o negro, em termos de condições de trabalho, acesso à escolaridade, e que acaba, também, influenciando negativamente a valorização de sua cultura.

Assim, é de fundamental importância realizar o resgate da história do negro e da própria história do Brasil, uma vez que ambas, desde o século XVI, estão relacionadas. Não há como estabelecer um diálogo histórico do Brasil sem inserir a presença importantíssima da população negra e destacar alguns sujeitos negros que, de forma indireta ou direta, provocaram mudanças significativas na história do país.

Não se pode deixar de lembrar Zumbi, Castro Alves, Francisco José do Nascimento (O Dragão do Mar), Dandara, Luíza Mahin, Carolina Marina de Jesus, André Rebouças, Cruz e Souza, Aquilino, Lima Barreto, João Cândido Felisberto, Antonieta de Barros, Abdias do Nascimento, entre outros e outras, que lutaram por direitos aos negros e contra o racismo construído no Brasil, a partir da negativa histórica que a historiografia brasileira remeteu a população negra. (PEREIRA, 2015, p.13).

Os valores civilizatórios afro brasileiros são princípios básicos que compõem um modo de estar no mundo, se relacionar com o outro e em coletivo, uma grande herança da cultura africana. Esses valores podem nos guiar em momentos difíceis, descolonizando nosso imaginário para pensarmos um futuro mais justo e fraterno.

Eles são elementos estruturantes das sociedades africanas, ou seja, princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se constituíram e se constituem num processo histórico, social e cultural, que foram trazidos para o Brasil e estão presentes no nosso cotidiano. Apontamos alguns a seguir:

A circularidade - A roda tem um significado muito grande, é um valor civilizatório afro-brasileiro, pois aponta para o movimento, a renovação, não tem início nem fim, o processo da coletividade, todas as pessoas podem se ver e transmitir energia positiva; marcada nas rodas de samba, rodas de capoeira; Oralidade - Nossa expressão oral é carregada de sentido, de marcas

de nossa existência. Contadoras (es) de histórias, compartilhadoras (es) de saberes, memórias, desejos...a cultura africana é passada através da oralidade, o poder da palavra pronunciada e o aprendizado pela oralidade; ancestralidade a valorização dos mais velhos, forma de se manter a tradição e passar os ensinamentos. Musicalidade - A música é um dos aspectos afro-brasileiros mais emblemáticos. Um povo que não vive sem dançar, sem cantar, sem sorrir e que constitui a brasilidade com a marca do gosto pelo som, pelo batuque, pela música, pela dança. Vamos ouvir músicas que falem de nossa cultura, que desenvolvam nossos sentidos; Corporeidade - O corpo é muito importante, na medida em que vivemos com ele, existimos, somos no mundo, é a consciência do corpo no presente por meio da dança. É importante valorizarmos os nossos corpos e de nossas crianças e adolescentes como possibilidades de construções, produções de saberes e conhecimentos coletivos e compartilhados; Cooperatividade - A cultura negra, a cultura afro-brasileira, é a cultura do plural, do coletivo, da cooperação, a capacidade da cooperação, de se ocupar com o outro. Ludicidade- A alegria, o gosto pelo riso e pela diversão, a celebração da vida. Portanto, muita brincadeira, muito brilho no olho, muito riso, muito Axé... Energia Vital: Axé - Tudo que é vivo e que existe, tem Axé, tem energia vital: Planta, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo, tudo é sagrado e está em interação;

O negro vem se transformando continuamente, buscando novos rumos, influenciado por mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais no Brasil e no mundo. Caracterizado pela organização e formas de resistências, que vão muito além do combate ao racismo enraizado no país. Procurando renovação ao ativismo negro, através dos coletivos de estudantes universitários buscando abrir espaço em currículos e no corpo docente do ensino superior.

A luta contra o racismo, além de denunciar o assassinato, sistemático de jovens negros, pelas forças policiais, busca a construção de políticas públicas de saúde e educação, como aumentar a população negra nas universidades em todos os níveis e, ainda, valorizar a estética negra por meio de práticas culturais ou educativas.

O samba é um elemento essencial na resistência dos negros no país, contra a opressão, o racismo. Muito mais do que gênero musical, o samba é uma forma de luta, de divulgação da cultura negra. O samba existe pela sua força e soube se adaptar a tudo e a todos nesse país, de modo que foi e sempre será resistência, meio de expressão de um povo. O samba contribui para a integração social das pessoas, é uma forma de expressão de anseios pessoais e sociais, ajudando a derrubar barreiras e a eliminar preconceitos. Trata-se, também, um elemento central para que pensemos o Brasil de uma forma diferente dentro do mundo capitalista.

A roda de samba se constitui, para alguns, como um momento de vivência espiritual. Assim, no próximo tópico, será abordado o significado de espiritualidade numa perspectiva existencialista, apresentada por Ferdinand Röhrl, pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e que, em sua tese, desenvolve importantes considerações relativas à articulação entre educação e espiritualidade.

Figura 06: Tamborim - é um dos instrumentos do samba utilizado para efeitos e é tocado com uma baqueta. Tendo várias batidas diferentes. Tem a forma de tambor pequeno.



**Fonte – acervo do autor**

## 5. ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E SAMBA

E a vida  
O que é? O que é meu irmão?  
Há quem fale que é um divino  
Mistério profundo, é o sopro do criador  
Numa atitude repleta de amor

*O que é o que é* Gonzaguinha (1982).

O pesquisador alemão Ferdinand Röhr (2013) apresenta um conceito de espiritualidade que tenta distanciar-se dos modismos do nosso tempo, “compreendendo-a como parte fundamental e perene da humanização do ser humano”. Segundo Röhr, o ser humano possui cinco dimensões básicas que o constituem, conforme disposto na Figura 06:

Figura 07: Dimensões básicas de acordo com seus graus de densidade material



Fonte: Poiésis (2011, p. 56).

A Figura 1 buscou, respeitando os limites que qualquer esquema inevitavelmente contém as cinco dimensões básicas, de acordo com seus graus de densidade material. De dentro para fora, das mais densas para as mais sutis.

[...] a dimensão física, que inclui a corporalidade físico-biológica, da qual em parte nem temos percepção; a dimensão sensorial representando as nossas sensações físicas, calor-frio, dor-prazer físico, doce-amargo, etc., enfim a percepção que temos através dos nossos cinco sentidos: tato, visão, audição, olfato e paladar; a dimensão emocional, abrangendo a vida da nossa psique, os estados emocionais (medo, insegurança, euforia, apatia, tristeza, melancolia, impaciência, dispersão, solidão, saudade, indecisão, pessimismo, etc.) e suas respectivas movimentações e compensações; a dimensão mental que inclui, em primeiro lugar, o racional e lógico

no sentido mais restrito, ou seja, aquela parte em que correspondemos naquilo que pensamos com todos os seres humanos, os pensamentos universais, formais (lógica, matemática), mas também a capacidade de reflexão — de questionar todas as coisas, inclusive a si mesmo —, a recordação e a memória, a imaginação e a fantasia, a compreensão e criação de ideias e, finalmente, a nossa intuição — quando sabemos sem poder justificar, em última instância, por que sabemos. A mais difícil de identificar é a quinta, a dimensão espiritual (RÖHR, 2013, p. 25-26).

De acordo com Röhr (2013), as dimensões imanentes (física, sensorial, emocional e mental) apresentam constantes evidências que podem ser confirmadas com mais frequência, estando ligadas à realidade material, apreendida imediatamente pelos sentidos do corpo; já a dimensão transcendente (espiritual) está ligada à realidade imaterial, de uma natureza metafísica e puramente teórica e racional, exigindo um comprometimento de quem se dedica a reconhecê-la como componente da formação humana. As dimensões imanentes existem e podem ser comprovadas independentemente desse compromisso.

A espiritualidade implica a perspectiva de se considerar o conceito de integralidade do ser humano. Por isso, é preciso cuidar de todas as dimensões para se pensar essa integralidade. Esse conceito humano insiste no reconhecimento da importância específica de cada dimensão básica. Segundo Röhr (2013),

É num corpo de carne e osso, com suas sensações físicas, suas necessidades de sobrevivência, seus anseios por prazeres necessários e legítimos, com sua capacidade de abnegação que o projeto se torna possível. É diante da dinâmica da nossa vida emocional, mergulhada em infinitas possibilidades de desequilíbrios e bloqueios, bem como munido com as possibilidades de harmonização e fortalecimento positivo, que se criam desvios e aberturas no caminho em busca da autenticidade. É o mundo das nossas atividades mentais que pode confluir com o nosso projeto de nós ou nos levar a devaneios, ilusões, falsas crenças e visões limitadas, dogmáticas sobre nós mesmos. Todas as dimensões são imanentes, isoladas ou em conjunto, podem nos desviar de nós. Para nossa realização não basta a contribuição de uma ou outra dimensão. A sincronia de todas torna-se necessária (RÖHR, 2013, p.143).

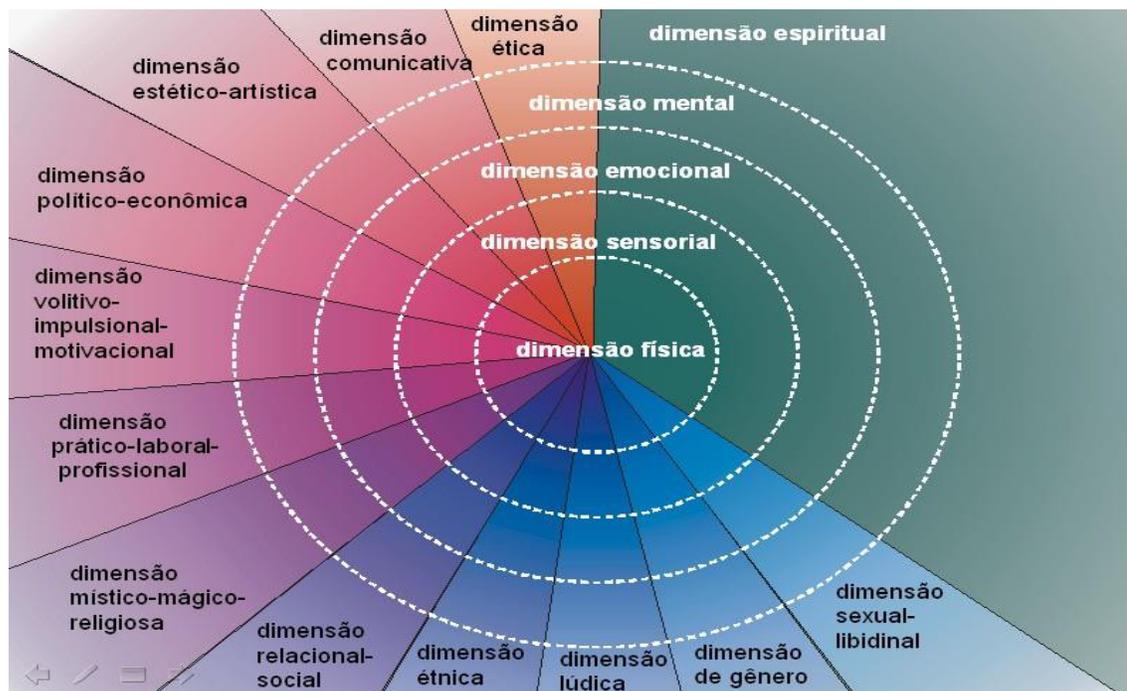
Ainda segundo o autor, existe a necessidade de ter as outras dimensões muito bem cuidadas, a fim de abrir o espaço para que a dimensão espiritual possa assumir a função de guiar a vida.

A consequência imediata dessas constatações é reconhecer que não é possível interferir numa dimensão sem levar em conta as outras. E mais: tem que se atender cada dimensão naquilo que se constitui necessidades próprias dela. O desequilíbrio de uma dimensão, mais cedo ou mais tarde, desequilibrará as outras. Naturalmente, o desequilíbrio de uma dimensão mais densa se expressa de forma mais imediata e mais perturbadora do que o de uma mais sutil (RÖHR, 2013, p. 29).

Todas as dimensões se completam, interferem umas nas outras, são integradas. Se a alimentação é boa, balanceada, com proteínas, frutas e outros, isto influencia no raciocínio, sendo mais saudáveis para as emoções da pessoa, proporcionando a elas melhores condições físicas.

Entretanto, não são apenas as cinco dimensões básicas que constituem o ser humano, existindo também as dimensões transversais ou dimensões temáticas, que influenciam as dimensões básicas do ser humano.

Figura 08: Relação das dimensões transversais com as dimensões básicas



Fonte: Poiésis (2011, p. 58).

Para Röhr (2013),

Além das dimensões mencionadas, distinguimos algumas dimensões temáticas que, por passarem as dimensões básicas, também podem ser identificadas como transversais. Sem pretensão de sistematização, podemos mencionar a dimensão relacional-social, a prático-laboral-profissional, a político-econômica, a comunicativa, a sexual-libidinal e de gênero, a étnica, a estético-artística, a ética, a ecológica, a místico-mágico-religiosa, a lúdica e a volitivo-impulsional-motivacional. É impossível, como já anunciamos, caracterizar e sistematizar essas dimensões sem nos depararmos com superposições, zonas de intermediações e ambiguidades. É importante observar tanto a transversalidade com as dimensões básicas quanto as múltiplas relações entre as dimensões temáticas. Só para mencionar um exemplo: a dimensão sexual perpassa todas as dimensões básicas, da física à espiritual, e a negação desse fato degrada a mesma, mas também tem interfaces de natureza diversa com todas as demais dimensões (RÖHR, 2013, p.29).

Outros dois importantes conceitos são a distinção feita por Röhr (2013, p. 29) sobre dois momentos que nos ajudam a entender a noção de formação humana: a hominização e a humanização.

Para ele, a hominização caracteriza o processo que se impõe naturalmente das dimensões mais densas sobre as mais sutis, ou seja, os processos de desenvolvimento “natural” do biológico, psíquico, emocional e cognitivo. Já a humanização, significa

o trabalho árduo de fazer valer a voz do lado mais sutil do ser humano: o espiritual. Sob esse ponto de vista, não negamos o lado espiritual como dimensão norteadora do processo de humanização (RÖHR 2013, p. 29).

Falar em espiritualidade implica a perspectiva de se considerar a integralidade do ser humano. Se a espiritualidade é uma das dimensões que fazem parte da formação humana não se pode vê-la de forma isolada, pois ela está interligada às outras dimensões. Por isso, é preciso cuidar de todas as dimensões para pensar na integralidade do ser humano.

A espiritualidade, na visão de Röhr (2013), não se identifica com nenhuma forma de religião, ainda que possa se expressar através dela. Assim, não se exclui a possibilidade de uma pessoa espiritualizada acreditar em uma forma específica de divindade. A religião tem a ética baseada na fé religiosa. Assim, esse autor aponta, também, alguns pontos convergentes entre as religiões:

É comum, nas religiões, a crença num princípio diferente da realidade da nossa concepção comum, em algo que transcende o âmbito empírico, em algo divino que pode ser um princípio abstrato, um estado de graça que a pessoa pode alcançar algo divino em si mesmo, ou, o que é mais comum, num Deus ou certo número de deuses que compartilha ou não características de pessoa, além de outros atributos que transcendem o ser humano (RHÖR, 2013, p.135).

Ainda segundo o autor, as próprias religiões diferem entre si. Algumas são mais frequentes e outras mais isoladas, diferem também na forma de comunicação com o divino, que pode se estabelecer de forma direta ou indireta com os seres humanos. Assim, considerando as diversas religiões, há uma forma de comunicação comumente restrita a algumas pessoas excepcionais: sacerdotes, videntes, xamãs ou semelhantes. O autor cita, ainda, algumas outras diferenças.

Existem modos de inclusão ou de exclusão, como ritos iniciais, o batismo ou a excomunhão; as formas de lidar com a própria divindade em prática religiosas, rituais, celebrações que de fato caracterizam cada religião de uma maneira específica. Também é atributo das religiões que a vida não se encerra com a morte do corpo físico do ser humano. Diferem-se na imagem que fazem de uma vida após a morte. (RÖHR, 2013, p.136).

Importa ressaltar que entre a espiritualidade e a religião, a primeira não exclui, em princípio, nenhuma fé religiosa como forma específica de vivenciá-la. Entretanto, nem tudo que se apresenta como religião também inclui a espiritualidade, podendo até mesmo, da forma como a religião assume, contrariá-la. O autor assim explica,

Isso acontece principalmente, quando a religião se fixa em dogmas, em regras de conduta bem determinadas em inflexibilidade, em exclusão, e intolerância contra confissões de fé distintas, na imposição de crença aos outros, na luta pela própria superioridade diante dos outros homens, que pode até resultar na suspensão de normas éticas de relacionamento com os membros dentro ou fora de uma comunidade religiosa. Podemos até dizer que o próprio religioso se desvirtua nessas atitudes. Por outro lado, a espiritualidade tenta evitar esses desvios (RÖHR, 2013, p.137).

Comumente, muitas pessoas que pertencem a uma determinada religião pregam certas posturas no interior da religião e, na vida prática, agem de forma totalmente diferente, não eticamente condizente. Pode-se dizer que não é possível viver a religiosidade sem espiritualidade, embora se possa viver a espiritualidade dentro das religiões. Na opinião de Röhr (2013),

Uma religião em consonância com a espiritualidade é aquela que está em busca de constante renovação da espiritualidade que se encontra na sua origem. Nela, as suas crenças básicas estão sendo vivenciadas com coerência, expressando-se em todas as manifestações da vida. As formas sagradas atuam como estímulo da realização de cada membro dessa realidade religiosa (RÖHR, 2013, p.138).

A preocupação das instituições universitárias, de maneira geral, está na dimensão racional, o lógico, a produção acadêmica, a publicação de artigos, livros, não se preocupando com as outras dimensões importantes para a formação do ser humano, num projeto de meritocracia em que são privilegiadas a competitividade e o individualismo. Por que não fazer de outra maneira, pensando também no bem-estar do ser humano? A realização, no sentido próprio da vida, envolve todas as dimensões do ser humano. De acordo com Röhr (2013),

Da mesma forma que encontramos na história das ideias pedagógicas poucas iniciativas de levar a integralidade do ser humano a sério, deparamo-nos, na atualidade, com poucas iniciativas que ultrapassam a intenção declarada. A tendência mais geral aponta para a direção contrária. Parece que a maior competência nas atividades pedagógicas se revela em sua mais alta especialização. Contaminado pela ditadura da eficiência que reina na nossa sociedade, valoriza-se aquilo que obtém resultado imediato e mensurável. A tendência de cuidar dos educados de forma integral não cabe nesse padrão social e facilmente vem sendo tachada como atitude sonhadora, pouco prática e não relevante diante das exigências sociais que a nova geração terá que enfrentar. Trata-se de um sonho, sim, porém, não de um além da possibilidade de avançar na sua realização. É pouco prático para as mentes viciadas em procedimentos mecânicos, em receitas a seguir, em estratégias de sucesso. É prática humana e realizadora para quem começou a enxergar o ser humano na sua integralidade (RÖHR, 2013, p. 158-159).

Ao se comprometer com a dimensão da espiritualidade, o sujeito inevitavelmente também desenvolverá outra postura ética diante da vida, o que implica a adesão ao propósito de relações sociais de tipo novo: horizontais, coletivas e solidária (SANTOS, 1992), as quais incluem o respeito às divergentes posturas religiosas e excluem toda forma de preconceito num movimento de resistência, contrariando as relações individualistas e competitivas do meio universitário.

Daí uma proposta que envolva a roda de samba nos parâmetros acima colocados torna-se eticamente articulada à dimensão da espiritualidade. A partir da música, da arte, há um estímulo à criatividade, promovendo ampliação da consciência e do equilíbrio emocional. Da

interação no Samba do Corredor vem a possibilidade de transformação pessoal, de vivência profunda da espiritualidade, de recuperação da alegria, de mostrar a potência da roda de samba não só em momentos festivos, mas diariamente. Daí se perceber a roda de samba como um caminho espiritual.

Röhr (2013) afirma que não podemos garantir a existência da realidade espiritual, a não ser testemunhá-la. Esse tipo de fé que a espiritualidade desenvolve envolve a pessoa por inteiro. Exige dela um comprometimento com ela mesma, uma identificação que gera sincronia desse sentido com a própria postura de vida que se assume. A consonância entre a teoria e a prática é uma característica básica de uma fé baseada na espiritualidade.

Na perspectiva apontada para este estudo, não se pode deixar de falar nas religiões de matriz africanas, que trazem consigo a resistência e a valorização da ancestralidade. Comparados com a cultura europeia, branca e ocidental colonizadora, os valores da cultura negra foram menosprezados, o lugar ocupado pelo negro era o de escravo e a escravidão tirava dele o direito de viver com sua família, de vivenciar suas tradições culturais, de resgatar suas raízes. Tratado de forma desumana, o negro buscou na fé em seus ancestrais uma possibilidade de refazer os laços e recriar suas tradições. No Brasil, são inúmeras as religiões de matriz africana, com uma enorme variação em todo o território nacional, dentre elas o Candomblé e a Umbanda. Essas religiões têm como elemento central o respeito à ancestralidade e a preservação do equilíbrio da natureza. Para Tramonte (2013),

O Candomblé, originário da África e que adquire feição própria em solo brasileiro, é uma congregação de sobrevivências étnicas que teve grande disseminação e reinterpretação como cultura afro-brasileira em nosso país, uma produção cultural que constrói a aliança entre os planos do sagrado e do humano. A sociedade do Candomblé é controlada e protegida por dois elementos fundamentais: a natureza, o meio ambiente, corporificada e santificada nos orixás e as expressões dos antepassados. A música, dança, canto, gestos e alimentos emanam a força vital e as máscaras, esculturas, adornos e pinturas contribuem na unidade do grupo social, simbolizando seus ciclos e passagens (TRAMONTE, 2013, p.108).

A Umbanda foi anunciada pela entidade espiritual que se apresentou como Caboclo das Sete Encruzilhadas, através do médium Zélio Fernandino de Moraes, no ano de 1908, em uma sessão espírita na Federação Espírita de Niterói. Segundo Lopes e Travalha (2020),

A Umbanda não é espiritismo. Dizemos isso, pois é comum algumas pessoas confundirem as religiões por ambas tratarem do sobrenatural. Torna-se importante destacar que a Umbanda traz no seu corpo doutrinário a crença reencarnacionista, a certeza de continuidade da vida após a morte, a possibilidade do contato com os espíritos, entre outros postulados, e que estes são temas já estudados por escolas esotéricas antiquíssimas, não sendo de exclusividade do Espiritismo. A Umbanda em sua essência traz desde seu anúncio a marca do diálogo entre as religiões, na figura dos seus pretos velhos e pretas velhas que representam a raça africana e os caboclos e caboclas que representam os peles vermelhas, sutilmente ensina-nos que somos parte

de um todo e que outras partes também compõem esse todo (LOPES; TRAVALHA, 2020, n.p.).

Segundo Tramonte (2013), o mais disseminado de todos os cultos afro-brasileiros é a Umbanda, praticada em todo o Brasil, expandindo-se para o exterior. As religiões tornaram-se um elo de resistência entre vários povos africanos e sua cultura ancestral, sendo instrumentos de luta contra as atrocidades e pela liberdade do povo escravizado.

Segundo Cunha Junior (2009),

As religiões afrodescendentes são um marco da resistência dos povos africanos e descendentes no Brasil. Não somente no Brasil como em toda a América. Os aspectos da constituição da identidade histórica e cultural da população brasileira são ligados às religiões de Umbanda e do Candomblé. No passado, as residências de africanos nas cidades e no meio rural eram também locais de práticas religiosas e de formação de consciências coletivas que resultaram em formas de revoltas, resistência e libertação do povo negro (CUNHA JUNIOR, 2009, p.03).

Enquanto, na sociedade capitalista, os mais velhos se tornaram um peso econômico e social, sendo alvo crescente de desrespeito; na tradição africana, é essencial o respeito às gerações passadas e ao conhecimento que elas deixam para a humanidade. Mais sábios são os mais velhos.

As religiões de base africanas como a Umbanda e o Candomblé têm como finalidade o respeito à ancestralidade e preservação do equilíbrio da natureza. Nas culturas tradicionais africanas, é de suma importância o respeito às gerações passadas e ao conhecimento destas para a humanidade. Esta importância é dada pelo respeito muito grande à ancestralidade. Os antepassados recentes ou os históricos muito antigos são homenageados e cultuados nas religiões de base africanas. (CUNHA JUNIOR, 2009, p.04).

Apesar de o Brasil ser um estado laico, onde todas as religiões deveriam ser respeitadas, assim como toda diversidade, não é o que acontece na prática, pois a intolerância religiosa manifesta-se constantemente. Ataques contra templos, profanação de imagens religiosas, ofensas contra pessoas e discriminação no tratamento em locais públicos e estabelecimentos privados são uma realidade, de modo que foi necessária a promulgação de leis para manter o funcionamento dos espaços religiosos. Segundo Santos (2017),

As heranças religiosas africanas, as quais foram reinterpretadas no Brasil, têm uma longa história de perseguição, desvalorização, proibição legal e funcionamento apenas com autorização de Delegacias de Jogos e Costumes. Todavia, hoje, o Candomblé, a Macumba, a Umbanda, o Batuque, o Xangô, o Terecô e demais denominações das religiões brasileiras de matrizes africanas têm instrumentos legais que, além de incluí-las na diversidade cultural e religiosa do Brasil, estabelecem a necessidade de respeito e valorização de suas práticas, como parte das raízes africanas da nação brasileira (Lei 12.288–Artigos 22 e 24 do Estatuto da Igualdade Racial). (SANTOS, 2017, p.762).

Essas manifestações de ódio e intolerância revelam que não existe respeito nem vontade de reconhecer a crença ou a religião de outros indivíduos. E ocorrem porque um grupo religioso

se acha mais importante ou verdadeiro e passa a discriminar, rejeitar e ofender a crença alheia. Mesmo com o desenvolvimento de políticas públicas para conscientizar a população, os casos ainda se repetem. Santos (2017) afirma que a falta de respeito e a intolerância também chegaram aos meios de comunicação, inclusive às redes sociais.

[...]no seio de nossa sociedade, desenvolvem-se discursos e práticas de intolerância contra comunidades e adeptos das religiões brasileiras de matrizes africanas. Programas de televisão, livros, jornais, revistas e sites da Rede Mundial de Computadores, ao lado de ações de apedrejamento de templos, injúrias e agressões pessoais configuram um cenário triste de falta de respeito à diversidade cultural e religiosa brasileira. A hegemonia da matriz civilizatória judaico-cristã consolidou práticas jurídicas e discursivas que, além de negar, proibir e perseguir outras religiões, resultaram na demonização e execração pública das heranças religiosas africanas no Brasil. Dessa forma, Candomblé, Macumba, Umbanda e outras denominações de religiões de matrizes africanas comparecem no imaginário brasileiro e em discursos midiáticos ora como folclore ora como coisa do mal culto ao diabo e atraso cultural (SANTOS, 2017, p.763).

As religiões africanas sofrem com essas perseguições, tabus são criados e não se pode falar nessas religiões sem que elas sejam transformadas em formas de medo, difundidas por uma máquina de propaganda no imaginário da sociedade. A intolerância religiosa está provocando violências, alienando pessoas em favor de desejos particulares, silenciando mundos e vidas.

Para quem foi escravizado e arrancado da terra natal, religiosidade é mais do que religião: é um exercício permanente de respeito à vida e ao próximo. Em tempos de tanta violência gratuita contra o negro, contra as religiões africanas, é preciso lembrar que a vida é um dom divino, de caráter transcendental, e deve ser usada para cuidar de si e do outro e esse carinho se torna primordial.

As religiões afro-brasileiras assimilaram tradições africanas trazidas pelos escravizados, bem como a cultura de nativos e europeus. Um dos mais importantes frutos dos cultos dessa matriz é o samba. Apesar de ser muito associado ao Rio de Janeiro, foi na Bahia que surgiram os primeiros sambas de roda, aproximando expressões negras de grupos como o Bantu, do sul africano, e o Iorubá, da África Ocidental. Instrumentos característicos como o tamborim estão diretamente associados aos rituais do Candomblé, pois marcam a percussão. Os terreiros de Candomblé e o samba estão, assim, em diálogo, numa conversa complexa que atravessa o sagrado, o profano, a tradição, a musicalidade e a identidade. No próximo capítulo, apresento alguns aspectos presentes na Roda de Samba do Corredor, na voz de seus participantes.

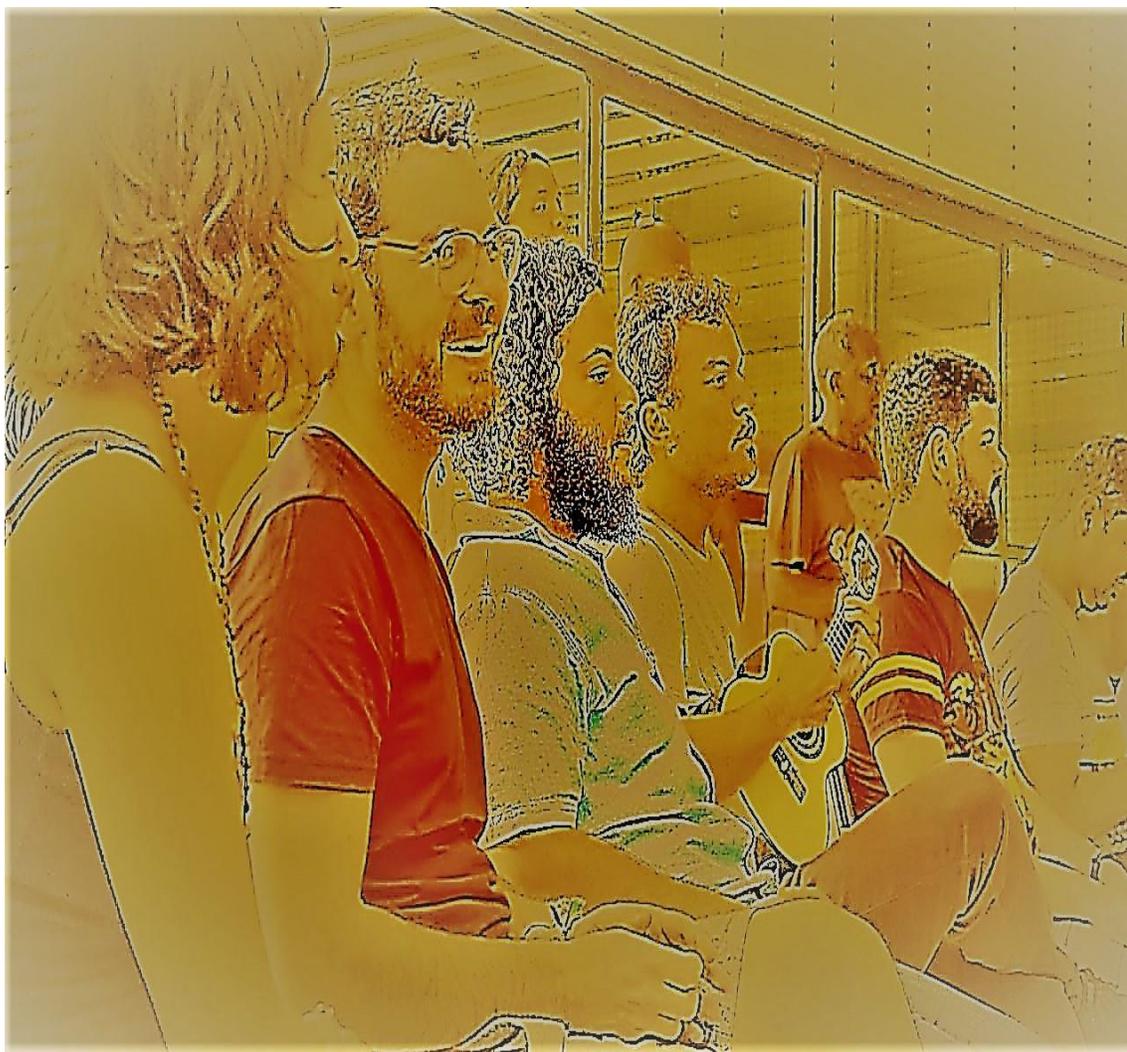
## 6. DANDO VOZ AOS SAMBISTAS DA RODA DE SAMBA

Eu sou o samba, a voz do morro sou eu mesmo sim senhor, quero mostrar ao povo que tenho valor, eu sou o rei do terreiro.

*A voz do morro, Zé Ketí (1955).*

Entre os participantes da roda de samba, existe uma diversidade muito interessante, pessoas que trazem suas experiências, suas vivências, seus aprendizados para serem compartilhadas em forma de participação. Todos fazem parte da comunidade universitária de uma forma ou de outra, o que muitas pessoas não reconhecem a sua importância para a comunidade. Mostraremos agora relato dos participantes da roda de samba, que contribuíram para a realização da pesquisa.

Figura 09 – Participantes da pesquisa I



Fonte: acervo do autor

**Tamborim:**

Na UFMG, tive a oportunidade de participar de grupo de pesquisa, iniciação científica, projeto de extensão. Estou na FAE desde o segundo semestre de 2017, no 2º período de graduação, em 2018, consegui uma bolsa para fazer iniciação científica no GEINE, voltado para a educação inclusiva, eu ficava lá de segunda a sexta feira, totalizando 20 horas semanais. Na hora do almoço, nas sextas feiras, sempre escutava da sala que eu ficava pesquisando um som bem alegre e gostoso, aos poucos fui perdendo a timidez e me aproximando, descobri que era o Samba do Corredor e que qualquer pessoa poderia participar, funcionários da FAE, graduandos, docentes, quem quisesse era bem-vindo.

Já são mais de três anos que faço parte do Samba do Corredor, infelizmente, por causa da pandemia, tivemos que nos afastar da faculdade de educação e estamos no ensino remoto emergencial e no trabalho remoto, como consequência disso, o Samba do Corredor também está suspenso, mas uma vez integrante do samba do corredor sempre Samba do Corredor.

Em 2022, irei formar e não estarei tão presente no samba, mas espero que o samba volte para que possa alegrar o sextou de muitas pessoas, como fazia comigo. Nas oportunidades que tiver, espero poder visitar a FAE e todos do samba. Posso dizer, então, que, na faculdade de educação, me formei no samba também, aprendi sambas que nem eram do meu tempo, já que sou de 99 (tenho 22 anos) cantei, toquei, dancei e fiz muitas amizades. (Tamborim – Trecho de entrevista).

**Violão:**

Sou bibliotecário com mestrado em Educação e Tecnologia. Faço parte, já um bom tempo, mais ou menos uns cinco anos do grupo de samba que denominamos de Samba do Corredor. Antes da pandemia, reuníamos às sextas-feiras, de 13 às 14 horas no corredor do prédio velho da FAE. Um grupo que começou como atividade de greve e, ao mesmo tempo, como protesto contra as atitudes arbitrarias da gestão da FAE e da Reitoria na época. Hoje o grupo tomou outras dimensões e objetivos diferentes, que é trazer alegria, comunicação, musicalidade e união dos três segmentos da UFMG, alunos, funcionários técnicos administrativos e professores. Sempre frequentei rodas e bares onde o samba está presente porque gosto e pela minha esposa, que adora o samba. No nosso grupo, tenho procurado aprender com o meu amigo Gilson a tocar vários instrumentos e o que gosto mais é o tantan ou rebolo, como diz os paulistas, às vezes aventuro alguma coisa no pandeiro, mas esta praia é do meu amigo Gilsão. Infelizmente, a pandemia nos afastou do samba e das atividades trabalhistas, não nos encontramos há quase dois anos, mas, às vezes, em casa faço uma roda junto com meus netos que tocam violão e com a minha esposa que se aventura no pandeiro. Com a pandemia, tenho aprendido muita coisa e uma delas é tocar violão. Espero que, em breve, possamos nos encontrar novamente para uma boa roda de samba (Violão – Trecho de entrevista).

**Cavaquinho:**

Na pandemia, ouvia muito samba de roda no Spotify, tentando acompanhar os sambas com instrumentos que tenho, ou nas lives com grandes sambistas, tipo Tereza Cristina, Elza Soares, Seu Jorge e Alexandre pires etc. (Cavaquinho – Trecho de entrevista).

Destacamos algumas falas de nossos sambistas sobre o Samba do Corredor. A respeito da socialização temos a fala de Tamborim:

Quando passei para Pedagogia na UFMG, entrei com a ideia de aproveitar tudo o que a faculdade tinha para me oferecer. No 2º período do curso, comecei a fazer Iniciação Científica e todas as tardes eu ficava lá na FAE. A sala que eu trabalhava ficava bem

perto do corredor do samba, todas às sextas depois do almoço eu escutava o samba da minha sala, mas não sabia como funcionava. Um dia parei para escutar de perto e fui muito bem recebida pelo Gilson, Violão e tantas outras pessoas legais que conheci através do nosso Samba do Corredor e, a partir desse dia, comecei a fazer parte do samba, no meu caso, que sou estudante do curso de Pedagogia, eu estudo muito, e um dos meus momentos de prazer é escutar música, tocar algum instrumento. Aqui em casa, eu até falo que a música para mim é uma terapia, às vezes, quando estou muito ansiosa ter a música na minha vida me relaxa. Lá na FAE, quando eu fazia iniciação científica, eu ficava de segunda a quinta, de 13 às 17 horas pesquisando e escrevendo artigo, eu ficava numa sala sozinha, o que era bem cansativo. A roda de samba sempre foi um momento que eu podia sair da minha sala para encontrar meus amigos, tocar, cantar, dançar samba.

Eu nunca pensei que veria uma roda de samba na FAE, porque entramos na faculdade com aquela ideia de ser um lugar muito acadêmico, que só vamos lá para estudar. Para minha surpresa, a FAE tem muitos espaços de socialização, cultura e diversidade, como é o caso do samba, do Jardim Mandala, do Espaço Freiriano e eu adoro isso! (Tamborim – Trecho de entrevista, 2021).

Figura 10 – Participantes da pesquisa II



Fonte: acervo do autor

Eis alguns depoimentos que mostram a roda de samba como fator de socialização e de melhoria da saúde mental, como fato motivador para o cotidiano:

Saber que nas sextas teria a roda de samba me deixava feliz e animada! Ter o samba na sexta feira significava uma mistura de sentimentos: Ufa, a semana foi cansativa, ainda bem que hoje tem o samba para terminar a semana bem! Percebo que a roda de samba é um respiro para nós que estamos lá na FAE. No meu caso, por exemplo, eu esperava as sextas chegarem porque sabia que ia ter o samba, quando não tinha, eu ficava até triste. (Tamborim – Trecho de entrevista, 2021).

Com certeza! Que lindas e potentes são as rodas de samba no corredor! Quanta saudade e apreço guardo no coração. Um espaço para viver e sentir. Era possível ter sentimentos que dizem respeito a necessidades que todos nós temos, as quais interferem diretamente na maneira pela qual vivemos como pertencimento e colaboração. Estávamos juntos, genuinamente desejosos de construir e viver um bom momento em comunhão. O canto, a vibração sonora dos instrumentos, os movimentos dos corpos e das vozes, a conversa descontraída, criam um ambiente de ânimo e leveza, e convidam a um lugar comum, um lugar de conexão. E tudo se tornava ainda mais mágico por, muitas vezes, se formarem grupos em que pessoas se viam e se apreciavam mutuamente pela primeira vez. Acredito que algo transformador proporcionado pela experiência das rodas de samba, e que talvez eu não percebia assim de forma elaborada, mas que impulsionava meu ser, foi também perceber que era possível se relacionar verdadeiramente uns com outros, nos acolhendo, nos fortalecendo. Todos sendo nós mesmos, essa capacidade de conexão e de espaço uns dos outros. Ali era possível se lembrar que, independentemente das tarefas, dos conhecimentos racionais tão importantes, da nossa vontade de aprender e sermos grandiosos, o que nos edifica para isso e qualquer outra busca está nos encontros e na conexão uns com os outros, sem competição, julgamentos, pressões. Um lembrete de que dá para ser mais leve e, se nos valorizarmos mutuamente, podemos tornar os caminhos de cada um mais saudáveis; as rodas são lugar disso e para isso (Pandeiro – Trecho de entrevista, 2021).

Muitas pessoas se emocionam se alegam e percebemos também que, através do samba, se soltam, ficam mais leves e mais felizes. A música tem esta finalidade de fazer com que sintamos livres e soltos. As pessoas interagem através dos instrumentos também, alguns levam os seus, outros pegam emprestados os nossos e assim formamos uma grande “família FAE do samba”. (Violão – Trecho de entrevista, 2021).

Trazemos outros depoimentos como exemplo de relação horizontal, momentos de interatividade, democracia.

#### Segundo **Pandeiro**:

Diria que cheguei ao samba no corredor ocasionalmente projetada, ou seria melhor dizer, por sincronicidade. Digo isso, pois conheci o samba justamente em um semestre da faculdade em que eu estava buscando me conectar comigo mesma através de experiências e encontros diferentes, novos, inesperados; buscava (e ainda busco, cada vez mais) me movimentar por dentro, para muito além da racionalidade. Por conta desse momento, elaborei estratégias, inclusive financeiras, que me permitiram atender ao desejo de imersão e de certa liberdade para viver o que me interessasse pelo campus. Então, numa sexta-feira, podendo ser autônoma com meus horários e compromissos, junto com a minha caixinha de alfajores feitos na noite anterior para vender na faculdade, procurava um novo cantinho aconchegante para fazer a sesta, quando ouvi a música no corredor e, sem qualquer pensamento, me aproximei aceitando o convite que o som e os sorrisos propagavam. A partir desse dia, toda sexta-feira eu acordei com a intenção de viver o prazer do samba no corredor, junto aos meus mais novos e adoráveis amigos. (Pandeiro – Trecho de entrevista, 2021).

Figura 11 – Participantes da pesquisa III



Fonte: acervo do autor

O que eu mais gostava no samba era porque lá tinha uma troca horizontal entre os professores da FAE; os graduandos, como no meu caso; os técnicos administrativos; as funcionárias da limpeza e a comunidade externa. Quem quisesse podia chegar com um instrumento ou então pegava algum lá na hora, podia dançar, cantar, pedir uma música. Foi no samba que conheci melhor as pessoas que fazem parte da FAE, participei da festa de fim de ano dos professores e funcionários da FAE, criamos um

grupo no WhatsApp e, mesmo nos tempos de pandemia, conversamos, mandamos músicas e estamos querendo marcar até um samba *online*. (Tamborim – Trecho de entrevista, 2021).

Fiquei muito feliz quando o Gilson nos contou que seu mestrado seria sobre o Samba do Corredor. O Gilson é uma daquelas pessoas que nos dá liberdade para conversar com ele, trata todo mundo com o mesmo carinho e respeito. O Samba do Corredor, apesar de ter sido iniciativa do Gilson, ele nunca aceitou que chamássemos o samba de “Samba do Gilson” ou qualquer nome do tipo. Porque como ele sempre falou o samba era de todo mundo, quem quisesse era bem-vindo para participar ou apenas observar. Estou no meu último ano da faculdade, espero que, na defesa do Gilson, a gente possa se encontrar e, mesmo depois de formada, vou ir lá fazer uma visita para o nosso samba. (Tamborim – Trecho de entrevista, 2021).

#### Cavaquinho confirma:

Sem dúvida! Tanto a dança como a música proporcionam essa interação. É muito bacana, durante a realização das rodas, a participação de todos os segmentos, terceirizados, professores, funcionários, cantando sem nenhum medo de errar, já que cobranças são diárias no ambiente de trabalho ou nas pesquisas. Sim. Este projeto poderia estender esta ideia a outras unidades para poderem fazer igual ou de forma diferente, aprimorando a ideia, com participantes da comunidade de cada unidade. O campus, pela localização e carência de um local para este tipo de movimento, seria bem interessante (Cavaquinho – Trecho de entrevista, 2021).

É uma diversidade tão grande na universidade, nas rodas de samba cria-se uma relação tão solidária, que parece que as pessoas se conhecem a muito tempo. A descontração se faz presente, o sincronismo entre os participantes, criando um laço harmonioso, repleto de espiritualidade.

#### De acordo com Pandeiro,

Eu a vejo como um acontecimento (que não existe por acaso, por ser uma proposta) que consegue ser ao mesmo tempo inusitado e essencial – deveria, inclusive, torna-se parte da grade curricular – se pensamos e desejamos construir comunidades (de estudantes, de trabalhadores e trabalhadoras, de seres humanos compartilhando de um mesmo espaço e tempo) mais humanizadas, compassivas, leves e dispostas. É um verdadeiro encontro de pessoas que desejam sentir-se bem, consigo e com os outros, construindo juntos, as pessoas e a música, momentos de companheirismo, felicidade e bem-estar, e que poderiam seguir sem se conhecerem se não existisse o Samba no Corredor. Encontro em que essas pessoas podem ser qualquer um, de idades variadas, com compromissos, necessidades e estados diferentes, dos pegos de surpresa aos programados para estar, o que torna os encontros ainda mais potentes e deliciosos. (Pandeiro – Trecho de entrevista, 2021).

Figura 12 – Participantes da pesquisa IV



Fonte: acervo do autor

#### Nas palavras de Cavaquinho:

Até pelo dia, sextas-feiras, a comunidade em geral dá aquela descontraída, quando chegavam e viam aquela roda, cantando tudo, não só sambas, mas qualquer ritmo, dávamos o jeito de virar! Aquele sorriso, às vezes, meio sem jeito ou com jeito mesmo, às vezes, cantarolavam alguma que sabiam, percebíamos esta alegria. (Cavaquinho – Trecho de entrevista, 2021).

#### Conforme aponta Violão:

Vejo que a roda traz para o ambiente FAE muita alegria, oportunidade de interação, professor, aluno e funcionários, acredito também que o objetivo maior é incentivar a união entre as pessoas através da música, seja ela qual for. Para nós, como sempre diz o compositor e músico Jorge Aragão, tudo acaba

em samba. O samba é contagiante e proporciona a união das pessoas. (Violão – Trecho de entrevista, 2021).

São os encontros a chave mestra da grandiosidade do que as rodas de samba no corredor propiciam. O encontro com quem vamos conhecendo e fortalecendo a relação, o encontro inesperado e pontual com quem pensava não conhecer, mas a partir dali passo a reconhecer em tantos espaços. Sem dúvidas, a roda de samba é muito potente por ser um lugar que possibilita que as pessoas todas que se cruzam ali se vejam, olhos nos olhos, cantem seus corpos e dancem suas vozes, que se apreciem e se sintam gratos e gratas pela presença de cada um e cada uma. Por podermos perceber o quão importante são suas existências, não só naquela reunião musical que se encontram, mas na universidade e na vida. Cada um e cada uma que se juntava, se aproximava, que dividia um pouco de sua presença ao caminhar mais lentamente enquanto passava pela roda, fazia toda a diferença. Desejávamos cada presença e sentíamos-nos gratos por contribuírem da maneira que são e que estão no momento. Isso me fortaleceu na faculdade, por perceber que eu também contribuo com o outro, qualquer um que seja, e que o outro contribui para mim, o tempo todo, em qualquer lugar. Não estamos sozinhos e sozinhas dentro da universidade, e reconhecer que estamos juntos e juntas, com trajetórias diversas por caminhos que se cruzam ali, pode nos tornar mais fortes para superarmos o desagradável da vida e mais potentes para construirmos e vivermos as possibilidades agradáveis. (Pandeiro- Trecho de entrevista, 2021).

A seguir vamos as considerações finais.

**Figura 13 – Instrumentos utilizados em rodas de samba, carnaval e outras reuniões**



**Fonte: acervo do autor**

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O SAMBA DA CONCLUSÃO NÃO CONCLUÍDA

Sambar é chorar de alegria  
*Feitio de oração*, Noel Rosa (1950)

Embora tenha convicção de que o presente estudo não possa ser concluído em poucas páginas, aponto alguns aspectos que demonstram o nosso propósito inicial: fazer uma narração da Roda de Samba do Corredor como forma de educar para o estabelecimento de relações sociais mais horizontais, coletivas e solidárias, as quais são denominadas, segundo o sociólogo Oder José dos Santos (1993), como relações sociais de tipo novo, um espectro da resistência à perspectiva capitalista de sociedade, ou seja, um modo de se relacionar com os outros que está em contraposição a um modelo de projeto educacional que tem como um de seus parâmetros a meritocracia, onde são privilegiadas a competitividade e o individualismo.

O primeiro aspecto a ser considerado é a potencialidade do samba como catalisador de relações solidárias. A participação em rodas de samba produz uma cidadania coletiva e de solidariedade. As situações de aprendizagem, dentro das rodas de samba, realizam-se por meio da música e das práticas sociais que se manifestam pelo modo como se dá a participação nas rodas, o ritmo, o gingado, pela linguagem, pela convivência, pela troca de experiências entre os participantes. A diversidade vivenciada, o reconhecimento do outro, de sua formação social e cultural; o reconhecimento das diferenças, sem receio ou preconceito, contribui para a reflexão e a construção de momentos agradáveis e um novo tipo de relação social. “O Samba do Corredor estimula relações sociais para além do prazer momentâneo da dança e do canto que acompanham todo o ritual, elas são fortalecidas nos encontros que se estendem pelo cotidiano. A roda de samba facilita a socialização, as chances de cultivar novas amizades aumentam, com a oportunidade de conhecer novos alunos, funcionários e professores”. (Reco Reco). Podemos afirmar que todos esses aspectos constituem fatores de fortalecimento da saúde mental da comunidade universitária.

Assim, outro fator relevante considera a roda de samba fator de promoção da saúde, de modo que falar de samba é falar também de saúde. São muitas as coisas boas que o samba proporciona. Fisicamente falando, ao sambar de forma espontânea, estamos promovendo uma atividade física de fortalecimento dos músculos, principalmente a musculatura das pernas e quadris, desenvolvendo a coordenação motora e o equilíbrio. Ao participar da Roda de Samba, são liberadas, através sensações de prazer, alegria e bem-estar, endorfinas que ajudam a diminuir a probabilidade de desenvolver sintomas depressivos. A roda de samba facilita a socialização e, conseqüentemente, as chances de cultivar novas amizades, o que resulta em fator

de melhoria da saúde mental, principalmente no atual momento de retomada da quase normalidade universitária. Eis alguns depoimentos que confirmam essas conclusões:

Figura 14: Samba do Corredor 01



Fonte: acervo do autor

Como aspecto fundamental da proposta, a roda de samba favorece o estabelecimento de relações coletivas, horizontais e solidárias. Os participantes do Samba do corredor se sentem incluídos em um grupo ativo, colaborando, indiretamente ou diretamente, com a formação de cidadãos voltados para o interesse coletivo e para a construção de relações solidárias e horizontais.

A Roda do Samba do Corredor pode ser vista como outra forma de cultura, não hegemônica, contrária ao que é estabelecido nas relações de poder, contrariando o tipo de relação proposta pelo mundo capitalista, pois o samba propõe uma cultura solidária, incentivando a participação das minorias, dos excluídos, sem cobranças ou exigências, é um espaço de acolhimento.

Muitos procuram no samba a sua válvula de escape de uma universidade cada vez mais exigente, outros têm no samba a sua motivação para o desempenho de suas atividades laborais ou acadêmicas. O fato é que os participantes se sentem identificados em um ambiente onde podem se expressar, ampliar as relações sociais e compartilhar emoções. É um espaço para além

da classe, espaço para fazer novas amizades, construir novas vivências, onde “rola uma prosa que não acontecia anteriormente” (Reco Reco). Ali se consolida um espaço mais democrático, com a quebra da hierarquia do saber, visto que se configura como oportunidade de conhecer novos alunos, funcionários e professores de forma leve, sem as pressões por títulos e conhecimentos acadêmicos.

A Roda do Samba do Corredor pode ser vista como outra forma de cultura, não hegemônica, contrária ao que é estabelecido nas relações de poder, contrariando o tipo de relação proposta pelo mundo capitalista, pois o samba propõe uma cultura solidária, incentivando a participação das minorias, dos excluídos, sem cobranças ou exigências, é um espaço de acolhimento.

Figura 15: Samba do Corredor 02



Fonte: acervo do autor

Muitos procuram no samba a sua válvula de escape de uma universidade cada vez mais exigente, outros têm no samba a sua motivação para o desempenho de suas atividades laborais ou acadêmicas. O fato é que os participantes se sentem identificados em um ambiente onde podem se expressar, ampliar as relações sociais e compartilhar emoções. É um espaço para além da classe, espaço para fazer novas amizades, construir novas vivências, onde “rola uma prosa que não acontecia anteriormente” (Reco Reco). Ali se consolida um espaço mais democrático, com a quebra da hierarquia do saber, visto que se configura como oportunidade de conhecer

novos alunos, funcionários e professores de forma leve, sem as pressões por títulos e conhecimentos acadêmicos.

No Samba do Corredor, formou-se um coletivo solidário, que valoriza as pessoas com suas experiências individualizadas, suas vivências, seus saberes, os quais dão lugar à formação de um coletivo solidário que estabelece uma relação de auxílio mútuo, que expressa solidariedade e apoio nos momentos do samba e também no cotidiano; que ajuda alguém num momento difícil e compartilha também seus momentos de alegria.

Esse coletivo nem sempre possui a mesma maneira de pensar; as mesmas opiniões, sentimentos, mas, quando chega à roda de samba, cria-se uma relação de dependência gostosa, em um processo solidário que se estende por toda a semana.

Além de todos os aspectos já mencionados, a roda de samba ajuda a desenvolver a espiritualidade. A concepção de espiritualidade, segundo Röhr (2013), apresentada anteriormente, nos permite concluir que pequenas atitudes, aparentemente insignificantes no universo de nossas ações individuais, poderiam se tornar muito valiosas para outras pessoas. No Samba do Corredor, o simples fato de você oferecer uma cadeira, convidar um desconhecido para participar do samba, um fato corriqueiro para o pessoal da roda, faz muita diferença para o convidado, por vezes, a pessoa está ansiosa, preocupada com o motivo que a levou até a universidade e, de repente, esse ato tranquiliza, harmoniza, acalma. Até a comunidade interna busca energia para cumprir suas atividades no dia do Samba do Corredor.

**Figura 16: Samba do Corredor 03**



Fonte: acervo do autor

A espiritualidade está presente no dia a dia, em nossas relações com o outro. É importante destacar que cada um tem sua maneira de vivenciá-la, de sentir a experiência da espiritualidade. No samba, as pessoas participam da forma que melhor lhes convém: alguns desde dentro dos seus gabinetes, sem ter coragem de se aproximar, talvez por timidez..., entretanto, mesmo assistindo de longe, sente-se uma energia positiva, muito boa, um espectro de alegria! Essa energia é compartilhada quando as pessoas se encontram nos corredores, elas se cumprimentam de forma diferente, pois desenvolvem um sentimento de pertencimento, de querer estar junto, de se sentir importante.

Finalmente, é importante reconhecer que este é um trabalho que apresenta limitações: além de nossas próprias dificuldades em desenvolver essa temática num ambiente altamente acadêmico, fomos atropelados pela pandemia, que trouxe limitações aos processos de pesquisa. Pretende-se dar continuidade a essa pesquisa através do produto educativo proposto, pois ela não se fecha aqui.

Tendo em vista a temática central deste estudo e considerando os achados que esta pesquisa aponta, pensou-se, a partir dos seus resultados, subsidiar a proposta de criação de um centro/núcleo de convivência/cultural na Instituição. Esse núcleo deverá desenvolver ações visando ao estabelecimento de atividades culturais e intervenções artísticas e esportivas, reunindo iniciativas da comunidade universitária. As atividades propostas devem ter na sua centralidade a construção de ações que possam contribuir para o estabelecimento de relações sociais horizontais, coletivas, solidárias, como resistência às atitudes que promovam a cultura meritocrática, do individualismo e da competição, tão presentes na perspectiva capitalista.

Figura 17: Samba do Corredor IV



Fonte: acervo do autor

## **PRODUTO EDUCATIVO**

### **ANTE - PROJETO: ESPAÇO CULTURAL E EDUCATIVO**

#### **Introdução**

Tendo em vista a temática central do estudo A Roda de Samba do corredor e considerando os achados que esta pesquisa aponta, pensou-se, a partir dos seus resultados, na possibilidade de que os dados obtidos possam subsidiar a proposta de criação de um centro/núcleo de convivência/cultural na Instituição. Esse núcleo deverá desenvolver ações visando ao estabelecimento de atividades culturais, intervenções artísticas e esportivas, reunindo iniciativas da comunidade universitária.

As atividades propostas devem ter na sua centralidade a construção de ações que possam contribuir para o estabelecimento de relações sociais horizontais, coletivas e solidárias, como resistência às atitudes que promovam a cultura meritocrática, do individualismo e da competição, tão presentes na perspectiva capitalista.

O núcleo buscaria na arte e na cultura uma forma de ajudar a amenizar as ocorrências de ansiedade e estresse que afligem a comunidade, considerando que a arte já é reconhecidamente terapêutica e, portanto, de grande valia na promoção da saúde física e mental, podendo ser um instrumento na prevenção de problemas de saúde em geral, de qualquer natureza, sempre visando às melhores formas de interação e socialização.

A comunidade tem a necessidade de se manifestar para além das salas de aulas e laboratórios, de trazer leveza e bem-estar ao seu cotidiano, se colocando de formas alternativas.

O Núcleo de Convivência de Arte e Cultura deverá promover: a socialização e a integração dos diferentes segmentos - alunos, professores, técnico-administrativos em educação e profissionais terceirizados da Instituição – a partir do desenvolvimento de projetos diversos para atendimento das mais variadas áreas: Apresentações Musicais; Debates; Recitais; Teatro; Palestras; Poesias; Arte; Cultura; Encontros de artistas; Exposições; Apresentações Musicais; Debates; Recitais; Teatro; Palestras; Conferências; Mostras; Fotografia; Cinema; Leitura, dentre outros.

A arte em geral, especialmente a música, é usada no mundo inteiro como terapia, nas festas, nas manifestações religiosas, nas grandes, médias e pequenas recepções. Faz parte do cotidiano

e da rotina das pessoas, estando presentes em praticamente todas as circunstâncias da vida de todos. É através das manifestações artísticas que se busca unir, socializar, interagir, estimular a construção de relações sociais, horizontais, coletivas e solidárias em meio a uma sociedade que tem como modelo um projeto meritocrático, em que são privilegiados a competitividade e o individualismo. Afinal, o acesso à arte não deve ser privilégio de algumas pessoas, e sim a conquista de um direito de cidadania.

Propõe-se o aproveitamento da infraestrutura oferecida pela Instituição e que seja realmente um ponto de encontro e de integração entre os membros da comunidade universitária, como por exemplo, o Jardim Mandala e o espaço do NEPPCOM – Núcleo de Estudos e Pesquisas do Pensamento Complexo. Preferencialmente as apresentações deverão ser abertas ao público em geral, acontecendo em um espaço aberto, bem localizado, arejado, com amplitude para acomodação de pessoas, apreciadores de cultura e que busquem convívio harmônico.

### **Objetivos**

#### **Objetivo Primário**

- Transformar ideias e aspirações dos membros da comunidade acadêmica em ações concretas que possam criar oportunidades a talentos que estejam escondidos ou ofuscados, além daqueles oriundos de artistas já conhecidos, em formato de pequenos projetos ou programas de extensão a serem desenvolvidos no núcleo de modo a estimular o desenvolvimento de Relações Sociais de Tipo Novo.

#### **Objetivos secundários:**

- Promover a melhoria da qualidade de vida da comunidade universitária de forma a auxiliar na redução e/ou na prevenção das ocorrências de doenças psicossomáticas ou transtornos mentais.

- Fomentar a realização de debates a respeito de temas de interesse da comunidade, através de ações educativas com intervenções artísticas durante todo o ano letivo.

### **Metodologia**

As atividades a serem desenvolvidas teriam caráter interativo como música, teatro, sarau, pintura e outras manifestações artísticas em geral, com abordagens de temas que serão

levantados junto à comunidade acadêmica, na perspectiva da construção de um ambiente solidário. Os temas das intervenções poderão ser apresentados de forma lúdica e crítica, buscando despertar o interesse pela discussão e pela participação. Serão desenvolvidas atividades de apoio a projetos educativos visando ao desenvolvimento dos talentos da comunidade alunos que possam ser reproduzidos/aplicados em escolas públicas, comunidades, bairros carentes e projetos sociais. Para tanto, deverá ser eleita pelos membros do núcleo uma equipe que analisará e escolherá os projetos de acordo com as possibilidades e dinâmicas da instituição. Estas pessoas devem ser oriundas da comunidade, contando com a participação de todos os segmentos que compõem a comunidade. Assim, a instituição estará também retornando à sociedade o investimento público que a constrói e a mantém, suas atividades que poderiam ser exercidas de várias maneiras:

1- Práticas culturais e apresentações artísticas: mostrando as experiências dos artistas, seja por meio de oficinas, cursos ou outras atividades de caráter educativo.

2- Práticas que possam gerar a formação de novos artistas e/ou educadores, com a possibilidade de serem fatores multiplicadores, seminários, exposições, teatro, músicas, pintura, etc.

A gestão do núcleo preferencialmente deverá ser feita por representantes da comunidade: alunos, funcionários e professores. Todos terão os mesmos direitos de voz e voto na forma de uma gestão colegiada.

Apresentamos abaixo algumas sugestões de temas que poderiam ser relacionados às nossas atividades e que julgamos de extrema importância para serem abordados em qualquer comunidade. Lembrando que cada tema pode ser desdobrado em quantos forem necessários, de acordo com necessidades da comunidade:

#### Espiritualidade

- Espiritualidade e religião;
- O papel das religiões nas comunidades;
- A intolerância religiosa;
- Religiosidade e infância;
- Espiritualidade e vida.

#### Relações étnico-raciais

- As ações afirmativas;
- Negro na escola/universidade;
- Negros de sucesso;
- Discriminação e preconceito;
- Violência contra o negro.

#### A Música e o Samba

- A importância da música e o samba na sociedade;
- História do samba;
- Samba/música e resistência;
- A música na infância;
- A música na escola

#### As Relações Sociais

- A vida em sociedade;
- Relações sociais na escola;
- Relações sociais na infância;
- Relações sociais e economia;
- Relações horizontais, coletivas e solidárias.



## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo; Sueli Carneiro, Editora Jandaíra, 2021, 264p.
- ANTÔNIO NETO. Pátria amada, salve, salve! Como Getúlio Vargas enquadrrou o samba. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-como-getulio-vargas-enquadrrou-samba.phtml>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- ARAGÃO, Jorge – **Identidade**, 1992 Indie Records, Rio de Janeiro Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jorge-aragao/77012/>
- ARAUJO, Emanuel. **Viva Cultura, Viva o Povo Brasileiro**. Museu Nacional: São Paulo, 2007.
- BADILLO, JalilSued. Igreja e escravidão em Porto Rico no século XVI. In: PINSKY, Jaime *et al.* (org.). **História das Américas através de textos**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- BARBOSA, Adoniran – **Trem das onze**, 1964 - São Paulo, Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=trem+das+onze>
- BOLETIM DA UFMG, No. 1944 – Ano 42, 13 de junho 2016
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online], n. 19, p. 20–28, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- BRASIL, LEI Nº 581 - “Lei Euzébio de Queiroz”, de 4 de setembro de 1850
- BRASIL, LEI Nº 2.040 - “Lei do Ventre Livre”, de 28 de setembro de 1871
- BRASIL, LEI Nº 3.270 - “Lei dos Sexagenários”, de 28 de setembro de 1885
- BRASIL, LEI N.º 3 353 - “Lei Áurea”, 13 de maio de 1888
- BRASIL, LEI Nº 9.459 - “Lei do Racismo”, de 13 de maio de 1997.
- BRASIL, LEI Nº 10.639 - "História e Cultura Afro-Brasileira", de 9 de janeiro de 2003
- BRASIL, LEI Nº 12711 - “Lei de cotas”, 29 de agosto de 2011
- CAMBRICOLI, Fabiana; TOLEDO, Luiz Fernando. Aumento de transtornos mentais entre jovens preocupa universidades. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 16 set. 2017. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,aumento-de-transtornos-mentais-entre-jovens-preocupa-universidades,70002003562>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- CARNEIRO, L.T. Maria. **O racismo na História do Brasil**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, Débora. Transtornos psíquicos afastam 13% da comunidade da UFMG. **Jornal O Tempo**. 26 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/transtornos-psiquicos-afastam-13-da-comunidade-da-ufmg-1.1306175>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CRIOLO, 1975 - Povo guerreiro Criolo - Kleber Cavalcante Gomes (São Paulo, 1975). Cantor e compositor. Fonte: LyricFind, Compositores: Ricardo Rabelo / Willian Borges Artista: Criolo; Álbum: Povo Guerreiro; Data de lançamento: 2018

CUNHA JUNIOR, Henrique. Candomblés: como abordar esta cultura na escola. *Revista Espaço Acadêmico* n° 102: novembro de 2009.

DINIZ, André. Almanaque do Samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

DONGA, 1916 – Música Pelo Telefone. Seis de novembro de 1916 é a data da gravação do primeiro samba no Brasil, “Pelo Telefone”, de Ernesto Joaquim Maria dos Santos, mais conhecido como Donga. O registro foi feito na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

EVANS, T. M.; BIRA, L., GASTELUM, J. B., WEISS, L. T., VANDERFORD, N. L. Evidence for a mental health crisis in graduate education. *Nature Biotechnology*, v. 36, n. 3, p. 282, 2018.

FAE. Faculdade de Educação da UFMG. Site. Disponível em: <https://www.fae.ufmg.br/>. Acesso em: 20 mai. 2021.

FERNANDES, Cláudio. Origem do samba, história do mundo. 2021. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/origem-samba.htm>. Acesso em: 23 jul. 2021.

FIOCRUZ. Saúde mental de jovens preocupa universidades.2017. Disponível em: <https://2/radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/noticias/saude-mental-de-jovens-preocupa-universidades>. Acesso em: 20 jul. 2020.

FREYRE, 1977 – Citado na p. 58

GASPARIN, S.M.; BARRETO, S.M. e ASSUNÇÃO, A. V. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005 - São Paulo.

GOMES, Laurentino. Escravidão: do primeiro leilão de – Volume I cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares - Volume I- Ed. Globo Livros: Rio de Janeiro, 2019

GONZAGUINHA, Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior – O que é o que é - EMI-Odeon/RCA – Rio de Janeiro 1982. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/463845/>

HALL, Stuart. Identidade Cultural. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL), 1997.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Imaterial. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: jul. 2020.

ITAÚ CULTURAL. Enciclopédia de Arte e Cultura Brasileiras. Pelo Telefone (1916). São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra7091/pelo-telefone-1916>. Acesso em: 20 mai. 2020.

KETI, Zé. – José Flores de Jesus, A voz do morro, 1955 – Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ze-keti/197271/>

KIZOMBA, Compositores: Rodolpho De Souza / Luiz Carlos Baptista / Jonas Rodrigues. Letra de Kizomba, Festa da Raça © Ed. Musical Escola De Samba Ltda. (1988). Fonte: Musixmatch, Álbum: Festa da Raça, Data de lançamento: 1988, Gênero: Samba

KLEIN, Herbert S. Demografia da Escravidão. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). Dicionário da escravidão e liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 193.

LARA, Dona Ivone. Sorriso negro, Warner Music Brasil – Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/dona-ivone-lara/sorriso-negro/>

LIMA, Augusto César Gonçalves. Escola dá samba? O que têm a dizer os compositores do bairro de Oswaldo Cruz e da Portela. 2001. Disponível em: <http://academiadosamba.com.br/monografias/augustocesar.pdf>. Acesso em 21 jan. 2021.

LOPES, Nei. Sambeabá: o samba que não se aprende na escola. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Folha Seca, 2003.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. Dicionário da História Social do Samba. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015 .336p.; 23 cm.

LOPES, Valquíria. Pressões potencializam casos de transtorno mental de alunos e professores da UFMG. *Jornal Estado de Minas*, 28 ago. 2017. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/Noticia/especiais/educacao/2017/08/28/internaseducacao,895535/pressoes-aumentam-casos-de-transtorno-mental-na-ufmg.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MATTOS, Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira. 2ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MEIRELLES, Paola. Samba: produto cultural e patrimônio imaterial. *Parágrafo*, Capa, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/182>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES; TOQUINHO – Samba da bênção, Baden Powell e Vinicius, 1967. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=Samba+da+bênção>

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: BRANDÃO, André Augusto P. Caderno Penesb 5, Niterói, RJ: EdUFF, 2004. p. 15-34.

PINHEIRO, Ana Carolina. A cada dez jovens brasileiros que cometem suicídio, seis são negros. *Capricho*, 13 set. 2019. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/a-cada-dez-jovens-brasileiros-que-cometem-suicidio-seis-sao-negros/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

POIÉSIS, Tubarão. *Biopolítica, Educação e Filosofia*, número especial, p. 56, 2011.

HISTÓRIA do samba. Portal São Francisco. 2021. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/historia-do-samba>. Acesso em: 15 jul. 2020.

REIS, Mariana. Dia Nacional da Mulher Sambista: Qual a importância das mulheres negras no samba? 2019. Disponível em: <http://blogdecanhota.blogspot.com/2019/04/dia-nacional-da-mulher-sambista-qual.html>. Acesso em: 19 fev. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Ewerton Martins. *Mentes em Risco*. Universidade Federal de Minas Gerais. *Mentes que sofrem*. Boletim, n. 1.944, ano 42, 13 jun. 2016.

RÖHR, Ferdinand. *Educação e espiritualidade: contribuições para uma compreensão multimensional da realidade, do homem e da educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

RÖHR, Ferdinand. *Espiritualidade e formação humana*. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE. 2007, Anais... Maceió: Qgráfica, 2007.

ROSA, Noel – *Feitio de oração 1933* Rio de Janeiro. Disponível <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=musica+feito+de+oração>

SABINO, Ligia Mara - *A percepção dos (as) técnico-administrativos (as) em educação acerca da jornada de trabalho de 30 horas semanais no âmbito da Universidade Federal de Minas Gerais*. Dissertação de mestrado, 2021.

SANTOS, Oder José. *Pedagogia dos Conflitos Sociais*. Campinas, SP: Papyrus, 1992.

\_\_\_\_\_. *Novo mundo do trabalho nova Pedagogia Capitalista. Trabalho e Educação*, Belo Horizonte, n. 2, ago./dez. 1997.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos da relação trabalho e educação. Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, n.9, jul/dez. 2001.

SARGENTO, Nelson. **Nelson Mattos** - Agoniza, mas não morre, 1978. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DrgfPiYhFV8>

SEPPIR. **Promovendo a igualdade racial**: Para Um Brasil Sem Racismo.Org. Katia Regina da Costa Santos & Edileuza Penha de Souza - 1ª Edição, Brasília, 2016

SILVA, Daniel Neves. **Escolas de samba**. 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/carnaval/escolas-de-samba.htm>. Acesso em: 31 mai. 2021.

SILVA, Bezerra – Vítima da sociedade Rio de Janeiro, 1985. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gr8GHHK8Az8>

SILVA, Sérgio – Samba da mais valia - Minas Gerais 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=15II0h5scIY>

SINHÔ - José Barbosa da Silva – Jura – Rio de Janeiro 1928. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iJvFx8gDsl4>

\_\_\_\_\_  
SINHÔ, 1930 – Gosto que me enrosco. Rio de Janeiro, 1930. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Yb6GcPei\\_\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=Yb6GcPei__8)

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. **História da Música Popular Brasileira: Samba**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

TURCO, Hélio, JURANDIR E ALVINHO - Cem anos de liberdade, realidade e ilusão. Rio de Janeiro- 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WySBEVaxP1M>

UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais. Comissão Institucional de Saúde Mental (CISME/UFMG). Relatório conclusivo da comissão instituída pelo reitor para constituir uma agenda de discussão e propor diretrizes para uma política institucional de Saúde Mental no âmbito da UFMG. Portaria nº. 079, de 07 de outubro de 2015; Portaria 001, de 05 de janeiro de 2016 e Portaria nº. 078, de 18 de agosto de 2016. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

FORTE, Bárbara. O samba é uma instituição que não vai passar nunca, dizia Nelson Sargento. Splash, São Paulo, 27 mai. 2021. <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/05/27/o-samba-e-uma-instituicao-nao-vai-passar-nunca-dizia-nelson-sargento.htm?cmpid=copiaecola>

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. 16 ed. São Paulo: Moderna, 1994

VILA, Martinho da. [canção] **Casa de Bamba**. Rio de Janeiro: RCA Records, 1969. Disponível em: <https://youtu.be/If33VWd15k4>. Acesso em: 14 nov. 2021.

VILA, Martinho – [canção] O pequeno burguês. Rio de Janeiro, MZA Music. 1969  
Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=o+equeno+burguês>.  
Acesso em: 14 nov. 2021

VIOLA, Paulinho – [canção] Eu canto samba. Rio de Janeiro: BMG Brasil, 1987 Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=Eu+canto+samba>. Acesso em: 14 nov. 2021

**APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevista**

1. COMO VOCÊ CHEGOU À RODA DE SAMBA? OCASIONALMENTE? IA PASSANDO PELO CORREDOROU VEIO À FACULDADE COM A INTENÇÃO DE PARTICIPAR?
2. COMO VOCÊ PARTICIPOU DA RODA? SAMBOU? CANTOU? TOCOU INSTRUMENTO?
3. COMO VOCÊ PERCEBEU AS PESSOAS DURANTE A RODA DE SAMBA?
4. FALE SOBRE SEU ESTADO EMOCIONAL: COMO VOCÊ SE SENTIA ANTES E DEPOIS DA RODA?
5. O SAMBA COMO POSSIBILIDADE DE MELHORA DA SAÚDE.
6. O SAMBA COMO POSSIBILIDADE DE MELHORIA DAS RELAÇÕES NA UNIVERSIDADE.

## APÊNDICE 2 – Letras das músicas empregadas nas epígrafes

### 1. CASA DE BAMBA - Martinho da Vila

Na minha casa, todo mundo é bamba, todo mundo bebe, todo mundo samba  
 Na minha casa, não tem bola pra vizinha, não se fala do alheio, nem se liga pra Candinha  
 Na minha casa, ninguém liga pra intriga, todo mundo xinga, todo mundo briga  
 Macumba lá na minha casa tem galinha preta, Azeite de dendê  
 Mas ladainha lá na minha casa, tem reza bonitinha, E canjiquinha pra comer...  
 Se tem alguém aflito, todo mundo chora, todo mundo sofre, mas logo se reza  
 Pra São Benedito, Pra Nossa Senhora, E pra Santo Onofre...  
 Mas se tem alguém cantando, todo mundo canta, todo mundo dança  
 Todo mundo samba, E ninguém se cansa, pois minha casa é casa de bamba

Compositores: Martinho José Ferreira (Martinha da Vila)

### 2. SAMBA DA MAIS VALIA - Sérgio Silva

Síntese de muitas determinações, a realidade social é feita de contradições  
 Mas a árvore não pode esconder o arvoredo, vem o grande analista, revela o segredo  
 da acumulação de capital

É mais-valia pra cá, é mais-valia pra lá. Capitalismo é selvagem, é global.  
 É mais-valia pra cá, é mais-valia pra lá, Tempo roubado do trabalho social.

Mercadoria é alienação, trabalho, salário: a danação  
 A grana diz ‘trabalho sozinha’, a fórmula é DMD’.

Síntese de muitas determinações, a realidade brasileira é feita de contradições  
 Mas o grande analista indicou o caminho, ninguém pode vencer essa luta sozinho.  
 É luta de classes e coração. tem a novela, meu bem  
 E tem a Xuxa, também. Proselitismo tem no Jornal Nacional.

Tem desemprego, meu bem, e tem a dengue, também.  
 Desigualdade e tortura federal, no Brasil todo foi um tititi  
 Todo mundo pensando, do Oiapoque ao Chuí  
 Mas agora é a hora da transformação, O carnaval traz nossa revolução.

O manifesto falou, o comunismo escutou:  
 Tem que seguir o movimento popular. O grande mestre mostrou,  
 A grande escola ensinou: Dizer o samba no pé, se revoltar

Lá no rio vermelho, Na Filosofia, descobrir o pandeiro, a cuíca, a magia.  
 Mas agora é a hora da transformação: O carnaval traz nossa revolução  
 O Samba da Mais Valia foi criado por Sérgio Silva e gravado no início de 2005. Sucesso  
 carnavalesco e ouvido nas Rádios Livres de vários lugares do mundo.

Compositores: Sérgio Silva

### **3. SAMBA DA BENÇÃO** - Vinicius de Moraes

É melhor ser alegre que ser triste, Alegria é a melhor coisa que existe  
 É assim como a luz no coração  
 Mas pra fazer um samba com beleza, é preciso um bocado de tristeza  
 É preciso um bocado de tristeza, senão, não se faz um samba não  
 Senão é como amar uma mulher só linda, E daí?  
 Uma mulher tem que ter qualquer coisa além de beleza  
 Qualquer coisa de triste, qualquer coisa que chora  
 Qualquer coisa que sente saudade, um molejo de amor machucado  
 Uma beleza que vem da tristeza de se saber mulher  
 Feita apenas para amar, para sofrer pelo seu amor e pra ser só perdão  
 Fazer samba não é contar piada, E quem faz samba assim não é de nada  
 O bom samba é uma forma de oração  
 Porque o samba é a tristeza que balança, E a tristeza tem sempre uma esperança  
 A tristeza tem sempre uma esperança, de um dia não ser mais triste não  
 Feito essa gente que anda por aí brincando com a vida  
 Cuidado, companheiro, A vida é pra valer

E não se engane não, tem uma só  
 Duas mesmo que é bom ninguém vai me dizer que tem sem provar muito bem provado  
 Com certidão passada em cartório do céu e assinado embaixo  
 Deus, e com firma reconhecida, A vida não é brincadeira, amigo  
 A vida é arte do encontro embora haja tanto desencontro pela vida  
 Há sempre uma mulher à sua espera, Com os olhos cheios de carinho  
 E as mãos cheias de perdão, Ponha um pouco de amor na sua vida  
 Como no seu samba  
 Ponha um pouco de amor numa cadência, E vai ver que ninguém no mundo vence  
 A beleza que tem um samba, não  
 Porque o samba nasceu lá na Bahia, E se hoje ele é branco na poesia  
 Se hoje ele é branco na poesia, Ele é negro demais no coração  
 Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius De Moraes  
 Poeta e diplomata  
 O branco mais preto do Brasil, Na linha direta de Xangô, saravá!  
 A bênção, Senhora, A maior ialorixá da Bahia  
 Terra de Caymmi e João Gilberto  
 A bênção, Pixinguinha, tu que choraste na flauta, todas as minhas mágoas de amor  
 A bênção, sinhô, a bênção, Cartola, A bênção, Ismael Silva  
 Sua bênção, Heitor dos Prazeres, A bênção, Nelson Cavaquinho  
 A bênção, Geraldo Pereira, A bênção, meu bom Cyro Monteiro você, sobrinho de Nonô  
 A bênção, Noel, sua bênção, Ary, A bênção, todos os grandes sambistas do Brasil  
 Branco, preto, mulato, Lindo como a pele macia de Oxum  
 A bênção, maestro Antônio Carlos Jobim  
 Parceiro e amigo querido, que já viajaste tantas canções comigo  
 E ainda há tantas por viajar, A bênção, Carlinhos Lyra, parceiro cem por cento  
 Você que une a ação ao sentimento e ao pensamento, A bênção, a bênção, Baden Powell  
 Amigo novo, parceiro novo, que fizeste este samba comigo, A bênção, amigo  
 A bênção, maestro Moacir Santos, que não és um só, és tantos como  
 Tantos como o meu Brasil de todos os santos, Inclusive meu São Sebastião  
 Saravá, a bênção, que eu vou partir, Eu vou ter que dizer adeus  
 Ponha um pouco de amor numa cadência, E vai ver que ninguém no mundo vence  
 A beleza que tem um samba, não

Porque o samba nasceu lá na Bahia, E se hoje ele é branco na poesia  
 Se hoje ele é branco na poesia, Ele é negro demais no coração  
 Porque o samba nasceu lá na Bahia, E se hoje ele é branco na poesia  
 Se hoje ele é branco na poesia, Ele é negro demais no coração

Compositores: Baden Powell / Marcelo Peixoto / Vinicius De Moraes

#### **4. EU CANTO SAMBA - Paulinho da Viola**

Eu canto samba, porque só assim eu me sinto contente  
 Eu vou ao samba, porque longe dele eu não posso viver  
 Com ele eu tenho de fato uma velha intimidade  
 Se fico sozinho ele vem me socorrer  
 Há muito tempo eu escuto esse papo furado  
 Dizendo que o samba acabou, Só se foi quando o dia clareou  
 Há muito tempo eu escuto esse papo furado  
 Dizendo que o samba acabou Só se foi quando o dia clareou  
 O samba é alegria, falando coisas da gente  
 Se você anda tristonho, no samba fica contente  
 Segure o choro criança, vou te fazer um carinho  
 Levando um samba de leve, nas cordas do meu cavaquinho

Compositores: Paulo Cesar Baptista de Faria / Paulinho da Viola

#### **5. SORRISO NEGRO - Dona Ivone Lara**

Negro é a raiz da liberdade, Negro é a raiz da liberdade  
 Sorriso negro, um abraço negro, traz felicidade  
 Negro sem emprego, fica sem sossego, negro é a raiz da liberdade

Um abraço negro traz felicidade, negro sem emprego  
 Fica sem sossego, E negro é a raiz da liberdade  
 Negro é uma cor de respeito, Negro é inspiração  
 Negro é silêncio, é luto, Negro é a solidão

Negro que já foi escravo, Negro é a voz da verdade

Negro é destino, é amor, Negro também é saudade

Compositores: Adilson Reis Dos Santos / Jair Carvalho / Jorge Philomeno Ribeiro

### **6. O PEQUENO BURGUEÊS - Martinho da Vila**

Felicidade passei no vestibular, mas a faculdade é particular

Particular, ela é particular

Livros tão caros tanta taxa pra pagar, meu dinheiro muito raro

Alguém teve que emprestar

O meu dinheiro, alguém teve que emprestar

Morei no subúrbio, andei de trem atrasado, do trabalho ia pra aula, sem

Jantar e bem cansado, mas lá em casa à meia-noite tinha

Sempre a me esperar, um punhado de problemas e criança pra criar

Para criar, só criança pra criar, mas felizmente eu consegui me formar

Mas da minha formatura, não cheguei participar

Faltou dinheiro pra beca e também pro meu anel

Nem o diretor careca entregou o meu papel

O meu papel, meu canudo de papel, E depois de tantos anos

Só decepções, desenganos, dizem que sou um burguês, muito privilegiado

Mas burgueses são vocês, eu não passo de um pobre-coitado

E quem quiser ser como eu, vai ter é que penar um bocado

Um bom bocado vai penar um bom bocado

Compositores: Martinho Jose Ferreira (Martinho da Vila)

### **7. VÍTIMA DA SOCIEDADE - Bezerra da Silva**

E se vocês estão a fim de prender o ladrão, podem voltar pelo mesmo caminho

O ladrão está escondido lá embaixo, Atrás da gravata e do colarinho

O ladrão está escondido lá embaixo, Atrás da gravata e do colarinho

Só porque moro no morro, A minha miséria a vocês despertou

A verdade é que vivo com fome, nunca roubei ninguém, sou um trabalhador

Se há um assalto a banco, como não podem prender o poderoso chefe

Aí os jornais vêm logo dizendo que aqui no morro só mora ladrão

Falar a verdade é crime, porém eu assumo o que vou dizer  
 Como posso ser ladrão, se eu não tenho nem o que comer  
 Não tenho curso superior, nem o meu nome eu sei assinar  
 Onde foi se viu um pobre favelado, com passaporte pra poder roubar  
 No morro ninguém tem mansão, nem casa de campo pra veranear  
 Nem iate pra passeios marítimos, E nem avião particular  
 Somos vítimas de uma sociedade, famigerada e cheia de malícias  
 No morro ninguém tem milhões de dólares, depositados nos bancos da Suíça  
 Se vocês estão a fim de prender o honesto, podem voltar pelo mesmo caminho  
 Os catorzes estavam escondidos lá embaixo, Atrás da gravata e do colarinho  
 O ladrão está escondido lá embaixo, Atrás da gravata e do colarinho  
 Se vocês estão a fim de prender o ladrão, podem voltar pelo mesmo caminho  
 O ladrão está escondido lá embaixo, Atrás da gravata e do colarinho

Compositores: Jose Bezerra Da Silva / Jorge Francisco Da Silva

### **8. Samba enredo 1988 – G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira**

100 ANOS DE LIBERDADE - REALIDADE OU ILUSÃO?

Será... Que já raiou a liberdade, ou se foi tudo ilusão  
 Será... Que a Lei Áurea tão sonhada, há tanto tempo assinada  
 Não foi o fim da escravidão, hoje dentro da realidade  
 Onde está a liberdade, onde está que ninguém viu  
 Moço... Não se esqueça que o negro também construiu  
 As riquezas do nosso Brasil, pergunte ao criador, quem pintou esta aquarela  
 Livre do açoite da senzala, Preso na miséria da favela  
 Sonhei.... Que Zumbi dos Palmares voltou  
 A tristeza do negro acabou, foi uma nova redenção Senhor. Eis a luta do bem contra o mal,  
 que tanto sangue derramou, contra o preconceito racial, O negro samba, Negro joga capoeira,  
 Ele é o rei na verde e rosa da Mangueira

**Compositores: Alvinho, Hélio Turco, Jurandir.**

## 9. O QUE É O QUE É? – Gonzaguinha

Eu fico com a pureza das respostas das crianças: É a vida! É bonita e é bonita!  
 Viver e não ter a vergonha de ser feliz, Cantar, A beleza de ser um eterno aprendiz  
 Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita:  
 É bonita, é bonita e é bonita! E a vida? E a vida o que é, diga lá, meu irmão?  
 Ela é a batida de um coração? Ela é uma doce ilusão?  
 Mas e a vida? Ela é amar a vida ou é sofrimento? Ela é alegria ou lamento?  
 O que é? O que é meu irmão? Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo,  
 É uma gota, é um tempo que nem dá um segundo,  
 Há quem fale que é um divino mistério profundo,  
 É o sopro do criador numa atitude repleta de amor. Você diz que é luto e prazer,  
 Ele diz que a vida é viver, ela diz que melhor é morrer  
 Pois amada não é, e o inferno é sofrer. Eu só sei que confio na moça  
 E na moça eu ponho a força da fé, somos nós que fazemos a vida  
 Como der, ou puder, ou quiser Sempre desejada por mais que esteja errada,  
 Ninguém quer a morte, só saúde e sorte, E a pergunta roda, e a cabeça agita.  
 Fico com a pureza das respostas das crianças: É a vida! É bonita e é bonita!  
 Compositores: Gonzaguinha

## 10. A VOZ DO MORRO - Zé Ketí

Eu sou o samba, A voz do morro sou eu mesmo sim senhor  
 Quero mostrar ao mundo que tenho valor, eu sou o rei dos terreiros  
 Eu sou o samba, sou natural daqui do Rio de Janeiro  
 Sou eu quem levo a alegria, para milhões  
 De corações brasileiros, mais um samba  
 Queremos samba, quem está pedindo é a voz do povo do país  
 Viva o samba, vamos cantando, essa melodia pro Brasil feliz  
 Eu sou o samba, A voz do morro sou eu mesmo sim senhor  
 Quero mostrar ao mundo que tenho valor

Eu sou o rei dos terreiros, eu sou o samba  
Sou natural daqui do Rio de Janeiro  
Sou eu quem levo a alegria, para milhões  
De corações brasileiros, mais um samba, queremos samba  
Quem está pedindo é a voz do povo do país  
Viva o samba, vamos cantando, essa melodia pro Brasil feliz

Compositores: Zé Kéti

### **11. FEITIO DE ORAÇÃO - Noel Rosa**

Quem acha vive se perdendo  
Por isso agora eu vou me defendendo  
Da dor tão cruel desta saudade  
Que por infelicidade  
Meu pobre peito invade  
Por isso agora lá na penha  
Vou mandar minha morena  
Pra cantar com satisfação  
E com harmonia  
Esta triste melodia  
Que é meu samba em feitio de oração  
Batuque é um privilégio  
Ninguém aprende samba no colégio  
Sambar é chorar de alegria  
É sorrir de nostalgia  
Dentro da melodia  
Por isso agora lá na penha  
Eu vou mandar minha morena  
Pra cantar com satisfação  
E com harmonia  
Esta triste melodia  
Que é meu samba em feitio de oração

Batuque é um privilégio  
Ninguém aprende samba no colégio  
Sambar é chorar de alegria  
É sorrir de nostalgia  
Dentro da melodia  
Por isso agora lá na penha  
Eu vou mandar minha morena  
Pra cantar com satisfação  
E com harmonia  
Esta triste melodia  
Que é meu samba em feitio de oração  
O samba na realidade não vem do morro  
Nem lá da cidade  
E quem suportar uma paixão  
Sentirá que o samba então  
Nasce do coração  
E quem suportar uma paixão  
Sentirá que o samba então  
Nasce do coração  
Compositores: Noel Rosa/Vadico (Osvaldo Gogliano)

## ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Senhor (a) está sendo convidado (a), como voluntário (a), a participar da pesquisa *A Roda de Samba: Uma construção de Relações Sociais horizontais, coletivas e solidárias*. Pedimos a sua autorização para a coleta de dados via entrevista individual, que será gravada e transcrita. Para preservar sua identidade, todos os participantes serão identificados com nomes fictícios. A utilização de seus dados está vinculada somente a este projeto de pesquisa. Nesta pesquisa, pretendemos compreender a RODA DE SAMBA como forma de educar para o estabelecimento de relações sociais que sejam horizontais, coletivas, solidárias, como resistência à proposta de relações sociais individualistas e competitivas presentes na perspectiva capitalista.

Para esta pesquisa, adotaremos os seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica, realização de entrevistas semiestruturadas, com duração máxima de 01(uma) hora. **As entrevistas** seriam realizadas durante as Rodas de Samba, às sextas-feiras, no horário de almoço na Faculdade de Educação da UFMG, **entretanto**, em razão da pandemia resultante do corona vírus, serão feitas de maneira virtual, pois, infelizmente, nesse período, não estarão acontecendo **as rodas de samba**. Os possíveis riscos da pesquisa incluem ansiedade, desconforto ou incômodo durante a realização da entrevista por abordar aspectos referentes à relação no ambiente institucional, podendo despertar sentimentos relacionados a discriminação, racismo institucional, assédio moral e outros.

A pesquisa poderá trazer os seguintes benefícios: contribuirá para delinear o funcionamento das relações no meio universitário, entender A RODA DE SAMBA como fator de melhoria da qualidade de vida da comunidade acadêmica, estimulando a socialização e a integração dos diferentes segmentos: alunos, professores, técnicos administrativos em educação, profissionais terceirizados da Faculdade de Educação da UFMG. Para além disso, demonstrar como a cultura e o lazer atuam como formas de integração da comunidade para o estabelecimento de relações sociais horizontais, coletivas, solidárias na Faculdade de Educação da UFMG.

Para participar deste estudo, o senhor (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o senhor (a) tem assegurado o direito à indenização. O senhor (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e, a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, pode retirar o

consentimento, valendo a desistência a partir de sua data de formalização. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como o senhor (a) é atendido (a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados obtidos pela pesquisa, a partir de sua entrevista, estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome não será liberado sem a sua permissão. O (A) senhor (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar da pesquisa.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal de Minas Gerais e a outra será fornecida ao senhor (a). Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos e, após esse tempo, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções N° 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa *A Roda de Samba: Uma construção de Relações Sociais horizontais, coletivas e solidárias* de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar.

( ) Concordo que a minha entrevista seja utilizada somente para esta pesquisa.

*Rubrica do pesquisador:*

---

*Rubrica do  
participante:*

---

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome completo do participante \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

Assinatura do participante

## ANEXO2 – Declaração de pesquisadores

Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da resolução 466/12 e suas complementares. Comprometo-me de utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto. Tenho ciência de que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada e fará parte integrante da documentação da mesma.

Nome completo do Pesquisador Responsável: Conceição Clarete Xavier Travalha Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 Pampulha, CEP: 31.270-901 / Belo Horizonte – MG. Telefones: (31) 99645-2925, E-mail: [tecaxavier@uol.com.br](mailto:tecaxavier@uol.com.br).

---

Assinatura do pesquisador responsável

DATA        /        /

Nome completo do Pesquisador: Gilson Antônio Mathias

Endereço: Rua Manoel Ferreira Leal, 20, Bairro Aparecida, CEP: 31.250-700 / BH – MG Telefones: (31) 98873 – 5288 - E-mail: [gmathias@fae.ufmg.br](mailto:gmathias@fae.ufmg.br)

---

Assinatura do pesquisador

DATA        /        /

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar: CEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br). Tel: 3409 4592

### ANEXO 3 - Termo de Compromisso de Utilização de Dados

#### Identificação dos membros do grupo de pesquisa

Nome completo	RG	Assinatura
CONCEIÇÃO CLARETE XAVIER TRAVALHA	MG 390.694	
GILSON ANTONIO MATHIAS	MG 2.546.017	

#### Identificação da pesquisa

Título do Projeto: A RODA DE SAMBA: Uma construção de Relações Sociais horizontais, coletivas e solidárias.

Departamento/Faculdade/Curso: Departamento de Ciências Aplicadas a Educação Faculdade de Educação - UFMG

c) Pesquisador Responsável: Conceição Clarete Xavier Travalha

#### Descrição dos Dados

São dados a serem coletados somente após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP-UFMG), com o objetivo de verificar a possibilidade de ter na RODA DE SAMBA um instrumento de educação para o estabelecimento de relações sociais horizontais, coletivas, solidárias, como resistência à proposta de relações sociais individualistas e competitivas presentes na perspectiva capitalista.

Os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para o projeto vinculado. Para dúvidas de aspecto ético, pode *ser* contactado o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (CEP/UFMG): Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901 Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005 Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br.

#### Declaração dos pesquisadores

Os pesquisadores envolvidos no projeto se comprometem a manter a confidencialidade sobre os dados coletados, bem como a privacidade de seus conteúdos, como preconizam a Resolução 466/12, e suas complementares, do Conselho Nacional de Saúde.

Declaramos entender que a integridade das informações e a garantia da confidencialidade dos dados e a privacidade dos indivíduos que terão suas informações acessadas estão sob nossa responsabilidade. Também declaramos que não repassaremos os dados coletados em sua íntegra, ou parte dele, a pessoas não envolvidas na equipe da pesquisa.

Os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para este projeto.

Belo Horizonte.

Nome completo (sem abreviação)	Assinatura
CONCEIÇÃO CLARETE XAVIER TRAVALHA	
GILSON ANTONIO MATHIAS	

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a mesma a utilizar os dados dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados, o pesquisador deverá apresentar o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Belo Horizonte,

---

Nome legível/assinatura e carimbo do responsável pela anuência da Instituição